

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAIANO  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA,  
DESIGUALDADES E DESENVOLVIMENTO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**CORPOS NEGROS NA ENCRUZILHADA  
DESCOLONIALIDADE, EMANCIPAÇÃO E CAMINHOS  
IDENTITÁRIOS NA POLÍTICA: NARRATIVAS DO NÚCLEO  
AKOFENA**

Juliana Patricia Pacheco Macambira Costa

CACHOEIRA-BAHIA  
2024

JULIANA PATRICIA PACHECO MACAMBIRA COSTA

**CORPOS NEGROS NA ENCRUZILHADA DESCOLONIALIDADE,  
EMANCIPAÇÃO E CAMINHOS IDENTITÁRIOS NA POLÍTICA:  
NARRATIVAS DO NÚCLEO AKOFENA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Ciências Sociais.

**Orientador:** Drº Diogo Valença de Azevedo Costa.

**CACHOEIRA-BAHIA  
2024**

---

C837c

Costa, Juliana Patricia Pacheco Macambira.

Corpos negros na encruzilhada descolonialidade, emancipação e caminhos identitários na política: narrativas do Núcleo Akofena. / Juliana Patricia Pacheco Macambira Costa. Cachoeira, BA, 2024.

107f.:il.: color.

Orientador: Prof. Dr. Diogo Valença de Azevedo Costa.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento, 2024.

1. Núcleo Akofena. 2. Estudantes negros. 3. Antirracismo. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 371.829

---

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB

Responsável pela Elaboração – Liliam Góes Lima (Bibliotecária – CRB-5/ 1905)  
(Os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

Juliana Patricia Pacheco Macambira Costa

**CORPOS NEGROS NA ENCRUZILHADA  
DESCOLONIALIDADE, EMANCIPAÇÃO E CAMINHOS  
IDENTITÁRIOS NA POLÍTICA: NARRATIVAS DO NÚCLEO AKOFENA**

Dissertação submetida à avaliação para obtenção do grau de mestre em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira 30 de dezembro de 2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** **DIOGO VALENÇA DE AZEVEDO COSTA**  
Data: 07/03/2025 11:35:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Diogo Valença de Azevedo Costa (Orientador)  
Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** **FLAVIA DA SILVA CLEMENTE**  
Data: 07/03/2025 13:28:05-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Flávia da Silva Clemente  
Dra<sup>o</sup> em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** **WILSON ROGERIO PENTEADO JUNIOR**  
Data: 07/03/2025 11:46:11-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Wilson Rogério Penteado Jr.  
Doutor em Antropologia pela Unicamp

CACHOEIRA-BAHIA  
2024

Dedico esta dissertação a mim que os caminhos apresentados na infância anularam minha identidade. Mas nas encruzilhadas da vida, os caminhos abertos pelos nossos ancestrais, permitiu validar minha existência.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à persistência que me permitiu alcançar lugares antes inimagináveis, assim como os caminhos que facilitaram essa realização. Expresso minha gratidão a todas as pessoas que contribuíram para que esta dissertação fosse possível, incluindo aquelas que, mesmo sem terem sido entrevistadas, demonstraram disposição em ajudar na pesquisa. Suas contribuições foram mencionadas por colegas durante as entrevistas, evidenciando a importância de cada indivíduo, suas narrativas, conhecimentos e lutas na construção do Núcleo Akofena.

Rememorar um coletivo formado por estudantes do CAHL significa reconhecer não apenas suas lutas individuais e coletivas, mas também suas conquistas em espaços historicamente dominados por pessoas brancas. Valorizamos nossas vozes, vivências, ancestralidades, conquistas e vitórias.

Aos membros do Núcleo Akofena, meu profundo agradecimento. Foi enriquecedor ouvir sobre suas lutas identitárias e políticas. Ainda que formassem um coletivo, cada um trazia suas especificidades e buscava apoio mútuo como forma de resistência e existência. Suas narrativas fortaleceram os espaços de vulnerabilidade social no Recôncavo e no meio acadêmico, abrindo portas para novas gerações. Relataram diversas questões sociais que afetam corpos negros, mas que não os impediram de seguir em frente. Agradeço por compartilharem suas experiências, que de alguma forma ajudaram a traçar a trajetória de cada um que fez parte do Núcleo Akofena.

Ao meu orientador, Diogo Valença, expresso minha gratidão pela escuta atenta, paciência e orientação ao longo desta jornada. Agradeço também a Flávia Clemente e Wilson Penteado por suas valiosas contribuições.

Ao meu companheiro, Lourival, obrigada por estar ao meu lado e compartilhar comigo cada conquista. E à Vanessa, que me incentivou a me inscrever no mestrado, algo que até então eu não cogitava. Sempre há alguém que acredita em nós, e sou grata por isso.

## EPÍGRAFE

Filhos legítimos do seu próprio trabalho, de sua própria transformação desta terra, os negros no Brasil nada devem a ninguém. Devem, isto sim, é retomar construtivamente seus valores, os valores de seus avós, e reformarem esta sociedade. Ela também é deles. Quase que só a eles pertence.

Wilson do nascimento e Joel Rufino dos Santos. Atrás do muro da noite.

Vozes-Mulheres A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. ecoou lamentos de uma infância perdida. A voz de minha avó coou obediência aos brancos-donos de tudo. A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome. A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância O eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 2008, p. 10-11).

## RESUMO

Narrativas são sempre complexas e, ainda que esta pesquisa seja uma dissertação, ela não deixa de ser uma história contada ou recontada de eventos reais ou “fictícios” que narram contextos de lutas políticas de pessoas inseridas em uma complexa interseccionalidade e, sobretudo, em embates no campo das políticas públicas institucionais. Entre avanços e retrocessos, as narrativas estão em constante movimento buscando respostas sobre o que se apresenta como convicção e atuando na desnaturalização dos fatos. Esta dissertação tem como principal objetivo compreender a história e atuação do Núcleo Akofena criado por estudantes do Centro de Artes, Humanidades e Letras da (UFRB) em 2009. Importante salientar a centralidade nas vivências desses estudantes negros que ingressaram na universidade a partir das reservas de cotas ou não, compreendendo suas interversões no espaço acadêmico e no território do Recôncavo Baiano. Com o aumento de estudantes negro nas universidades, devido às cotas raciais em educação, proporcionou-se discutir a temática desta pesquisa. Embora o tema principal não seja as políticas afirmativas em educação, tais políticas modificaram os corpos dos estudantes presentes nas universidades, mas não foram capazes de modificar a estrutura eurocêntrica das academias e, sobretudo, o olhar subjetivo dos corpos negros em espaço ditos da branquitude. A coexistência dessas dicotomias de acesso e as novas políticas foi fundamental para a pesquisa do coletivo antirracista, especificamente o Núcleo Akofena. O objetivo é dialogar com as mudanças nas universidades, particularmente em relação aos indivíduos negros que atuam de forma descolonial e manifestam sua identidade política e racial. Portanto, buscamos responder os seguintes objetivos específicos: 1. descrever quais experiências epistêmicas o Núcleo Akofena vivenciou durante as ações coletiva; 2. identificar as ferramentas emancipatórias e políticas utilizadas como instrumento antirracista pelo coletivo; 3. descrever como as alianças identitária se fizeram presente nos espaços de diálogos. Dentro desta perspectiva a metodologia se debruça sobre a netnografia sobre o olhar de Braga (2007), Kozinets (2014) e a cartografia de Deleuze e Guattari (1995). Esta pesquisa é de natureza qualitativa e objetiva compreender, por meio da netnografia e cartografia social, as interações subjetivas do Núcleo Akofena no espaço acadêmico e suas dimensões no território do Recôncavo. Para isso, foram utilizados meios de comunicação como blogs, fotografias e entrevistas online e presenciais, que foram gravadas e transcritas para o Word utilizando o sistema de ditado do Office. Além disso, foi realizada a leitura de um artigo específico sobre o Núcleo Akofena, escrito pelo membro Fred Aganju. Com a seguinte pergunta norteadora da pesquisa: como a literária negra marcada pela descolonialidade desenvolve ferramentas para superar as narrativas coloniais a partir da identidade na política. Por meio da abordagem qualitativa dos membros que fizeram parte do Núcleo Akofena no CAHL-UFRB. Consideramos que nossos resultados concluíram que a literatura negra descolonial é um fator importante na construção da identidade racial e valorização do povo negro, além disso, se torna ferramenta importante para a construção de alianças e enfrentamento ao racismo.

**Palavra-Chave:** Descolonialidade; Epistemologia; Identidade na Política; Literária negra.

## ABSTRACT

Narratives are always complex, and even though this research is a dissertation, it is still a story told or retold of real or "fictional" events that narrate contexts of political struggles of people inserted in a complex intersectionality and, above all, in clashes in the field of institutional public policies. Between advances and setbacks, the narratives are in constant movement, seeking answers about what presents itself as conviction and acting in the denaturalization of facts. This dissertation aims to understand the history and actions of the Akofena Nucleus created by students of the Center for Arts, Humanities, and Letters (CAHL) at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB) in 2009. It is important to highlight the centrality of the experiences of these black students who entered the university either through quota reservations or not, understanding their interventions in the academic space and the territory of the Recôncavo Baiano. With the increase of black students in universities due to racial quotas in education, it became possible to discuss the theme of this research. Although the main theme is not affirmative action policies in education, these policies changed the bodies of students present in universities but were not able to change the Eurocentric structure of the academies and, above all, the subjective view of black bodies in spaces said to belong to whiteness. The coexistence of these access dichotomies and new policies was fundamental for the research of the anti-racist collective, specifically the Akofena Nucleus. The objective is to dialogue with the changes in universities, particularly concerning black individuals who act in a decolonial manner and manifest their political and racial identity. Therefore, we seek to answer the following specific objectives: 1. describe which epistemic experiences the Akofena Nucleus experienced during collective actions; 2. identify the emancipatory and political tools used as an anti-racist instrument by the collective; 3. describe how identity alliances were present in dialogue spaces. Within this perspective, the methodology leans on netnography according to Braga (2007), Kozinets (2014), and Deleuze and Guattari's (1995) cartography. This research is qualitative and aims to understand, through netnography and social cartography, the subjective interactions of the Akofena Nucleus in the academic space and its dimensions in the Recôncavo territory. For this, communication means such as blogs, photographs, and online and in-person interviews were used, which were recorded and transcribed to Word using the Office dictation system. Furthermore, a specific article about the Akofena Nucleus, written by member Fred Aganju, was read. With the following guiding question of the research: how does black literature marked by decoloniality develop tools to overcome colonial narratives from identity in politics? Through the qualitative approach of the members who were part of the Akofena Nucleus at CAHL-UFRB, we consider that our results concluded that decolonial black literature is an important factor in the construction of racial identity and the valorization of black people. Moreover, it becomes an important tool for building alliances and combating racism.

**Keywords:** Decoloniality; Epistemology; Identity in Politics; Black literature.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CAE - Coordenadoria de Assuntos Estudantis

CAHL - Centro de Artes Humanidades e Letras

CCN - Cidadania Consciência Negra

COPAF - Coordenadoria de Políticas Afirmativas

GAEU - Galeria de Arte Espaço Universitário

NAIE - Núcleo de Acompanhamento Integrado ao Estudante

NGPCAHL - Núcleo de Gestão da PROPAAE no CAHL

NGPCAM - Núcleo da PROPAAE do CFP

NGPCETENS - Núcleo de Gestão da PROPAAE no CETENS

NUAPIP - Núcleo de Acompanhamento ao Site e aos programas de Ingresso, Permanência e Pós-permanência

NUGIF - Núcleo de Gestão de Infraestrutura Física e Apoio ao Estudante

NNE - Núcleo de Estudantes Negros e Negras da UFRB

OGNs - Organização Não Governamental

PROPAAE - Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis

PROPAAE CECULT - Núcleo de Gestão da PROPAAE Campus CECULT

PROPAAE/CCS - Núcleo da PROPAAE no CCS

SECAD - Secretaria de Apoio Administrativo da PROPAA

UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrevista com Weder Bruno, 08 de junho de 2024 .....	20
Figura 2 – Acervo pessoal Samyr Ferreira .....	22
Figura 3 – Acervo pessoal Giselli Oliveira .....	24
Figura 4 – Entrevista com Clíssio Santa, 07 de dezembro de 2024 .....	26
Figura 5 – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Centro de Artes, Humanidades e Letras UFRB (CAHL) .....	28
Figura 6 – Símbolo Akofena .....	62
Figura 7 – Angela Davis, é Akofena! A luta se faz na emoção. A história está viva! Cachoeira -Ba, 22 de novembro de 2012 .....	63
Figura 8 – Conversa com Cuti - novembro negro. Roda de diálogo com Cuti, novembro de 2010.....	64
Figura 9 - Sou filho de preto, quero respeito .....	69
Figura 10- Caminhada contra Violência Policial- Dia 12 de outubro de 2011 a Comunidade do Viradouro sai as ruas dizendo basta a violência policial. Cachoeira – BA .....	70
Figura 11 Caminhada contra Violência Policial- Dia 12 de outubro de 2011 a Comunidade do Viradouro sai as ruas dizendo basta a violência policial. Cachoeira – BA .....	70
Figura 12 – Cine Nina Rodrigues .....	78
Figura 13 – Festival da EHH 1 Festival da Escola HIP HOP – comunidade do Viradouro. Cachoeira-Ba,09 de dezembro 2012.....	81
Figura 15 – Oficina de Graffiti – EHH Oficina de graffiti da escola de hip hop – professor grafiteiro Jasco.São Félix-Ba,25 novembro 2012 .....	82
Figura 16 – 1º caminhada do povo de santo de Cachoeira .....	82
Figura 17 – Paralisação por acessibilidade do CAHL- UFRB .....	84
Figura 18 - Assembleia Quilombola - Assembleia em defesa do território das comunidades quilombolas - Movimento dos Pescadores e Pescadoras. Ilha de Cajaíba - São Francisco do Conde (12 e 13 de abril de 2011) .....	85
Figura 19 - II curso de formação básica: A questão Racial no Brasil. 26/05/2012 – Cachoeira- Ba. Nos instrumentalizando e reeducando.....	86
Figura 20 - Fórum 20 de Novembro - 2009.....	87
Figura 21 - Ato Contra Opressões .....	87

## LISTA DE GRÁFICOS

Tabela 1 – Organização Institucional .....	17
Tabela 2 – Curso de graduação do CAHL.....	17
Tabela 3 – Curso de Pós-Graduação do CAHL.....	18
Tabela 4 – Estudantes do CAHL.....	18
Tabela 5 – Faz-se cumprir por todos os meios necessários. Reparação já!.....	75
Tabela 6 – Nós por nós! Formação interna.....	77
Tabela 7 – Revista REPensando.....	77
Tabela 8 – Cine do povo: Viradouro.....	80
Tabela 9 – Arte na comunidade.....	80

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>ENCONTROS E DESENCONTROS .....</b>	<b>13</b>
<b>O CAMPO DA PESQUISA TERRITÓRIO DO RECÔNCAVO E O CENTRO DE ARTES,     HUMANIDADES E LETRAS.....</b>	<b>16</b>
<b>DESCOLONIALIDADE: DESCOLONIZANDO A MENTE .....</b>	<b>28</b>
<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO I – A BRANQUITUDE E A PRESERVAÇÃO DE SEUS PRIVILÉGIOS .....</b>	<b>34</b>
1.1 Raça na Perspectiva da Proibição do Conhecimento .....	34
1.2 Racismo: uma realidade esquizofrênica da branquitude .....	38
1.3 Alianças Identitárias em Política.....	40
<b>CAPÍTULO II – DESCOLONIALIDADE OUTRA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO .....</b>	<b>43</b>
2.1 Educação superior e seus desafios Colonial/Moderno .....	44
2.2 Construindo novas perspectivas e caminhos possíveis nas Universidades Brasileiras .....	47
<b>CAPÍTULO III – LITERATURA E PERTENCIMENTO: POSSÍVEIS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE .....</b>	<b>52</b>
3.1 Literatura negra espaço identitário e de afetos .....	51
3.2 Escrivência: escrevendo histórias reais .....	53
<b>CAPÍTULO IV – QUILOMBO: ALIANÇAS DO NÚCLEO AKOFENA .....</b>	<b>61</b>
4.1 Núcleo Akofena: Um exercício de quilombamento no território do Recôncavo Baiano .....	61
4.2 Projetos e diálogos: A cultura nas encruzilhadas .....	76
4.3 Os encontros e rupturas .....	86
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>89</b>
<b>QUESTIONÁRIO .....</b>	<b>92</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação resulta da minha trajetória acadêmica, marcada por diversos conflitos, reflexões e questionamentos, mas também de esperanças. Descrever a partir do *lócus* que ocupo é árduo, mas o conhecimento nos move. A emancipação talvez seja a palavra que buscamos incessantemente. Embora esse discurso pareça persuasivo, tenho dificuldades em compreendê-lo integralmente. Esforço-me para responder às inquietações que permeiam minhas frustrações pessoais, enquanto busco caminhos viáveis na luta antirracista. Nestes encontros dicotômicos, há momentos de autossabotagem e autoconfiança que influenciam minha produção acadêmica como mulher preta, intelectual, cotista<sup>1</sup>, *outsider within*<sup>2</sup>, mãe, artesã<sup>3</sup> e professora. Em meio às subjetividades sem definições concretas, compreendo que caminhar seja nossa alternativa segura para um presente justo e um futuro promissor. A sociologia das emergências consiste em substituir o vazio do futuro segundo tempo linear por um futuro de possibilidades plurais, concretas, e simultaneamente utópicas e realistas, que vão se construindo no presente mediante atividades de cuidado. (GOMES, 2017, p. 41).

Esta pesquisa busca responder como a literária afro-brasileira marcada pela descolonialidade desenvolve ferramentas para superar as narrativas coloniais a partir da identidade na política. O estudo aborda um discurso antirracista no contexto universitário, com foco nas narrativas do núcleo Akofena. Importante salientar a centralidade nas vivências desses

---

<sup>1</sup> O governo federal por meio da lei 12.711, publicada em 29 de agosto de 2012, decidiu instituir ações afirmativas nas universidades federais, tornando obrigatória e padronizada estas ações para todas as universidades federais. Segundo esta lei, todas as universidades federais deverão destinar 50% de suas vagas, em cada curso e turno, para estudantes que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas, ou seja, raça não é o marcador de entrada, mas sim o candidato ter estudado em escolas públicas. Em seguida, utiliza-se critérios socioeconômicos pelos quais 50% destas vagas também deverão ser reservadas a estudantes de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salários-mínimos per capita. Por fim, considera-se a dimensão étnico-racial pela qual as vagas deverão ser preenchidas por autodeclarados pretos, pardos e indígenas em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas existentes na população da unidade da federação onde está instalada cada universidade, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). [Visão da ação afirmativa e dos estereótipos sociais: desconstruindo o mito da inferioridade minoritária](#)

<sup>2</sup> Por muito tempo mulheres negras têm ocupado posições marginais em ambientes acadêmicos. Argumento que muitas intelectuais negras têm feito uso criativo de sua marginalidade, do seu status de *outsider within*, para produzir um pensamento feminista negro capaz de refletir um ponto de vista especial em relação ao "self", à família e à sociedade. Descrevo e exploro o significado sociológico de três temas característicos deste pensamento: 1. a autodefinição e a autoavaliação das mulheres negras; 2. a natureza interligada da opressão; e 3. a importância da cultura das mulheres afro-americanas. [SciELO Brasil - Aprendendo com a outsider within Aprendendo com a outsider within](#)

<sup>3</sup> A atividade do artesanato pode ser considerada um dos campos de representação da cultura de um povo, sendo responsável por contribuir com a identidade cultural de um grupo, uma cidade, um país (SOARES; FISCHER, 2010). [monica,+2120-4390-1-CE.pdf](#)

estudantes pretos, que ingressaram na universidade a partir das reservas de cotas ou não. Sobretudo, o reconhecimento do protagonismo desses estudantes que possibilita uma autonomia positiva sobre a história afro-brasileira. Portanto, reconhecemos que a vivência da população negra se constitui como uma das experiências mais desafiadoras dentro de uma sociedade eurocêntrica e colonial, na qual os valores são atribuídos às pessoas brancas e ditas “universalistas<sup>4</sup>”. É sobre essas narrativas que caminhamos na direção de des(re)construí-las.

Desta forma, o objetivo principal é compreender a história e atuação do Núcleo Akofena criado por estudantes do Centro de Artes, Humanidades e Letras da (UFRB) em 2009. Dessa forma, pretendemos atingir os seguintes objetivos específicos: 1. descrever quais experiências epistêmicas o Núcleo Akofena vivenciou durante as ações coletivas; 2. identificar as ferramentas emancipatórias e políticas utilizadas como instrumento antirracista pelo coletivo; 3. descrever como as alianças identitárias se fizeram presente nos espaços de diálogos

O campo de pesquisa é o Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), localizado no Recôncavo Baiano, especificamente na cidade de Cachoeira, banhada pelo rio Paraguaçu, reconhecida historicamente pelas suas lutas e resistência contra o colonialismo. O núcleo Akofena, constituído por estudantes dos cursos de graduação baseado em princípios antirracistas foi criado nesta instituição.

Embora a insegurança seja um obstáculo na construção da minha identidade na política, reconheço que nossa história é constituída por nossas ancestrais. Destaco minhas experiências tanto no campo acadêmico quanto fora dele, na tentativa de construir uma referência que não conseguimos encontrar no espaço universitário, conforme mencionada por Pinheiro (2020). Diante da ausência de uma referência intelectual negra, busco descolonizar o conhecimento através do núcleo Akofena. (PINHEIRO, 2020, grifo nosso). Tais vivências me ensinaram a valorizar meu papel na promoção da luta antirracista e a importância de compartilhar minha trajetória como mulher negra.

Nas últimas décadas, pesquisas têm explorado as potencialidades dos personagens negros em relação à valorização de seu povo. Intelectuais têm abordado estruturas racistas e promovido educação para a população, especialmente na conscientização sobre o racismo. A literatura, bem como os livros científicos escritos por autores negros, oferece uma perspectiva

---

<sup>4</sup> Segundo Hahn, "Kant acredita poder explicar as raças humanas como derivações que ocorrem em conformidade ou em desconformidade com o tronco (gênero) original", uma vez que o texto de Kant "defende que há apenas um único gênero humano, que descende de um único tronco". Ainda segundo o tradutor, o texto do filósofo alemão, aqui apresentado, mostra a forma como Kant enxergava as predisposições (Anlagen) e os germes (Keime) na constituição da natureza humana, apesar da visão teleológica, nessa obra, ter um foco meramente físico (biológico). Das diferentes raças humanas Immanuel Kant. ROCHA Munira Gottardello de. (Kant e-Prints. Campinas, Série 2, v. 5, n. 5, p. 01 - 03, número especial, jul.- dez., 2010).

educadora alternativa que possibilita experiências transformadoras para a comunidade negra e para o mundo.

O propósito de descrever narrativas identitárias na política de pessoas negras é alimentar a esperança de um futuro em que vidas negras não sejam ameaçadas pelo colonialismo ainda presente em nossa existência. Seguimos caminhando ao longo do tempo com o compromisso de construir um amanhã melhor, cientes dos desafios que ainda precisamos enfrentar em um contexto marcado pelo imediatismo. Ainda que, a experiência da população negra se constitui como uma das experiências mais desafiadoras dentro de uma sociedade eurocêntrica e colonial, e por isso, caminhamos na direção de des(re)construí-las.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos:

O primeiro capítulo trazemos a perspectiva da raça, racismo e alianças identitárias em política. Buscamos elucidar neste capítulo o aspecto violento sobre raça na perspectiva da branquitude, pelas lentes de Lelia Gonzalez (2020), Silvio Almeida (2019), Quijano (2005), Carneiro (2011), Munanga, (2012) entre outros.

Ao longo do tempo há mudanças significativa na luta contra o racismo, mas ainda é possível analisar como a branquitude utiliza dinâmicas de poder e opressão que sustentam o racismo, não como uma simples característica fenotípica, mas como um sistema de privilégios e normas sociais, desde o micro nível das interações cotidianas até as macroestruturas políticas e econômicas. Desta forma, compreender como as relações se constituem ao longo do tempo, onde as diferenças abrem espaços para uma relação de violência contra o povo negro. Dessa forma, a literatura se configura como um instrumento fundamental para a conscientização e a democratização do saber, além de evidenciar a necessidade de desafiar a hegemonia da literatura brancocêntrica.

Nesse sentido, a literatura afro-brasileira evidencia a urgência de novas narrativas, enriquecendo o debate intelectual e promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva no campo acadêmico. Ao romper com as estruturas de poder colonial, essa literatura contribui para a construção de identidades na política. Além disso, é utilizada como uma categoria descolonial, funcionando como um instrumento capaz de desconstruir as narrativas impostas pela branquitude.

Destacamos como o conceito de raça foi utilizado para classificar a humanidade, excluindo e negando o reconhecimento da humanidade do povo negro, como o Continente Africano, e resultando na invalidação de seus aspectos culturais e históricos. Dessa forma, compreende-se que a noção de raça foi instrumentalizada para estabelecer e perpetuar hierarquias. Portanto, torna-se essencial um exercício crítico que leve a branquitude a

reconhecer sua posição de dominação e, conseqüentemente, admitir a existência e a relevância de outras etnias historicamente invisibilizados.

Partimos da concepção de como o racismo se manifesta no Brasil, com base nas análises de Gonzalez (2020) sobre a sintomática do racismo. De fato, a condição de escravidão e sua perpetuação nas estruturas do país estão diretamente ligadas a um processo de negação das origens e ancestralidades da população negra. No entanto, nem todo discurso pode ser reduzido às conseqüências da escravidão; é fundamental compreender quais fatores ainda impedem o reconhecimento do papel crucial da população negra na contemporaneidade.

Falar sobre raça a partir da perspectiva da autovalorização do povo negro é essencial, pois, do contrário, corremos o risco de reproduzir o discurso do colonizador. No entanto, esse exercício exige o comprometimento de toda a sociedade.

No tópico seguinte, Identidade na Política, fazemos uma reflexão sobre a identidade na política, e não sobre a política de identidade, pois este último termo está associado a um padrão social historicamente aceito para ocupar espaços de poder, predominantemente por homens brancos. Com base nas análises de Mignolo (2008), propomos uma abordagem descolonial sobre o tema, enfatizando a importância do reconhecimento da identidade na política e seu papel na promoção de mudanças sociais.

O segundo capítulo trata da educação superior e propõe caminhos para a construção da descolonialidade nas universidades. Para isso, sintetizamos o conceito de colonialismo versus modernidade, com base nas análises de Grosfoguel (2013). O autor destaca como a dominação se vale de fatores sociais para restringir o acesso à educação, garantindo a manutenção dos privilégios e impedindo sua disseminação de forma equitativa. Assim, a colonialidade, vinculada às conquistas, mantém o domínio sobre os povos, suas culturas, a educação e as religiões.

Partimos da perspectiva de dar protagonismo a autores negros, negras e aos povos indígenas nos espaços de poder, rompendo com a estratificação social. Buscamos possibilitar transformações e promover um olhar a partir da perspectiva do outro — neste caso, do homem negro como sujeito emancipador, ocupando espaços geopolíticos e corpo-políticos, dentro de uma abordagem epistemológica humanizada do povo negro.

Para responder aos novos contextos políticos, esta pesquisa se conecta a uma das mais importantes políticas públicas instituídas no Brasil: as ações afirmativas na educação. Essas políticas possibilitaram e continuam possibilitando o ingresso de estudantes negros nas universidades públicas em todo o país.

Nesse cenário, o ambiente universitário favoreceu o surgimento de novos coletivos políticos estudantis, que se adaptam às demandas emergentes, permanecendo em constante transformação e contribuindo para a construção de novas perspectivas epistemológicas negras. Essas mudanças não apenas moldam as universidades públicas, mas também ressignificam suas estruturas.

As políticas afirmativas na educação, sancionadas pela Lei 12.711/2012, possibilitaram um aumento significativo no número de estudantes que ingressaram na graduação por meio do sistema de cotas raciais nas universidades públicas. Esse avanço ganhou destaque, tornando-se uma pauta relevante tanto nos debates acadêmicos quanto na sociedade em geral.

Nesse contexto, a Conferência de Durban se destaca como uma das principais referências na luta contra o racismo, especialmente no âmbito educacional no Brasil. Em síntese, as políticas afirmativas em educação abrem portas para o “lento processo de construção da democracia racial no Brasil”, como nos aponta Mattos (2023).

Entre as mudanças subjetivas mais perceptíveis desse contexto histórico emergente, destaca-se a formação autônoma de coletivos políticos de estudantes negras e negros nas universidades públicas brasileiras. Embora o tema mereça uma discussão mais ampla, nosso objetivo aqui não é aprofundá-lo, mas reconhecê-lo como um marco descolonial que abre espaço para novas narrativas.

Nesta dissertação, elucidaremos as transformações de um dos coletivos políticos estudantis, com ênfase nos estudantes negros, sejam eles cotistas ou não. Nosso foco estará nos novos contextos epistemológicos que vêm sendo construídos no ambiente universitário por meio das ações coletivas de estudantes, contando também com a colaboração de membros da categoria docente. Escolhemos o Núcleo de Negras e Negros Estudantes, o Núcleo Akofena, por sua relevância histórica, pois foi criado nos primeiros anos de funcionamento do Centro de Artes, Humanidades e Letras da UFRB (CAHL/UFRB). A UFRB, fundada em 2006, surgiu como parte do projeto de interiorização e democratização do ensino superior nos primeiros governos Lula.

O terceiro capítulo destaca a literatura negra e o conceito de escrevivências, buscando retratar como, ao longo do tempo, a literatura esteve majoritariamente vinculada à branquitude, tornando-se um instrumento de dominação por meio do capital econômico. Dessa forma, o acesso à literatura foi restrito a poucos, assim como os padrões de escrita, limitando a diversidade de narrativas e vozes.

No contexto do colonialismo, mesmo as pessoas negras que conseguiam “furar a bolha” enfrentavam restrições que as impediam de construir plenamente suas próprias narrativas

identitárias em meio a um cenário de intensa dominação. Trata-se de uma tarefa exaustiva, o que torna essencial o debate sobre a literatura negra, escrita em estreita relação com a realidade à qual está submetida. O reconhecimento de uma história é, acima de tudo, o reconhecimento de toda uma nação. A ruptura ocorre com a branquitude, abrindo espaço para uma consciência crítica e emancipatória. As escrituras desafiam as regras impostas pelas estruturas colonialistas, projetando novos futuros e encerrando ciclos de violência.

No quarto capítulo, analisamos a história e a atuação do Núcleo Akofena, destacando o papel político do coletivo e de seus integrantes. Buscamos compreender quais demandas foram efetivamente atendidas e refletimos sobre a criação do núcleo a partir de uma perspectiva política e antirracista.

Exploramos as narrativas dos membros que fizeram parte do Núcleo Akofena, desde suas trajetórias individuais até suas experiências como estudantes no CAHL. Também examinamos os projetos desenvolvidos dentro do coletivo e as alianças estabelecidas em prol de um objetivo comum.

Além disso, investigamos as transformações perceptíveis decorrentes da atuação do grupo, tanto no Centro de Artes, Humanidades e Letras quanto nas comunidades de Cachoeira. Analisamos o impacto da literatura afro-brasileira como instrumento epistemológico negro e sua influência na valorização identitária. Por fim, discutimos as alianças formadas entre os integrantes, seus benefícios para a comunidade e a instituição, bem como as fragmentações que ocorreram ao longo do tempo.

## ENCONTROS E DESENCONTROS

Filha de Marli Pacheco, mulher multifacetada que atuou como doméstica<sup>5</sup>, costureira<sup>6</sup>, vendedora ambulante<sup>7</sup>, confeitadeira<sup>8</sup> e tantas outras profissões, e de Ubirajara Macambira, barbeiro<sup>9</sup> da cidade de Cachoeira Bahia. Minhas raízes estão fincadas em uma família proletarizada<sup>10</sup>, dentro de uma sociedade de classes marcada por desigualdade raciais.

Cresci em um contexto em que a falta de referências se refletia na escassez de livros literários e no silêncio das escolas. Minha história se entrelaça com tantas outras, transmitidas oralmente por nossos ancestrais e fortemente marcadas pela presença de mulheres negras. A escrivência atravessa nossos corpos, evidenciando a interseccionalidade<sup>11</sup>.

---

<sup>5</sup> Doméstica é uma palavra tão familiar na cultura brasileira que quem procura desvendar seu significado deve fazer um verdadeiro exercício de estranhamento. Um primeiro significado nos remete a alguém que é "relativo à casa ou à família", derivando daí a noção de criada como um modo de explicitar que alguém é criado no espaço doméstico, adotado naquele espaço, pertencente, de algum modo, à família. O outro significado de doméstica é atribuído ao espaço do lar, aquela pessoa que "trata do amanhã de sua casa" sendo ou não remunerada. [scielo brasil - <i>doméstica</i>: uma etnografia indiscreta <i>doméstica</i>: uma etnografia indiscreta](#)

<sup>6</sup> A história da costura no Brasil nasce a partir da colonização. A princípio, a única produção existente na época colonial concentrava-se nos tecidos grossos de algodão feitos em teares para uso e vestuário dos negros. Em sua única investida para fabricar tecidos mais refinados, o Brasil colônia teve refreada sua tentativa com um alvará de D. Maria I, que mandou destruir todos os teares do Brasil (JOFFILY, 1999). [Ofício costureira : um estudo sobre educação e as posições ocupadas no mercado de trabalho da confecção de vestuário na região metropolitana de Porto Alegre](#)

<sup>7</sup> Dois terços da população global vivem na pobreza e enfrentam uma luta diária para atender suas necessidades de subsistência. O trabalho com comércio ambulante se tornou um fenômeno da economia informal mundial, constituído por pessoas que não têm emprego e salário fixo, devido à falta de oportunidades de emprego convencionais. [o-oficio-de-vendedor-ambulante-e-suas-ferramentas-de-trabalho-demanda-por-estudos-ergonomicos.pdf](#)

<sup>8</sup> A confeitaria é uma arte culinária que se dedica à produção de doces, sobremesas e produtos de panificação que envolvem técnicas específicas de preparo e apresentação. Este segmento da gastronomia é conhecido por sua ênfase na estética e na complexidade dos sabores, utilizando ingredientes como açúcar, chocolate, frutas e laticínios para criar delícias que encantam os paladares. [O que é confeitaria: Entenda essa arte deliciosa](#)

<sup>9</sup> Os indícios acerca dos barbeiros no Brasil remontam ao início do período colonial quando o ofício aqui chegou com os padres jesuítas. Em 1549, os barbeiros, como os cabeleiros, eram inseridos nas classificações de artes e ofícios no Brasil como artes distintas, diferença que permanece até os dias de hoje. Porém, a atuação e modo de trabalho dos barbeiros não são registrados, embora possamos constatar indícios de sua existência apenas (AUED, 1999, p. 23). Cabelo, barba e bigode”: memória dos barbeiros em Sergipe (1960-2007). Teles, Eduardo Lopes; Sá, Antônio Fernando de Araújo.

<sup>10</sup> uma classe *na* sociedade civil que não é uma classe *da* sociedade civil, um estamento que é a dissolução de todos os estamentos, uma esfera que possui um caráter universal por seu sofrimento universal e que não reivindica nenhum *direito particular*, uma vez que nenhuma *injustiça em particular*, mas sim a *injustiça de modo geral*, lhe é perpetrada. [Scielo brasil - o conceito marxiano de proletariado: uma crítica o conceito marxiano de proletariado: uma crítica](#)

<sup>11</sup> A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação, sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras- são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Collins, Patricia Hill. Interseccionalidade [recurso eletrônico] / Patricia Hill Collins, Sirma Bilge; trad. Rane Souza. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2020.

Cresci ouvindo as histórias de minha mãe sobre sua infância, sobre como as meninas, desde cedo, aprendiam o trabalho doméstico e, muitas vezes, não frequentavam a escola. Ela sempre dizia que era preciso ter cuidado para que o sabão de lavar louças não caísse no rio, pois a vida ribeirinha era difícil, o sabão era caro e nem sempre havia em casa.

Essas são apenas algumas das tantas histórias que ouvi. Talvez o tempo tenha me feito esquecer algumas, enquanto outras permanecem vívidas em minha memória. Revisitei Evaristo, *Olhos d'Água*, na tentativa de lembrar a cor dos olhos de minha mãe.

Conceição Evaristo me faz retornar ao passado tentando descobrir qual é a cor dos olhos de minha mãe? Acredito que essa é uma pergunta que não saberei responder. Porque, somos assombrados por uma realidade da sobrevivência do agora. [...] cresci rápido, passando por uma breve adolescência. (EVARISTO, 2016, p. 12). Meu caminho foi carregado de espinhos, escuros e incertos, mas seguros porque tinha minha mãe. Quando estava ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias (EVARISTO, 2016, p. 12). Sua força e determinação em assumir a família não vinha de sua origem, mas de um sistema que negligencia e naturaliza as mulheres negras neste país.

Minha mãe sempre dizia: "*Não tive a oportunidade de estudar*". Suas asas foram cortadas. Ainda assim, ela nunca deixou de me incentivar a buscar a educação.

Foi o incentivo de uma mulher negra, de vida marcada por dificuldades, que não pôde frequentar a escola, mas compreendia, desde sempre, a importância dos estudos para suas filhas. Atravessar essa barreira me permitiu enxergar, nas entrelinhas, como o racismo e a interseccionalidade moldavam a realidade da nossa família. Mas reconheci dentro dessas narrativas a força da ancestralidade, não caminhamos sozinhas, e descubro que *a cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água*. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum (EVARISTO, 2016, p.15).

Mas o destino, hein! Como se tentasse me conduzir pelo mesmo caminho que o de minha mãe.

E o destino me levou por outros caminhos. Maternidade, trabalho invisível, responsabilidades precoces, essa se tornou a minha narrativa. Tornei-me aquilo que mais assombrava as famílias periféricas: um futuro incerto. Compartilhamos essas realidades, pois, no fim, não há como escapar das estatísticas que nos cercam.

Essa poderia ter sido minha narrativa final, não fosse a existência das cotas raciais na educação e a oportunidade de ingressar em uma universidade federal. Iniciei minha graduação

em 2015, aos 31 anos, e, entre encontros e desencontros, formei-me em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) abordou Educação, Políticas Afirmativas, Identidade e Relações Raciais. Minhas escolhas não foram aleatórias; talvez não fizessem sentido naquele momento, mas, assim como um rio, tudo foi encontrando seu curso natural.

Se em algum momento da minha vida a educação parecia algo distante, tornou-se uma realidade graças às políticas de cotas, que me possibilitaram o acesso ao ensino superior. Entre encontros e desencontros, encontrei a conexão com minha identidade, ancestralidade e memória.

González (2020), afirma que *a memória inclui, enquanto a consciência exclui*. Ao longo dessa trajetória, fui marcada pelas ausências, pela discriminação, pela objetificação e pelos estereótipos sobre o corpo negro feminino. No entanto, essas vivências também me permitiram reconhecer minha própria história—uma história atravessada pelo medo, mas, acima de tudo, pela resistência.

Hoje concludo esta dissertação com orgulho, celebrando minha caminhada e agradecendo pelas bênçãos recebidas. Agradeço aos Orixás<sup>12</sup> pela proteção, pelos caminhos abertos e pela força para seguir adiante, sempre com respeito às minhas raízes. Sou herdeira dessa religião, é ela que alimenta minha alma e minha ancestralidade.

---

<sup>12</sup> Os orixás são entidades que pertence a religião do candomblé, o ponto central do culto público é a crise de possessão. Constitui seu momento mais dramático e não é de espantar, em tais condições, que a atenção dos pesquisadores se tenha concentrado, inicialmente, em torno deste aspecto do candomblé. Tanto mais que a maior parte dos africanistas era constituída de médicos. Veremos que a religião africana vai colorir e controlar toda a existência de seus adeptos que o ritual privado é mais importante do que o cerimonial público e que, na medida em que o negro se sente africano, pertence a um mundo mental diferente. ao esquecer, porém, que a religião só conseguiu subsistir através das confrarias dos "filhos" e "filhas" de santo (as filhas muitíssimo mais mltimeras do que os filhos7), e que a função destes filhos e filhas é reencarnar, no desenrolar das grandes festas públicas, os Orixás8 seus antepassados. (BASTIDE, Roger. 1961, p. 20 grifo nosso).

## O CAMPO DA PESQUISA TERRITÓRIO DO RECÔNCAVO E O CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

O campo de pesquisa desta dissertação surge no Centro de Artes, Humanidades e Letras<sup>13</sup>, que se localiza no território do Recôncavo Baiano<sup>14</sup>, mais particularmente no município de Cachoeira. Este é o espaço onde as narrativas dos estudantes do CAHL são escritas e vivenciadas. Trata-se de uma cidade historicamente marcada pela luta pela Independência do Brasil, reconhecida não apenas em território nacional, mas também internacionalmente por sua riqueza cultural.

É neste solo que o *campus* CAHL é instalado no território do Recôncavo Baiano, a partir do desmembramento da Escola de Agronomia da UFBA, localizada em Cruz das Almas (COSTA, 2021, p. 14). Com 19 anos de existência, a universidade tem desempenhado um papel fundamental na descolonização do ensino superior, impulsionada pela atuação de seus discentes em um dos territórios mais negros da Bahia. Apesar de sua trajetória recente, vem promovendo avanços significativos por meio de políticas de inclusão e ações afirmativas, buscando melhorias contínuas dentro do centro.

Nascida a partir de uma ampla mobilização de sociedade baiana e em especial das regiões do Recôncavo e do Jiquiriçá a UFRB traz em sua essência uma expressão e proposição de saberes, conhecimento, formação, pesquisa e extensão diretamente relacionada à transformação social, notadamente, no que concerne a inclusão e igualdade sócio racial (FRAGA, 2010, APUD, COSTA 2021, pag, 16).

Na UFRB a Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis foi criada com o propósito de articular, formular e implementar políticas e práticas de democratização relativas ao ingresso, permanência e pós-permanência estudantil no ensino superior de forma dialógica e articulada com os vários segmentos

---

<sup>13</sup> O Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) é um Centro de Ensino vinculado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFBR) e instalado nos municípios de Cachoeira e São Félix. O CAHL promove uma formação humanista, voltada para a preparação de profissionais críticos, com conhecimento teórico e técnico, passíveis de atuação tanto no mercado de trabalho quanto na pesquisa acadêmica. Neste sentido, este Centro desenvolve uma compreensão mais ampla dos processos históricos, sociais, políticos e estéticos, promovendo a integração dos discentes com a cultura local e valorizando as potencialidades socioculturais e artísticas do recôncavo. [Conheça o CAHL](#)

<sup>14</sup> A palavra Recôncavo significa: “terra em redor de qualquer baía”. Fraga (2010) aponta que o Recôncavo Baiano é cercado pela Baía de todos os Santos e foi um dos principais territórios contribuintes com a formação social da Bahia. Relatório apresentado pelo governo da Bahia em (2016), demonstra que o referido território possui uma vasta extensão territorial no Estado, sua identidade está formada pelas seguintes municipalidades: Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus. São Felipe, São Félix, Salinas da Margarida, Sapeaçu, Saubara e Varzedo. A (Re) construção da identidade de jovens negros (as) a partir das políticas afirmativas em educação. COSTA (2021).

contemplados por estas políticas, pondo em prática uma ação de corresponsabilidade e mutualidade no trato com as demandas da comunidade acadêmica.<sup>15</sup>

#### Estrutura Organizacional da Instituição:<sup>16</sup>

<b>Sigla</b>	<b>Nome Completo</b>
PROPAAE	Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis
CAE	Coordenadoria de Assuntos Estudantis
NAIE	Núcleo de Acompanhamento Integrado ao Estudante
NUGIF	Núcleo de Gestão de Infraestrutura Física e Apoio ao Estudante
COPAF	Coordenadoria de Políticas Afirmativas
NUAPIP	Núcleo de Acompanhamento ao Site e aos programas de Ingresso, Permanência e Pós-permanência
NGPC AHL	Núcleo de Gestão da PROPAAE no CAHL
NGPCAM	Núcleo da PROPAAE do CFP
NGPCETENS	Núcleo de Gestão da PROPAAE no CETENS
PROPAAE CECULT	Núcleo de Gestão da PROPAAE Campus CECULT
PROPAAE/CCS	Núcleo da PROPAAE no CCS
SECAD	Secretaria de Apoio Administrativo da PROPAAE

TABELA: 1 - Organização Institucional

<b>Curso de Graduação<sup>17</sup></b>	<b>Curso Tecnólogo</b>
Artes Visuais	Tecnologia em Gestão Pública
Ciências Sociais	
Cinema e Audiovisual	
Comunicação Social	
Licenciatura em Artes Visuais	
Licenciatura em Ciências Sociais	
Licenciatura em História	
Museologia	
Publicidade e Propaganda	
Serviço Social	

TABELA: 2 - Curso de Graduação do CAHL

<b>Curso de Pós-Graduação<sup>18</sup></b>
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento
Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - Mídia e Formatos Narrativos
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural
Programa de Pós-Graduação em Política Social e Territórios

TABELA: 3 Curso de Pós-Graduação do CAHL

<sup>15</sup> <https://ufrb.edu.br/propaae/institucional/54-conteudo/975-apresentacao>

<sup>16</sup> <https://ufrb.edu.br/propaae/institucional/54-conteudo/975-apresentacao>

<sup>17</sup> <https://ufrb.edu.br/cahl/cursos>

<sup>18</sup> <https://ufrb.edu.br/cahl/cursos-de-pos-graduacao>

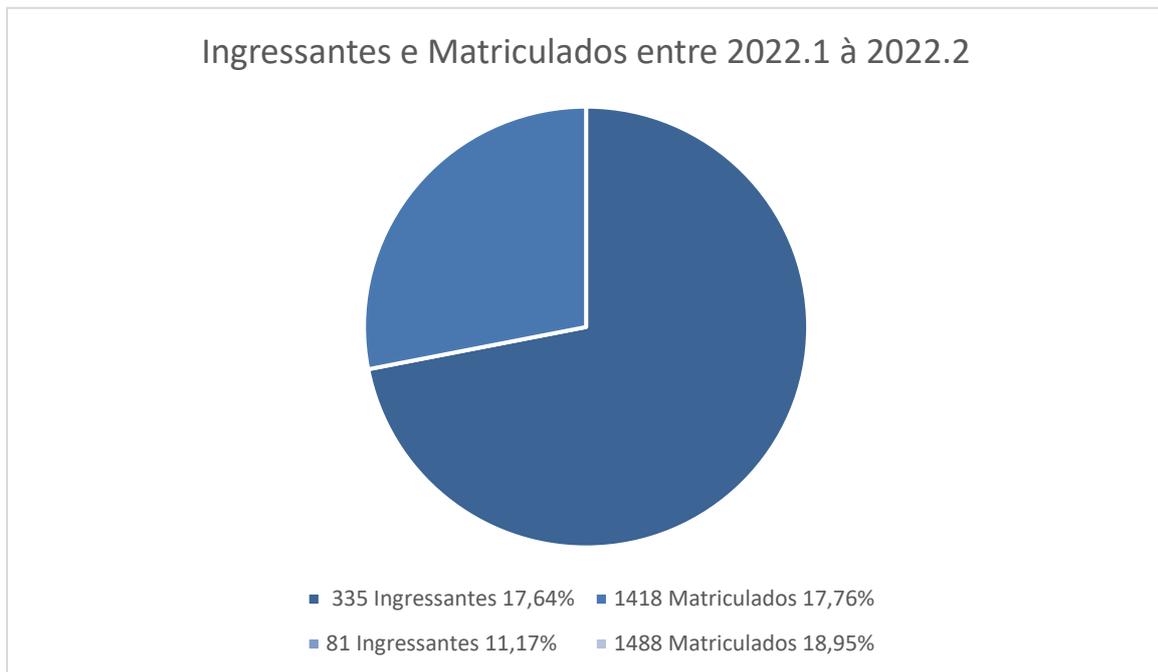


TABELA: 4 - Estudantes do CAHL<sup>19</sup>

Reconhecer a UFRB é: Para Fernandes (2019), a utopia é aquilo que ainda não tem lugar na nossa sociedade. Portanto, a utopia nos move para a construção do lugar. Ouso aqui a enxergar a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como uma utopia conquistada, que nasce a partir de lutas no contexto das políticas afirmativas, e se torna a maior política afirmativa no território baiano. O não lugar – encontra o lugar (COSTA, 2021, p. 16). Nesta pesquisa, retomo a mesma frase apresentada em meu trabalho de conclusão de curso: a UFRB é uma utopia conquistada. Essa conquista só foi possível graças à luta da população civil. O desmembramento da Universidade Federal da Bahia proporcionou ao Recôncavo Baiano a chegada da UFRB, trazendo assim novas pesquisas em um território marcado por uma vasta história de lutas e conquistas (COSTA, 2021, p. 15).

Giselli destaca como o Núcleo Akofena teve um impacto positivo na transformação da universidade, sublinhando a importância dos debates sobre identidade, racismo e as questões estruturais envolvidas. O núcleo contribuiu significativamente para mudanças e conscientização dentro da universidade. Ela também observa a discrepância entre o corpo discente negro e a estrutura da universidade, que não reconhecia o ambiente como um espaço negro. Portanto, havia a necessidade de o CAHL reconhecer e afirmar esse lugar.

<sup>19</sup> [Microsoft Power BI](#)

Acho que o Núcleo Akofena ajudou muito a própria universidade os docentes a direção a transformar a UFRB a universidade o CAHL, é em uma universidade negra né, porque a UFRB é tida como uma universidade preta, porém é... na época nós não víamos isso no cotidiano então, o núcleo Akofena ajudou muito levando os debates levando as demandas fazendo protesto enfim é... mostrando a necessidade desse debate<sup>20</sup>.

A escolha do tema sobre o coletivo Akofena justifica-se por razões evidentes, considerando minha experiência como estudante e as nuances subjetivas associadas à vivência de um corpo negro. Os eventos ocorridos dentro da universidade influenciaram diretamente na seleção deste tema. Minha trajetória universitária foi marcada por desafios que me levaram a refletir sobre um espaço que inicialmente promovia a ideia de uma universidade inclusiva para negros, mas que no cotidiano apresentava uma realidade distinta.

A minha experiência na universidade pode não ter sido única, mas foi marcada por desafios significativos e refletiu as complexidades de uma universidade com problemas institucional. Como alguém que vivenciou a situação internamente, pude compreender a importância de um coletivo negro que disseminasse informações sobre a relevância de ações coletivas entre estudantes negros na universidade, no qual, seu objetivo é fortalecer sua integridade e sua sobrevivência.

Além disso, o Núcleo Akofena se destaca como uma ferramenta essencial no combate ao racismo estrutural. Através de um exercício contínuo e repleto de afetos e resistência, vislumbrei no coletivo a possibilidade de traçar caminhos viáveis tanto dentro quanto fora da universidade. O objetivo é fornecer aos estudantes das novas gerações uma compreensão aprofundada do espaço acadêmico, bem como da importância de sua presença na luta contra o racismo estrutural.

Entre tantos desafios ainda era preciso descolonizar a estrutura da universidade. Deste modo, a partir do corpo discente do CAHL, surge o Núcleo de estudantes negros e negras da UFRB fundado em 2009. Nasce a partir de mobilizações e a necessidade de mudanças no Centro de Artes, Humanidades e Letras e nas comunidades locais.

O Núcleo Akofena tinha o propósito de promover mudanças significativas, atendendo tanto a demandas coletivas quanto individuais. As alianças formadas dentro do coletivo possibilitaram a transformação de diversas problemáticas na instituição de ensino, como a ampliação da acessibilidade, o incentivo ao estudo da literatura negra e a promoção de mudanças sociais relevantes no território do Recôncavo.

---

<sup>20</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: pergunta não estruturada. [entrevista concedida a Juliana Macambira] 19 ago. 2023

Portanto, apresento um pouco das escrevivências de alguns estudantes que fizeram parte do Núcleo Akofena, compartilhando suas histórias e trajetórias universitárias. Abaixo, seguem as imagens dos membros que foram entrevistados.



Figura 1 – Entrevista com Weder Bruno, 08 de junho de 2024

Possui Bacharelado (2018) e Licenciatura (2022) pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela UFRB (2023). Integrou o Núcleo de Estudantes Negros e Negras Akofena (NNNE). Integrou o Grupo de Pesquisa Memória, Processos Identitários e Territorialidades no Recôncavo da Bahia(MITO- 2014/2016). Professor de sociologia do Estado de Alagoas (2022)<sup>21</sup>

Meu primeiro contato com militantes do Núcleo Akofena ocorreu já nos momentos iniciais da pesquisa, a exemplo de Weder Bruno, egresso do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Mestre no programa de pós-graduação em ciências sociais e hoje professor concursado

No trecho abaixo Weder Bruno conta um pouco de sua história:

Nasce no Ceará, eu e minha família saímos do Ceará para São Paulo em busca de melhorias, especificamente em Jundiaí, uma região com forte presença da colônia italiana, as tensões raciais são bem-marcadas, bem evidentes percebi nas escolas que frequentei mesmo

---

<sup>21</sup> Informações retira do LATTES. [Plataforma Lattes](#)

sendo escolas públicas é... eram bem visíveis as diferenças raciais. Os descendentes de italianos os imigrantes e os nordestinos, meu caso. Eu não tinha a educação como foco, como acessão social, eu não tive debate sobre questões raciais na escola o máximo que tinha era falando sobre escravidão colocando o negro em lugar de subalternidade<sup>22</sup>.

Eu fui criado em São Paulo sentir mais essa diferença. O preto o pardo e o branco (na categoria do IBGE preto e pardo são as mesmas coisas, porém socialmente existente um tratamento diferenciado em relação as pessoas retintas), dão para perceber essas nuances em São Paulo, eu era mais identificado como pardo, quando estava próximo à pessoas brancas, eu percebia essa hierarquia da diferenciação. Entre pessoa mais preta, que eu, mais africana mais marcados e eu... era considerado como branco<sup>23</sup>.

Percebia essa diferença no tratamento mas também percebia meu deslocamento com pessoas brancas estava envolvido com pessoas brancas tinha um certo estranhamento da minha parte nunca tinha refletido tanto dessas nuances do racismo até de fato entrar na universidade, né! optar entrar pelas cotas eu tinha algumas conversas com algumas pessoas que falavam sobre essa questão da universidade das políticas de cotas as vezes eu achava que não me encaixava achava que não estava no padrão mais aí eu percebi que realmente eu estava nessa configuração um pouco política do conhecimento

Entre na universidade pelas cotas é... como pardo aqui já dá, talvez uma?! Um momento de reflexão, sobre minha identidade racial e fenotípica, não foi algo tão simples assim para mim, foi um processo de descobrimento e afirmação que as políticas de cotas me ajudaram a identificar. Eu tenho o fenotípico pardo sou Cearense nordestino né... e... tenho traços bem-marcados a pele não escura não retinta ou com traços africanos tipicamente africanos, mais algo da diferenciação da branquitude com certeza não sou considerado branco<sup>24</sup>.

Ao buscar informações com Samyr Ubuntu, membro do coletivo, recebo links do blog do Akofena, contendo a carta de princípios, detalhes sobre sua formação e diversas fotos das atividades de mobilização do grupo. Essa troca evidencia que esta dissertação é construída por muitas mãos, refletindo a resistência do coletivo ao longo do tempo. Suas memórias e experiências continuam vivas, permitindo que suas vivências sejam registradas.

---

<sup>22</sup> ALMEIDA, Weder Bruni. Título da entrevista: Como foi sua vida estudantil anterior à UFRB? [entrevista cedida à Juliana Macambira] 06 ago. De 2023. Entrevista realizada por questionário as respostas foram enviadas em áudio por meu do WhatsApp.

<sup>23</sup> ALMEIDA, Weder. Bruno. Título da entrevista: Raça/cor. [entrevista cedida à Juliana Macambira] 06 ago. De 2023. Entrevista realizada por questionário as respostas foram enviadas em áudio por meu do WhatsApp.

<sup>24</sup> (ALMEIDA, Weder. Bruno. Título da entrevista: Você foi cotista? [entrevista cedida à Juliana Macambira] 06 ago. De 2023) Entrevista realizada por questionário as respostas foram enviadas em áudio por meu do WhatsApp

Nesse sentido, trago o conceito de *escrevivência*, de Conceição Evaristo, como uma abordagem fundamental para manter viva a história do Núcleo Akofena, inserindo-a dentro de uma literatura afrocentrada.



FIGURA 2 – Acervo pessoal – Samyr Ferreira

Graduado em Ciências Sociais (Bacharelado), pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB; Graduação em Ciências Sociais (Licenciatura), pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Mestrando em Ciências Sociais, pela mesma universidade. Tem experiência como Educador e Facilitador de processos de Ensino e Aprendizagem e troca de saberes na Escola das Águas que faz parte do Movimento de Pescadores e Pescadoras da Bahia e no Pré Vestibular Quilombo do OROBU – Salvador -BA.<sup>25</sup>

Busco Samyr Ubuntu, atualmente professor substituto do CAHL e militante, e marcamos uma entrevista realizada nesse mesmo espaço, onde o coletivo nasceu e transformou realidades dentro e ao redor do centro. Durante a conversa, Samyr compartilhou os momentos mais marcantes de sua experiência no coletivo, destacando a palavra *aquilombamento*. Aqui, é essencial reconhecer a potência dessa aliança e seu impacto na construção do grupo.

Samyr relata ter conhecido alguns integrantes do coletivo antes do ingresso na universidade, por terem comungado da mesma experiência durante uma fase da infância. “Eu

---

<sup>25</sup> Informações retirada do LATTES. [Plataforma Lattes](#)

chego aqui para cursar, e encontro Clíssio e Edecarlos, eu conheço desde adolescência, porque a gente era do Liceu de Artes e Ofício da Bahia, a gente era menino de ONGS”.<sup>26</sup>

Em uma conversa com Giselli, enquanto falávamos sobre o CAHL, descobri que ela fez parte do Núcleo Akofena. Giselli Oliveira, egressa do Bacharelado em Ciências Sociais, é uma das fundadoras do coletivo. Alguns dias depois, a convidei para uma entrevista sobre sua participação e experiência no grupo. Durante nossa troca, ela também me forneceu o contato de Fred Aganju, outro fundador do núcleo.

Ao conversar com Fred sobre meu interesse em pesquisar o coletivo, ele mencionou que seu artigo sobre o Núcleo Akofena seria publicado em janeiro de 2024. Pouco tempo depois, ele me disponibilizou o material. Ao lê-lo, percebi a riqueza de seu trabalho, que descreve detalhadamente as ações do coletivo durante sua consolidação no território do Recôncavo Baiano. Naquele período, o Núcleo Akofena se estruturou como uma ferramenta de luta antirracista que transcendia os muros da universidade.



Figura 3 – Acervo pessoal – Giselli Oliveira

---

<sup>26</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: O que te levou a escolher o curso, conte um pouco sobre seu ingresso na UFRB? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jun. 2024

Multiartista Giselle Oliveira é uma mulher preta e pessoa com deficiência. Envolvida em causas sociais relacionadas as questões raciais e da pessoa com deficiência. Graduada em ciências sociais pela UFRB e graduanda no curso de direito. Giselle foi uma das fundadoras do extinto grupo de estudantes negros e negras a Akofena. Em sua trajetória no meio artístico, já apresentou diversos eventos como palestrante como artesã e empreendedora com a marca que Quilombelas. Tem experiência em organização de feiras e eventos voltados para a temática da estética afro. Escritora, Giselle é mulher participante da coletânea “Canoas do Paraguaçu”, da editora UFRB e é Coautora do HQ “As aventuras de Lurdinha”. Como poetiza, já fez participações em saraus eventos como Flica e Caruru dos 7 poetas. Em 2024 integrou o Quilombo Amefricano de Literaturas na Cuba e Colômbia. Componente do grupo Yaagbás, grupos de samba de mulheres negras<sup>27</sup>.

Entrei em contato com Giselli Oliveira e, em uma conversa informal, discutimos as mudanças na universidade e como o perfil dos estudantes se transformou ao longo do tempo, impactando nas suas próprias condições enquanto estudantes. Durante a conversa, ela mencionou sua participação no Núcleo Akofena, destacando o engajamento do grupo em pautas políticas voltadas para o benefício dos estudantes e a luta ativa pelos seus direitos dentro da universidade.

Agendamos uma entrevista, que precisou ser remarcada por motivos pessoais da entrevistada. A nova data foi confirmada, e a conversa aconteceu na Escola Aurelino Maia, um colégio do município de Cachoeira, onde Giselli atua como professora. Durante a entrevista, ela revelou a presença de figuras femininas importantes que desempenharam um papel fundamental no Núcleo Akofena.

O encontro com a literatura negra, a coletividade e as mãos dadas na universidade tornavam-se um campo da diversidade de saberes, mas sobretudo de gênero. O Núcleo Akofena é símbolo de resistência preta e feminina. Para Giselli, a palavra que ecoa é Capacitismo, um dos temas debatidos pelo grupo. Um dos momentos que paralisou a universidade para abordar o tema. Para Giselli, esse é ponto emblemático do Núcleo Akofena.

Sou Gisele minha cor é preta<sup>28</sup>, e eu não fui cotista ao ingressar na universidade, minha vida estudantil antes da universidade, ela foi conturbada porque sofri um acidente no início do segundo ano do ensino médio. Estudei no ensino fundamental em colégio público e quando sofri o acidente por falta de acessibilidade na escola pública, eu partir para a escola particular.

O que me levou a escolher o curso foi a influência de uma prima, ela estudou ciências sociais, ela integrava o movimento negro de Salvador “Reaja ou será morto” ou será morta, gostava muito dela e convivíamos uma época, então ela me influenciou a fazer esse curso, ela

---

<sup>27</sup> Informações retirada das redes sociais pessoal

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: cor/raça? [entrevista concedida a Juliana Macambira] 19 ago. 2023.

me falava do curso das coisas que ela aprendia, isso me encantou então escolhi esse curso e obviamente em cachoeira dentro as ofertas que a UFRB oferecia eu escolhi as ciências sociais<sup>29</sup>, aí com essa minha prima eu despertei muito mais para isso (ela fala sobre o racismo) porque ela me ensinou muito em relação a isso, ela já fazia ciências sociais, quando a gente se aproximou ela já era envolvida no movimento negro, os pais dela, já era envolvido com o movimento negro, então ela tinha isso muito forte, aí ela me incentivou.

Bom me impactou completamente hoje tenho outra visão de mundo, e eu costumo fala que isso é... pra quem tem essa visão o mundo fica até mais difícil né! é ... porque o racismo é algo que ainda é velado aqui no país, então você saber identificar né! ter argumentos pra combater é essencial, então hoje eu levo para minha vida como professora, o que sou dentro da minha arte, no poema, na criação das minhas filhas, isso impactou bastante essa minha formação racial esse letramento racial, me impactou muito na minha vida familiar na vida social enfim em tudo<sup>30</sup>.



Figura 4 – entrevista com Clássio Santana 07 de dezembro 2024

Doutorando, mestre, especialista e graduado em História (UFRB/UFBA). Possui mais de 10 anos de experiência docente em nível universitário e na educação básica,

<sup>29</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: O que te levou a escolher o curso, conte um pouco sobre seu ingresso na UFRB? [entrevista concedida a Juliana Macambira]. 19 ago. 2023.

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: Como as literaturas negras foram importantes para sua autoafirmação identitária dentro do coletivo e fora dele? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 19 ago.2023

atuando em diversas instituições, como UNIJORGE, UNEB, UFRB, FTC e UCSAL, em cursos de graduação e pós-graduação. Além disso, tenho experiência como coordenador na Fundação Pedro Calmon (SECULT-BA), onde atuei na gestão pública estadual, com foco na concepção, elaboração, desenvolvimento e execução de projetos voltados às políticas públicas de cultura, história, livro, leitura, memória, educação patrimonial e tecnologias educacionais<sup>31</sup>.

Cada um obviamente vai ter seu momento, né! Vai ter uma fala, uma fase diferente, porque chegaram em momentos diferentes de vida e processo, né! A gente, que veio dessa fase inicial, eu tenho leitura, e já conversei com várias pessoas. São muito diferentes, é... nem melhor, nem pior do que as outras pessoas. Mas eu acho que uma necessidade de um debate racial na cidade. A gente expandiu para a cidade, em momento que a cidade de Cachoeira reconhece a gente como instância política racial. Para mim, isso foi parte mais importante, eu não sei dizer que momento específico, eu falo de ações, então quando a gente vai lá, brigar com Ventura (é o delegado) porque o rapaz tá lá querendo destruir o terreiro<sup>32</sup>.

Eu sou o sexto filho de seis irmãos, ou seja, se fosse menos iria chamar de caçula, mas caçula com seis irmão não é, de uma família pobre de trabalhadores rurais, de um povoado chamado Comercio Jaguari entre o município de Santo Antonio de Jesus e Conceição de Almeida. Meus pais eram feirantes, eu morava na zona rural, até os 12 anos. Família negra, pais pouco alfabetizados os irmãos trilharam alguns caminhos<sup>33</sup>.

Com 12 anos fui para Salvador no bairro do curuzu, epicentro da cultura negra baiana no final da década de 90. Eu não sabia nada né! nunca tinha indo para outra cidade, apenas para Santo Antonio de Jesus, onde os meus pais trabalhavam com os feirantes. Eu chego em Salvador, ter crescido minha segunda infância no curuzu na Liberdade, San Martins naquela região que faz parte do complexo Curuzu da Liberdade, é... me fez mudar muito despertar uma coisa que para mim, eu sempre fui um menino negro, minha família sempre falou. Nunca tivemos dúvidas que era negros, o termo politização é outra questão, mas a gente nunca foi branco, não tinha essa discussão, né! talvez o cabelinho assim, um cabelo assado, mas não tinha essa coisa de politização, tinha essa coisa você é preto um cabelinho assim<sup>34</sup>!

E nesse percurso eu fui me achando na questão racial na minha adolescência nos tambores do curuzu as coisas que eu via, os artistas que eu via, passaram o dia a dia pessoas

---

<sup>31</sup> Informações retirada do LATTES [Plataforma Lattes](#)

<sup>32</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: O que foi o Núcleo Akofena, em termos político para você? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

<sup>33</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: Como foi sua vida estudantil anterior à UFRB? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

<sup>34</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: Pergunta não estruturada [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

comuns né! mas que ao mesmo tempo a gente estava vendo ali na TV, no rádio, compositores do Ilê Aiyê<sup>35</sup>.

Eu entro muito cedo no ensino médio, com um grau de politização muito forte da minha vida pessoal, porque eu entendi que o tráfico não era um caminho, o caminho mais fácil, eu falo até hoje é estudar. Para quem é preto e pobre, o caminho mais fácil é estudar. Eu falo desse lugar não de privilégio, mas sim de entender que é uma solução que a gente encontra<sup>36</sup>.

E eu vou me aproximando pela questão racial eu vou fazer teatro eu vou fazer música eu vou mergulhar na literatura, estudei no ensino médio na escola pública, e por quê estou falando isso<sup>37</sup>.

Não foi a universidade que me levou para o movimento negro, eu levei o movimento negro para universidade, não foi a universidade que me apresentou o movimento negro. Concordo com Milton Santos que disse: “*Que bom que a universidade nos teve*”<sup>38</sup>.



Figura 5<sup>39</sup> – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Centro de Artes, Humanidades e Letras.

<sup>35</sup> SANTANA, Clássio. Título da entrevista: Você tinha alguma relação com a militância negra antes do coletivo Akofena? Conte sua experiência. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

<sup>36</sup> SANTANA, Clássio. Título da entrevista: Você tinha alguma relação com a militância negra antes do coletivo Akofena? Conte sua experiência. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

<sup>37</sup> SANTANA, Clássio. Título da entrevista: Você tinha alguma relação com a militância negra antes do coletivo Akofena? Conte sua experiência. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

<sup>38</sup> SANTANA, Clássio. Título da entrevista: Você tinha alguma relação com a militância negra antes do coletivo Akofena? Conte sua experiência. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

<sup>39</sup> Foto: [CAHL - Centro de Artes, Humanidades e Letras](#)

## DESCOLONIALIDADE: DESCOLONIZANDO A MENTE

“Sabíamos que aquilo ali não era colheita, estávamos plantando”.

(SANTANA<sup>40</sup>)

À medida que compreendemos as transformações do mundo, reconhecemos que nada é estático, e nenhum cenário é absoluto ou insubstituível. A descolonialidade na práxis significa trazer à tona nossas escrevivências, mas, sobretudo, romper com a relação abusiva do colonialismo sobre os corpos negros. A práxis, entendida aqui não simplesmente como prática dentro da dialética, mas como a unidade dialética da teoria e prática no movimento da negação, é uma pré-condição para o livre exercício das potencialidades humanas (FERNANDES, 2019, p. 54). As referências são instrumentos potentes na construção descolonial, o sujeito consegue assemelhasse ou projetar suas vivências, naquele que, de alguma forma, almejou um espaço de poder.

Luiz Alberto era deputado federal, pessoas dessa época da década de 70 e 80, tinha um conjunto no governo Lula SEPRI, SEPRMI. Luis Linda, Matilde então a gente via essas pessoas que construíram em 70 e 80 Arany Santana e a gente vê essas pessoas como grandes a gente se inspirava, Vilma Reis, uma geração diferente mais estava presente, a ideia da consciência vem nesse sentido<sup>41</sup>.

Ora, reconhecer os intelectuais negros e negras como descoloniais é o primeiro passo para compreender suas epistemologias. Além disso, suas referências tornam possíveis as trajetórias de seu povo, resgatando saberes e fortalecendo identidades historicamente marginalizadas. Parafraseado Fanon (2008), quando o colonialismo se refere à população negra, descrevem-na com estereótipos negativos desumanizando-a. Antologicamente o negro passa a não existir e se configura como objeto do homem branco, portanto, é preciso uma contra hegemonia.

Por mais que sintamo-nos parte do Ocidente pensando a partir de uma secção vertical no globo terrestre que divide mundo oriental de ocidental, não fazemos parte deste, somos “derivados de”; o continente africano tampouco, esse último não fez parte da noção ocidental e está por conta própria desde a sua invasão, sequestro humano e expropriação intelectual e material. (PINHEIRO, 2021 p. 52).

---

<sup>40</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: pergunta não estruturada. [cedida a Juliana Macambira] 11 jul.2024.

<sup>41</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: pergunta não estruturada. Conte sua experiência. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

Ora, partimos da concepção da descolonialidade mental cognitiva do negro onde se propõem a libertação do seu opressor o homem branco. E este reconhecimento é fundamental para sua concepção individual e coletiva. Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas (FANON, 2008, p. 105).

O medo do reconhecimento não é sobre aceitação de sua cor de sua raça, mas é sobre o espelho que é refletido do homem branco em si. Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer (FANON, 2008, p. 108). Era preciso buscar por referências negras Aimé Césaire, homem negro, professor da Universidade .... Marian Anderson, a maior cantora negra .... Dr. Cobb, o descobridor dos glóbulos brancos, é um negro .... (FANON, 2008, p. 109). A descoberta de diversas histórias narradas por pessoas não brancas possibilita a construção de novas perspectivas, preenchendo as lacunas deixadas pela falta de reconhecimento do povo negro. Esse processo evidencia a importância de autores negros e negras no campo acadêmico, na literatura no teatro, na educação básica quanto na educação informal.

O Núcleo Akofena surgiu com o princípio de se conectar às referências de seu povo negro, buscando respostas para as problemáticas a partir do campo epistemológico. Com práticas antirracistas, eles visavam transformar espaços que antes pareciam impossíveis na construção de suas identidades.

A literatura e as referências negras se apresentam como instrumentos poderosos na construção de um discurso descolonial, tanto para a mente quanto para os corpos. Dentro dessa perspectiva, reconhecemos a literatura negra científica como uma ferramenta eficaz de reeducação social para toda a sociedade, além de ser capaz de desconstruir os padrões eurocêntricos das literaturas, ao lançar um olhar sobre novas referências intelectuais.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa o objetivo é compreender, por meio da netnografia e cartografia social, as interações subjetivas do Núcleo Akofena no espaço acadêmico e suas dimensões no território do Recôncavo. Para isso, foram utilizados meios de

comunicação como blogs<sup>42</sup>, fotografias<sup>43</sup> e entrevistas pelo google meet<sup>44</sup> e presenciais, que foram gravadas e transcritas para o Word utilizando o sistema de ditado do Office<sup>45</sup>. Além disso, foi realizada a leitura de um artigo específico sobre o Núcleo Akofena, escrito pelo membro Fred Aganju.

Diante de tantas narrativas e considerando que toda pesquisa parte de uma metodologia, mantenho a abordagem rizomático como referência, não como um eixo central, mas como um caminho que permite compreender os diversos instrumentos de investigação. Essa perspectiva possibilita enxergar a pesquisa como uma rede de conexões estabelecidas desde as primeiras coletas de dados.

O rizoma pode ser comparado às raízes de um manguezal, que se entrelaçam e estabelecem conexões sob o solo. Da mesma forma, essa dinâmica pode ser observada entre os membros do Núcleo Akofena. Durante as entrevistas, nas falas dos integrantes, percebe-se a existência dessas conexões, que se manifestam em ciclos de afetos, movimentos, ideias, valores políticos e em momentos de desconexão. Afinal, um sistema rizomático não apenas cria vínculos, mas também possibilita acordos e desacordos ao longo de sua trajetória.

O método cartográfico analisado pelos autores Deleuze e Guattari compreende o rizoma como mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1985, p. 30). Nada é definitivo; tudo está em constante transformação. Buscamos

---

<sup>42</sup> Desde a criação do primeiro blog até 2005, o número de autores e leitores de blogs tem vindo a crescer a grande ritmo. Mas afinal o que é um “blog”? O termo “blog” é a abreviatura do termo original da língua inglesa “weblog”. O termo weblog parece ter sido utilizado pela primeira vez em 1997 por Jorn Barger [4]. Na sua origem e na sua acepção mais geral, um weblog é uma página na Web que se pressupõe ser actualizada com grande frequência através da colocação de mensagens – que se designam “posts” – constituídas por imagens e/ou textos normalmente de pequenas dimensões (muitas vezes incluindo links para sites de interesse e/ou comentários e pensamentos pessoais do autor) e apresentadas de forma cronológica, sendo as mensagens mais recentes normalmente apresentadas em primeiro lugar.

Acesse: <https://blogs.multimeios.ufc.br/monografia/files/2012/06/Blogs-final-nome.pdf>

<sup>43</sup> A fotografia alterou o modo como o mundo vê o mundo. Esta é uma reflexão que vinca também as diferenças entre a fotografia e um texto ou pintura do antigamente. Durante milhares de anos foram as formas mais utilizadas de representar a realidade e, embora existam de facto artistas de um talento imenso capazes de pintar a realidade ou escrevê-la forma exímia, não deixam de ser apenas interpretações do mundo. Não servem como prova, são criações. Ao contrário das imagens fotográficas que ainda que orientadas por gosto, estilo, moral ou convicção, são quase como miniaturas do mundo, pedaços de realidade, acontecimentos congelados no tempo. A fotografia torna a realidade palpável. Concede-nos uma sensação de posse e verdade e confere longevidade e vida própria às memórias. Acesse: [Na Caverna de Platao - Susan Sontag20191213-78363-1fxedn3-libre.pdf](#)

<sup>44</sup> O Google Meet é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo Google. É um dos serviços que substitui a versão anterior do Google Hangouts, juntamente com o Google Chat. Seu lançamento ocorreu em 2017 e, atualmente, está disponível para plataformas Windows, macOS, Linux, Android e iOS. A plataforma é disponibilizada em três versões distintas, sendo uma delas gratuita e outra dedicada a empresas. [001128255.pdf](#)

<sup>45</sup> O Ditado permite-lhe utilizar a conversão de voz em texto para criar conteúdo no Microsoft 365 com um microfone e uma ligação fiável à Internet. É uma maneira fácil e rápida de colocar as ideias pra fora, criar rascunhos ou esboços, e capturar anotações. [Dite seus documentos no Word - Suporte da Microsoft](#)

respostas e mudanças, movendo-nos continuamente enquanto partilhamos nossa individualidade, sentimentos, desejos e negações em um eterno devir. Para os autores, a escrita está sempre conectada ao real, expressando possibilidades em sua plenitude, sem se limitar a meras abstrações ou a um ponto final. Há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação (DELEUZE; GUATTARI. 1985, p. 10). É possível no campo rizomático estabelecer conexões ancestrais, romper com linhas e reconstruir novos caminhos, articular e desarticular a colonialidade.

Segundo Souza e Francisco, Deleuze e Guattari buscam o acompanhamento de processos e produção de subjetividades e o modo como concebem as subjetividades. (SOUZA; FRANCISCO, 2019, p. 105). Os autores Souza e Francisco enfatizam o método de Deleuze e Guattari ao abordar como as relações moldam as subjetividades e influenciam as pessoas. Dessa forma, compreende-se que as subjetividades são dinâmicas e passíveis de transformação, sendo constantemente influenciadas por fatores externos.

Etnografia e netnografia devem trabalhar em harmonia para iluminar novas questões nas ciências sociais. (KOZINETS, 2014, p.60). A etnografia, como um conjunto de métodos, permite ao pesquisador interagir com elementos específicos que contribuem significativamente para a conclusão da pesquisa. Por meio da coleta de dados, possibilita uma relação dinâmica com a metodologia, garantindo uma abordagem mais aprofundada e contextualizada.

A etnografia é, assim, uma prática intrinsecamente assimilativa. Ela está interligada a vários outros métodos. Damos a esses outros métodos aos quais ela está ligada outros nomes: entrevistas, análise de discurso, análise literária, semiótica, videografia. Eles têm outros nomes porque são suficientemente diferentes da prática geral da etnografia para requererem novas designações exclusivas. Eles requerem novo treinamento especial. Embora se relacionem à observação e à participação em comunidades e culturas, eles o fazem de modos particulares, capturando dados de maneiras específicas, determinados por padrões consensuais específicos. (KOZINETS, 2014, p.61)

Apresentamos algumas características da etnografia, que fornecem uma base metodológica. Esta abordagem possui semelhanças com a observação participante. No caso da netnografia, a comunicação ocorre por meio da Comunicação Mediada por Computador (CMC), permitindo um método de análise em um ambiente virtual, onde as investigações são realizadas pela internet. Em termos metodológicos, a etnografia se funda na noção de observação participante, visto ser impossível, em situações face a face, uma observação não participante. Ora, os ambientes interacionais da CMC caracterizam-se pela ausência física das/os visitantes, sendo possível tornar-se “invisível” (BRAGA, 2007).

O neologismo “netnografia” (nethnography = net + ethnography) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte-americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico. (BRAGA, 2007, p. 5).

Neste contexto, ainda optamos pela netnografia, que se assemelha ao campo rizomático, pois permite a análise de diferentes ferramentas e contextos sem seguir uma linearidade. A netnografia possibilita explorar diversos aspectos do coletivo por meio da internet, trazendo as integrantes para uma experiência vivenciada, construída a partir da memória presente nos arquivos e fotografias. Podendo compreender seus significados

Enquanto a etnografia se propõe a pesquisar as culturas em seus locais, ou seja, no habitat de um determinado povo ou grupo social, a netnografia busca estudar essas comunidades culturais sem uma localização física fixa, por estarem alocadas no ciberespaço, mas que influenciam tanto ou mais que as tradicionais culturas, em relação ao modo de ser, agir, pensar e ser, dos grupos e pessoas frequentadoras desses novos ambientes constituídos no espaço cibernético. (FERRO, 2015, p.2).

A netnografia, como qualquer campo de pesquisa, busca aplicar práticas éticas e características metodológicas. Além disso, valoriza as decisões dos entrevistados, respeitando sua participação no estudo. Além disso, fundamental creditar adequadamente os membros que participaram da pesquisa como protagonistas. O objetivo principal é relatar detalhadamente os caminhos percorridos pelo coletivo. Na pesquisa netnografia ética (KOZINETS, 2014, p.132) quatro passos são importantes: identificar-se e informar os constituintes relevantes sobre a pesquisa; pedir permissões apropriadas; obter consentimento quando necessário; citar e dar o devido crédito aos membros. (SILVA, 2014, p, 34).

No mundo físico, o tópico da entrevista está tão entrelaçado com a conduta da etnografia que os dois são praticamente inseparáveis. Assim é também com a netnografia e a entrevista online. A entrevista online tornou-se o principal elemento da pesquisa netnografia, presente como parte do método desde os primeiros trabalhos nesse campo (p. ex., Baym, 1995, 1999; Correll, 1995; Kozinets, 1997b, 1998; Markham, 1998). (KOZINETS, 2014, p.49)

Ambas as pesquisas oferecem ferramentas importantes no campo acadêmico. Diante das novas tecnologias e a necessidade de disseminar informações cruciais sobre questões relacionadas ao racismo, a netnografia se apresenta como uma ferramenta capaz de gerar impactos positivos. Esta abordagem busca, em um campo amplo, maneiras de minimizar os efeitos do racismo por meio da educação. Além disso, ela pode investigar os significados por

trás das relações e vínculos. (KOZINETS, 2014, p.56 grifo nosso). Uma das principais vantagens da netnografia é o fato de que ela, como a etnografia com a qual ela está tão intimamente relacionada, é uma técnica naturalista. Em muitos casos, a netnografia usa as informações publicamente disponíveis em fóruns eletrônicos. (KOZINETS, 2014, p.58).

## **CAPÍTULO I – A BRANQUITUDE E A PRESERVAÇÃO DE SEUS PRIVILÉGIOS**

### **1.1 Raça na Perspectiva da Proibição do Conhecimento**

A ideia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos (QUIJANO, 2005 p. 117). Ao longo da história, a comunicação sempre esteve presente em diferentes contextos, passando por transformações constantes e adquirindo múltiplos significados. No entanto, nenhum outro registro influenciou tanto as relações e o comportamento humano quanto a literatura. A escrita disseminou informações, moldou sociedades, construiu impérios e contribuiu para a ruína de outros. Por meio da literatura, narrativas foram criadas para inferiorizar o povo negro e sustentar hierarquias raciais ao longo do tempo. A linguagem, enquanto instrumento de poder, não apenas reflete o mundo, mas também o constrói, reafirmando estruturas de dominação e exclusão. Afinal, toda linguagem é epistêmica, carregando em si o poder de legitimar ou contestar discursos e conhecimentos. Nossa linguagem deve contribuir para o entendimento de nossa realidade. Uma linguagem revolucionária não deve embriagar, não pode levar à confusão.” (GONZALEZ, 2020, p. 136).

O que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos (ALMEIDA, 2019, p. 18). Portanto, por que pensar em raça na perspectiva da negação do conhecimento? Ao longo da história a raça se constituiu como uma ferramenta para impedir o conhecimento de determinados grupos e por motivos estratégicos da branquitude e sua relação de domínio sobre as outras raças, onde se perpetuaram a inferioridade, a falta de intelectualidade e, sobretudo, a desumanização da população negra.

Há uma vasta teoria sobre as questões raciais no Brasil, este país se torna palco para compreender o problema da discriminação a partir do lema de uma ilusória Democracia Racial.

Embora tenhamos inúmeras discussões e exemplos para desmitificar a raça, a população afro-brasileira será alvo de manipulações em favorecimento da posição que a branquitude ocupa, este lugar de poder egocêntrico e de privilégios permitiu a população branca construir supostas posições hierárquicas. Nota-se que a predisposição do sujeito branco em somar à militância antirracista deve começar com o olhar para dentro, na tentativa de desconstrução da herança do traço colonizador, pois precisamos apagar de nossas práticas a função de direcionar, de civilizar, de catequizar (LOPES<sup>46</sup>, 2013, p. 141).

A América constituiu-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira identidade da modernidade. Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na ideia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, consequentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. Por outro lado, a articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial (QUIJANO, 2005, p. 118).

Associar ou naturalizar os lugares dos indivíduos em detrimento da sua raça estabelece um lugar fixo sem movimentação, estático, narrado e estabelecido como real. O problema da leitura social da branquitude é reconhecer a existência de outros Impérios, neste caso o Império Africano. Logo sabemos como essas narrativas foram construídas e ditadas ao longo da história, nem mesmo as leis foram capazes de quebrar o pacto que o racismo instituiu em todo mundo. Após a lei Afonso Arinos, de 1951, proibindo categoricamente a discriminação racial, tudo continuou na mesma (NASCIMENTO, 2016, p. 97). Os fatores que negam a execução das leis são os mesmos que negam o racismo e a humanização dos corpos e consciência do povo preto. Ciente deste processo, alguns estão consolidados no imaginário social como portadores de humanidade incompleta, tornando-se natural que não participem igualmente do gozo pleno dos direitos humanos. (CARNEIRO, 2011. s/p).

A branquitude considera qualquer movimento de conscientização afro-brasileira como ameaça ou agressão retaliativa (NASCIMENTO, 2016, p. 94). Neste caso, qualquer construção individual ou coletiva por parte do povo negro é intervinda e negada ao conceito da alteridade, a população negra perde na perspectiva das bases para a construção de um país antirracista. Se

---

<sup>46</sup> A autora LOPES, fez parte da Núcleo Akofena, ela não foi entrevistada, porém gostaria de mencioná-la, como uma referência nesta pesquisa.

não houver o reconhecimento da diferença por parte dos afro-brasileiros não se constrói uma identidade racial. O principal desafio, sobre a compreensão da identidade branca, está relacionado à louvação da mistura racial, a positivação do Mito de Democracia Racial e sua tentativa de branqueamento via miscigenação (LOPES, 2013, p. 144). Afirmando que o branco neste episódio é o branco mestiço da comunidade da periferia, o trabalhador, parafraseando Lopes (2013).

Um debate que faremos lá na frente sobre mestiçagem, uma das questões que impede a coletividade por conta da visão da democracia racial. As lentes que não se permitem “esclarecer” (enegrecer) e compreender a própria situação no contexto do país, isso significa, para as forças no poder, ameaça à segurança nacional, tentativa de desintegração da sociedade brasileira e da unidade nacional (NASCIMENTO, 2016, p. 94). Esse argumento também é construído a partir da perspectiva da classificação reforçando a inexistência da humanidade afro-brasileira ou usado o termo amefricanos de Lélia Gonzalez, não são reconhecidos dentro do Brasil, o reconhecimento é fundamental para a construção das identidades políticas. Como nos diz Gonzalez, é preciso compreender as Américas como um continente geograficamente extenso incluído a América do Sul, Central Insular e do Norte e Caribe.

Os caminhos do conhecimento e do reconhecimento do problema racial têm raízes na escravidão, mas sobretudo na capacidade cognitiva de compreender o grande roubo de um continente. Ou de não conhecer a verdadeira história. O pensamento social brasileiro tem longa tradição no estudo da problemática racial e, no entanto, em quase toda a sua história, as perspectivas teóricas que o recortaram respondem, em grande parte, pela postergação do reconhecimento da persistência de práticas discriminatórias em nossa sociedade. (CARNEIRO, 2011, s/p).

Tais práticas e tantas outras são resultados de um genocídio silencioso da população negra sem nenhuma culpa ou remoção, porque estamos categorizados a um sistema que impede e nega os corpos negros enquanto pessoas. Elimina a construção das próprias narrativas enquanto sujeitos. Assim, as duas ideologias – o mito da democracia racial e a perspectiva da luta de classes – têm em comum, portanto, a minimização ou o não reconhecimento e/ou a invisibilidade da intersecção de raça para as questões dos direitos humanos, da justiça social e da consolidação democrática, elementos que dificultam a erradicação das desigualdades raciais nas políticas públicas (CARNEIRO, 2011, s/p).

Se ao longo da história houve a negação de uma raça, houve também a negação do direito cultural, econômico e sobretudo do espaço geográfico. A construção ideológica que perpetuou e manipulou toda uma geração ainda vive no imaginário social. Através dessas

categorias cognitivas, cujo conteúdo é mais ideológico adquirimos o hábito de pensar nossas identidades sem nos darmos conta da manipulação do biológico pelo ideológico (MUNANGA, 1999, p. 18). Essa narrativa não é só sobre a negação genética e sobre uma história construída com violência e crueldade, sobre o apagamento de uma etnia no solo brasileiro. Mas para além disso, temos na Bahia um intérprete “mulato” que nega sua origem e perpetua o racismo e a discriminação contra sua própria cor e seu povo. Estamos falando de Nina Rodrigues, a “jabuticaba”, como descreve Lélia Gonzalez, segunda ela o termo jabuticaba é utilizado para demonstrar o racismo à brasileira manipula e de forma cordial se estrutura na sociedade negando e invalidando a história do povo negro. Nina pagou a própria passagem, para o outro lado da história, se tornou “humanizado”, aos olhos da branquitude, desumanizando os seus. Havia a necessidade de dominação e a exploração sexual e racial por parte das mulheres negras. A mestiçagem tende a apagar a marca indelével da cor (MUNANGA, 1999, p. 29).

Frutos dessas ideologias, os projetos para manter a população negra distante das questões sociais se mantiveram presentes na esfera econômica, cultural, política e tantas outras, com o problema da representação de pessoas negras nas esferas do poder culminando nas desigualdades raciais. A legislação e a prática fizeram com que os mulatos permanecessem numa condição inferior, sem poder econômico e sobretudo sem poder político, eles foram excluídos dos principais empregos públicos (administração, exército, polícia, justiça, clero) e objeto de discriminação (MUNANGA, 1999, p. 32). A leitura corporal construída por diversos autores da época suscitou o apagamento e a limitação dos caminhos da população negra. A realidade nos aponta para um racismo que se perpetua atualmente. Por outro lado, temos um grande desafio à construção de novas narrativas no mundo contemporâneo.

O conhecimento intelectual é uma das principais vertentes em que a colonialidade impõe a hierarquização das raças. O trabalho antirracista chega a partir da educação, seja formal ou não, e das referências nas comunidades e se ambas as perspectivas não invadem esses espaços a gente naturaliza, a periferia branca não compreende seus privilégios em detrimento ao negro que ocupa o mesmo espaço. O branco da periferia é agregado de valores simbólicos relacionados à negritude, mas seus privilégios são notórios quando comparado ao preto que seja da periferia ou não (LOPES, 2013, p. 144).

Partindo desses argumentos, temos duas questões: de um lado, a branquitude e o problema da alienação e, do outro, a luta política por meio da práxis do povo preto. Ao analisar toda narrativa construída pelos afro-brasileiros na tentativa de desconstruir ideias fundadas na cor da pele, compreendemos que essa luta não se conquista sozinha, mas nas articulações contra a discriminação racial, combatendo-se, portanto, coletivamente.

A gente era muito honesto assim né? a gente se baseava nossas discussões a partir da nossa realidade do cotidiano a gente sabia que as pessoas negras de pele, mas retinta sofria o racismo em forma mais agressiva né, então a gente pautava isso, a gente entende o racismo dessa maneira né que pega os negros de todas as formas, mas ela é muito maior sobre negros de pele mais retinta né, se baseava nisso e a cor da pele a parte é fundamental.<sup>47</sup>

Os membros do coletivo compreendem o racismo a partir da cor da pele. Embora reconheçam que todos os negros, independentemente do tom de pele, podem ser alvos de discriminação, entendem que pessoas de pele retinta enfrentam consequências mais severas.

## 1.2 Racismo: Uma Realidade Esquizofrênica Da Branquitude

Para González, o racismo se comporta sutilmente controlando as estruturas sociais, processo este marcado pela escravidão. Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira (GONZALEZ, 2020, p. 76). A partir da análise da autora sobre a neurose, trago os efeitos no qual o racismo produziu sobre as identidades negras. E, sobretudo, como perpetua séculos nas esquinas da sociedade moderna impedito a construção de identidades negras.

Portanto, se um corpo negro foi negado ao processo da construção de uma nação, no caso o Brasil, por não ser branco, ele é negado a uma identidade e nesta condição não há registro a não ser na condição de escravo. Ainda assim, com a Independência o negro é visto na ausência de atributos da condição humana. Neste caso, como o indivíduo projeta uma análise da própria negação de si, primeiro pelo que está posto, as objetividades, as desigualdades, a violência policial, os lugares de subalternidade, a falta de acesso a outros espaços, tudo isso se configurando como estratificação social que juntos provocam a própria negação identitária. Daí, seria uma análise importante investigar por que ainda na infância e muitas vezes na fase adulta se nega a identidade racial? Segundo pelas subjetividades, poderíamos dizer que o apagamento de toda uma história do povo negro acompanha essa violência colonial e de sua dominação: por meio dos estigmas, a falta de intelectualidade, atributos violentos a pessoas negras, a sexualidade a comparação ao animalismo todas essas e outros termos pejorativos permitem a *lógica da dominação* se perpetuar. Gonzalez por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós sabemos) domesticar? (GONZALEZ, 2020, p 77).

---

<sup>47</sup> FERREIRA, Samyr. Título: Quais critérios foram utilizados para construção da carta de princípio? [entrevista cedida à Juliana Macambira, presencialmente] 10 jun. 2024.

Diante disso, é necessário questionar: por que precisamos tanto retornar à África? Por que é essencial resgatar nossa história? A construção da identidade do indivíduo negro no Brasil sempre esteve atrelada à subalternidade e à desumanização, sendo frequentemente comparada a estados primitivos e marginalizada nos espaços de poder, ou seja, *nós estamos na lata do lixo*, segundo Gonzalez nos lugares de invisibilidades. Em todos os planos sociais, midiáticos, culturais e econômicos houve a manipulação, a rejeição, a violência. No entanto, embora essas narrativas tenham tentado nos desumanizar, a nossa existência e resistência negam essa imposição e reafirmam nossa identidade.

Proibida em função do desrespeito que impõe a um episódio da história de um povo, desrespeito quanto a história de todo um povo, desrespeito na medida em que vilipendia esse povo, desrespeito por manter todos os estereótipos em relação a um povo que, no momento, procura, em função da sua autonomia cultural, se livrar justamente desses estereótipos (NASCIMENTO, 2022, p.47).

Lélia traz dois termos importantes para pensar o racismo e seu comportamento no inconsciente, consciência e memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente (GONZALEZ, 2020, p. 78). Ao passo que não conhecemos nossa história estaremos fadados a corromper-se em outras narrativas. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui. (GONZALEZ, 2020, p. 78). A história do povo negro não é uma história de submissão, portanto sobre o aspecto da memória precisamos recordar e concorda, entretanto, que o conhecimento de um povo que juntamente com o branco formou a nação brasileira esteja ausente em todos os momentos [...] (NASCIMENTO, 2022, p. 48 grifo nosso).

Gonzalez caracteriza o racismo no Brasil por denegação onde há uma omissão por parte da própria esquerda e dos movimentos feministas. Segundo a autora, essas organizações têm um olhar eurocêntrico em relação aos negros a partir das teorias da miscigenação, integração e democracia racial. Gonzalez observa que este é o aspecto da ideologia do branqueamento que, colonizadamente, quer nos fazer crer que somos um país racialmente branco culturalmente ocidental, eurocêntrico (GONZALEZ, 2020, p. 221). Essa reflexão é contemplada por uma série de problemáticas que envolve o racismo no país, uma política de extermínio da população negra, não só de seus corpos, mas de sua memória. Pois não basta apenas eliminar os corpos “seriam muitos” é preciso produzir efeitos contrário ao que se apresenta. E a consciência é lugar

fértil que se pode manipular, estamos diante de uma construção ideológica que elimina a identidade negra.

A questão é como é que vai ter um núcleo de negras e negras e em debate racismo e a universidade negra na Cidade Negra como Cachoeira né como se a gente não precisasse debater racismo é porque a gente vivia em um mundinho ali que não era verdade que as pessoas achavam que a negritude reinava né mas quando você ia para o curso de ciências sociais, não tinha ninguém o primeiro a chegar foi as Osmundo depois Ângela no curso de história só tinha três professores negros no curso de cinema não sei hoje mas eu saí em 2011 não tinha nenhum professor negro nenhuma professora negra né então a gente via estrutura da universidade toda branca né alguns cursos embranquecidos e outros enegrecidos<sup>48</sup>.

O papel da branquitude é desconstruir uma nação inteira em detrimento (ou a favor?) a sua posição egocêntrica no poder. O racismo enquanto construção ideológica é um conjunto de práticas, passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida em que beneficiou e beneficia determinados interesses (GONZALEZ, 2020, p. 185). A consciência racial se apresenta como fator determinante na educação antirracista e sobretudo no reconhecimento das práticas racistas que envolve toda uma estrutura social. É preciso fazer uma criticidade em relação a branquitude e suas produções racistas sobre o corpo negro. E neste sentido, Pinheiro apresenta a questão metafísica, “como pessoas que pensam de modo atrasado desenvolvem filosofia e ciência que são os ápices do pensamento racional?”. (PINHEIRO, 2021, p. 61). É nesse sentido que o racismo, enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas, denota sua eficácia estrutural na medida em que estabelece uma divisão racial do trabalho e é compartilhada por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas (GONZALEZ, 2020, p. 187). E sobretudo intelectual, cabe aqui, resgatar a consciência histórica do povo negro sobre sua cultura e corpo-político.

### 1.3 Alianças identitárias em política

Porque identidade na política é uma reflexão que o autor Mignolo faz, e nos proporcionando outras dimensões de representação identitária nas esferas do poder, diante da negação da corporificação do gênero, raça e classe nestes espaços. Para o autor é preciso uma desobediência política e epistêmica (MIGNOLO, 2008). "a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza" (MERCER, 1990, p. 43).

São várias identidades que começam a entrar em ebulição.... trabalhamos bastante a identidade negra na política de como se tornam agente da política, sujeito do conhecimento, aí, depois tem suas especificidades.... tinham essas questões muito

---

<sup>48</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: pergunta não estruturada. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024.

especifica ... e que! tinham questões interesses, específicos que o Akofena não conseguia abarcar principalmente a questão quilombola então em alguns momentos ouve o fortaleceram da sua própria identidade quilombola que são parecidos mais não é a mesma coisa são pessoas específicas a identidade negra uni todos nós<sup>49</sup>.

A categorização dos corpos é uma prática milenar que recorre do controle sobre outros corpos, sejam eles a partir das caracterizações ou da classificação de raça, gênero ou sexualidade. Esta construção ideológica produz efeitos estigmatizantes sobre os outros, segundo Goffman, os estigmas podem ser de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 1891/2004, p. 7). Devido às limitações impostas pela branquitude, as políticas identitárias tendem a interpretar determinados grupos como subalternos, com base na condição que lhes foi imposta. No entanto, uso o termo "supostamente" porque esses grupos, apesar da estigmatização, sempre foram e continuam sendo protagonistas na construção de sua própria identidade política, por meio da luta e da resistência.

Ainda assim, essas análises, ao se projetarem nos indivíduos, constroem limitações cognitivas em toda sociedade, perpetuando os mesmos lugares invisibilizados, mas acima de tudo negando sua humanidade. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande, algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 1891/2004, p. 6).

Por isso, buscando referências em Quijano, Mignolo propõe a descolonialidade da política de identidade ao construir uma visão cronológica das pessoas que sempre estiveram no poder, teremos referências de homens brancos nestes espaços. Em outras perspectivas descolonial, ele sugere Identidade em política trazendo uma diversidade para campo político que se apresenta como misógino. Desafiando as normas estabelecidas, de homens brancos heterossexual e do sexo masculino são as principais características de uma política de identidade (MIGNOLO 2008, p. 289).

Se, teoricamente, não havia uma nação constituída e os povos indígenas foram desconsiderados por não serem reconhecidos como parte de uma "civilização", a chegada dos povos africanos, através do tráfico de pessoas, também não foi vista como parte do processo de construção do país. Assim, o colonialismo estabeleceu um ideal de nacionalidade centrado na branquitude, sustentado pela exploração tanto da terra quanto dos povos indígenas e africanos.

---

<sup>49</sup> ALMEIDA, Weder. Título da entrevista: Quais os dissensos? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 08 jun. 2024.

Dessa forma, a branquitude é considerada a única e exclusiva referência de civilização. Tais análises podem ser entendidas pela branquitude como naturais, ao passo que se projetava uma ideia de nação por meio da exploração da terra e das pessoas, mantendo uma hierarquia milenar.

Irei argumentar que a identidade em política é crucial para a opção descolonial, uma vez que, sem a construção de teorias políticas e a organização de ações políticas fundamentadas em identidades que foram alocadas (por exemplo, não havia índios nos continentes americanos até a chegada dos espanhóis; e não havia negros até o começo do comércio massivo de escravos no Atlântico) por discursos imperiais (nas seis línguas da modernidade europeia – inglês, francês e alemão após o Iluminismo; e italiano, espanhol e português durante o Renascimento), pode não ser possível desnaturalizar a construção racial e imperial da identidade no mundo moderno em uma economia capitalista. As identidades construídas pelos discursos europeus modernos eram raciais (isto é, a matriz racial colonial) e patriarcais (MIGNOLO, 2008, p. 290).

Dentro da perspectiva do outro, neste lugar de invisibilidade construída, é que se cria a práxis revolucionária. Caminhos são construídos a partir de uma identidade política. Por isso, é fundamental reconhecer a identidade racial positiva. Para Mignolo, esse reconhecimento é uma das principais formas de combater a colonialidade. Nesse contexto, encontramos lideranças em coletivos que têm como base fundamental a descolonialidade.

A relação que o Núcleo Akofena assume com essa teoria descolonial é sobretudo o reconhecimento de suas identidades em política como ferramentas emancipatória de mudanças estruturais. A opção descolonial é epistêmica, ou seja, ela se desvincula dos fundamentos genuínos dos conceitos ocidentais e da acumulação de conhecimento (MIGNOLO, 2008, p. 290). Mignolo propõe *aprender a desaprender* através da descolonialidade. Sabemos que a descolonialidade não surgiu no contexto contemporâneo, há séculos existe a corporificação das mudanças imperiais do mundo. Isso significa que é possível imaginar que movimentos similares descoloniais estejam acontecendo no mundo islâmico, na Índia, na África do Norte e na África subsaariana (MIGNOLO, 2008 p. 297).

A reitoria não tocava na gente então a gente começou a trilhar um lugar político, queríamos isso, a chefe de centro, dialogava com a gente, no lugar político, a gente queria que tudo o que fosse dialogado para a gente não fosse individual fosse político, fosse Constituição, então se tivesse alguma coisa nunca ia uma pessoa só, tivesse alguma pauta com o diretor nunca ia uma pessoa só então a gente politizava muito, para entender que é importante nosso espaço como instância política não como movimento estudantil porque depois que eu deixo de ser graduando eu deixo de ser estudante, mas não deixo de ser negro esse é o nosso grande debate e o movimento estudantil é temporal. A questão da negritude vai passar a minha vida<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: não estruturada. [cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024.

Afirmo que o coletivo Akofena em sua trajetória conquistou alianças identitárias em política e construiu caminhos possíveis na luta antirracista. Essa aliança não é só com os membros do coletivo, mas com sua própria identidade é reconhecer sua existência e resistência.

Eu como mulher negra com deficiência, foi muito importante para mim ter participado desse núcleo porque me fortaleceu para a vida, hoje eu sei minha identidade sei o meu lugar no mundo sei da minha importância e qual é importante debater e formar outras pessoas como eu formar e informar, educar outras pessoas como eu, então foi assim bastante importante essa emancipação como mulher negra principalmente me reconhecer neste lugar<sup>51</sup>.

Sem tomar essa medida e iniciar esse movimento, não será possível o desencadeamento epistêmico e, portanto, permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrada, enraizados nas categorias de conceitos gregos e gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares. (MIGNOLO, 2008, p. 288). A identidade política é crucial para a opção descolonial, uma vez que, sem a construção de práticas e discurso existencial sobre as próprias narrativas inseridas no processo humanizado e histórico, invalidam sua relação com a cultura.

## **CAPÍTULO II – DESCOLONIALIDADE OUTRA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO**

### **2.1 Educação superior e seus desafios colonial/moderno**

Para Grosfoguel, o conceito é o de “colonialidade”. Contrário ao pensamento de que o racismo é uma ideologia ou uma superestrutura derivada das relações econômicas, a ideia de “colonialidade” estabelece que o racismo é um princípio organizador ou uma lógica estruturante de todas as configurações sociais e relações de dominação da modernidade (GROSFOGUEL, 2018, p. 59). Ao denunciar o racismo como a principal e única lógica das diferenças existentes nos territórios colonizados, as práticas políticas de desestruturação permitem executar e mudar tais discriminações em suas raízes. Como expressão da razão dialética, orienta a ação para a mudança e, dessa forma, já opera como realidade transformadora (FERNANDES, 2019, p. 60).

A construção educacional no Brasil está vinculada à conquista de Impérios e a manutenção dessa lógica dominante nos lugares de poder da branquitude. São fatos que são justificados ainda na contemporaneidade, nos negando enxergar a partir de outras lentes. E por

---

<sup>51</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: Quais as motivações que te levaram a participar do coletivo Akofena? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 13 ago. 2024.

isso, trago COSTA, TORRES E GROSFUGUEL (referência), como compreensão sobre o processo das interversões de intelectuais negros. Antes disso, poderia citar uma reflexão dicotômica da qual, não estamos acostumados a verbalizar a Independência do Brasil que acontece na Bahia, especificamente no Recôncavo Baiano, estamos falando de um país que se tornou independente, no qual, as estruturas institucionais mantem-se legítimas ao colonialismo. Para Pinheiro padrões de colonialidade são estruturas cognitivas que estabelecem marcos de superioridade epistêmica, ética, estética, afetiva, cultural, religiosa, humana para o norte do mundo (PINHEIRO, 2021, p. 54). Embora essa noção esteja presente atualmente. Para Grosfoguel, o peso do racismo é um dos fatores para a manutenção da colonialidade. Ora, então como combater o racismo institucional?

Os autores acima argumentam críticas sobre o próprio discurso colonial, dentro da perspectiva do saber e do poder. Buscando a partir das narrativas opressoras a capacidade de decodificar a realidade posta. Para Costa, Torres e Grosfoguel um dos principais questionamentos é sobre a perspectiva de enfrentamento da colonialidade, diz respeito, sobre a visibilidade de autores e autoras negras assim como indígenas em espaços de poder e saber. E é sobre a consciência crítica que se constrói a decolonialidade a partir das ferramentas do povo preto dentro de sua coletividade. Estudos Subalternos tornaram evidente a necessidade de transcender epistemologicamente – ou seja, de descolonizar – a epistemologia e o cânone ocidentais (GROSFUGUEL, 2009. 43). O autor rompe com as fronteiras sobre a temática da colonialidade no espaço geográfico da cultura e da política, assim essas práticas surgem como diálogo relevantes nos espaços de coletividade de pessoas pretas e pretos. Para Grosfoguel é preciso pensar em perspectiva epistêmica que parta de lugares étnico-raciais onde possamos contribuir em muito para uma teoria crítica descolonial radical, capaz de transcender a forma como os paradigmas estabelecidos nas academias. (GROSFUGUEL, 2009 p. 44 grifos nossos).

A colonização no âmbito do saber é produto de um longo processo de colonialidade que continuou reproduzindo as lógicas econômicas, políticas, cognitivas, da existência, da relação com a natureza etc. (WYNTER, apud, COSTA, TORRES, GROSFUGUEL, 2023, p. 09). Há narrativas que continuam perpetuando o lugar de poder e saber e a existência delas são processos históricos de uma raça sobre a outra, que levaram aos marcadores sociais, políticos, culturais, raciais, étnicos e territoriais, levando à inexistência do homem negro intelectual e da mulher negra intelectual. Afinal, essa teoria atravessa séculos com o cientificismo de Descartes “Penso, logo existo” corpo e mente precisavam passar confiança neste caso, os aspectos da intelectualidade e do corpo rementiam ao homem branco. O “Penso, logo existo” não esconde somente que os “outros não pensam”, mas que os “outros não existem” ou não têm suficiência

ontológica (COSTA, TORRES, GROSGOUEL, 2023, p. 12). A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem precisamente a sua originalidade dessa espécie de substância que segrega e alimenta a situação colonial (FANON, 1961).

Baseado nisso, precisamos contar a nossa própria história, pois estamos PRESENTE e sempre estivemos presente. Ao contrário desse conhecimento desincorporado e sem localização geopolítica, o projeto decolonial assume a necessidade de afirmação corpo-geopolítica para a produção do conhecimento como estratégia para desarmar essa “bomba cultural” (COSTA, TORRES, GROSGOUEL, 2023, p 13). Partido de uma perspectiva revolucionária, essas são inevitáveis e necessárias os conflitos surgem na medida em que, a humanidade busca por reconhecimento modificando as estruturas impostas por uma “naturalidade” social. Um corpo-geopolítico dialético. Repensar a estrutura social a partir das epistemologias negras é fundamental para a formação social não só do negro, mas de uma humanidade “não hegemônica”, pensar a partir de uma complexidade de identidades, negando historicamente uma única história buscando a diversidade e a liberdade humana.

Talvez você nunca tenha escutado falar dessas invenções em virtude dos padrões de colonialidade que o ocidente nos impõe: o conhecimento aqui é brancocêntrico, androcêntrico, cisgênero, heteronormativo e capacitista (PINHEIRO, 2021, p. 52). São tais, padrões que precisamos romper a partir da consciência revolucionária alimentada por uma identidade em política, essa compreensão são fundamentais na construção da descolonialidade. A tarefa aqui é construir uma perspectiva emancipatória do povo negro a partir da literatura afrocentrada onde problematiza o “lugar do negro” como humanidade e acima de tudo homem intelectual. Afirmando aqui, geopolítica e corpo-política do conhecimento são encontrados na tradição do pensamento negro (COSTA, TORRES, GROSGOUEL, 2023, p. 13).

Concomitantemente as relações entre sequestro e invalidação são propósitos do colonialismo. isso aponta para dois fatores a dominação de corpos e logo depois, a dominação de mentes. Se o controle de corpos foi “abolido” a dominação cognitiva estabelece os novos princípios. Mas antes disso, já analisar como o Ocidente criou dois mundos. De fato, houve um sequestro, a invalidação, a perseguição, o genocídio, houve um eurocentrismo e sobretudo uma política ontológica. E a partir desta referência estabelece a noção do outro (o Oriente) e impõem o seu desconhecimento (PINHEIRO, 2021, p. 52). O corpo negro é um estrangeiro em seu próprio país, não são reconhecidos. As estratégias colonialistas impedem a validação por meio do saber e poder.

Por mais que nos sintamos parte do Ocidente pensando a partir de uma secção vertical no globo terrestre que divide mundo oriental de ocidental, não fazemos parte deste, somos “derivados de”; o continente africano tampouco, esse último não faz parte da

nação ocidental e está por conta própria desde a sua invasão, sequestro humano e expropriação intelectual e material. (PINHEIRO, 2021, p. 52).

A centralidade europeia funda-se na mesma lógica há séculos e caminhamos na busca de justiça, de respeito e direito ao povo negro. Falamos de nossas invisibilidades, porém construímos a partir dessas ausências do não lugar onde se torna a resistência. Para Pinheiro é necessário resgatar a ancestralidade positivando nossas experiências a partir das negras potenciais históricas que constituíram o nosso povo (PINHEIRO, 2021, p. 53). Construímos nossas demarcações de sobrevivência a partir da experiência vivida e compartilhada a partir da escrivência de Evaristo. Da perspectiva de Audre Lorde, é preciso transformar o silêncio em linguagem e ação. Acima de tudo, hooks descreve a importância do ato de falar para que os outros possam te escutar e é preciso verbalizar em todos os espaços. Para ela erguer a voz permitiu um ato revolucionário.

A filosofia africana sankofa nos ensina que o conhecimento dos passos que nos trouxeram até aqui são fundamentais na construção identitária de quem se é no presente e que, só se sabendo de onde veio e compreende na atualidade a sua potência existencial no mundo, saberemos para onde queremos/precisamos ir enquanto povo destituído de sua própria história. (PINHEIRO, 2021, p. 54).

Exemplos como esse da afirmação corpo-geopolítica estão sobejamente presentes na tradição do pensamento afrodiaspórico. (COSTA, TORRES, GROSGOUEL, 2023, p. 14). Para além do ato de falar, precisamos escrever, narrar nossas histórias, para que possamos continuar a construir caminhos possíveis.

## 2.2 Construindo novas perspectivas e caminhos possíveis nas universidades brasileiras

Reconhecemos a relevância histórica do movimento negro nas questões raciais. Além disso, desempenharam um papel crucial na luta pelo acesso à educação superior para a população negra. É imprescindível mencionar o Movimento Negro Unificado (MNU), que, ao longo de sua trajetória, busca promover a igualdade e o respeito ao povo negro.

A partir dos anos de 2000, o movimento negro intensificou ainda mais o processo de resignificação e a politização da raça, levando a mudanças internas na estrutura do Estado como, por exemplo, a criação da Secretaria de Políticas de Promoção e Igualdade Racial (Seppir), em 2003. Além disso, várias universidades públicas passaram a adotar medidas de ação afirmativas como forma de acesso, em especial, às cotas raciais. Cabe destacar que as políticas de ação afirmativas fazem parte das

discussões internas desse movimento social desde os tempos da atuação política de Abdias do nascimento (1914 – 2011) e, paulatinamente, passaram a ocupar um lugar de destaque na sua pauta de reivindicações. (GOMES, 2017, p. 35).

A Universidade de Brasília é a primeira universidade a aderir às cotas raciais para negros e indígenas nos anos de 1999 e 2000. As cotas étnico-raciais ocupam um lugar de grande destaque no debate público nacional, até que foi aprovada, em 2012, a Lei Federal n.º 12.711, que generalizou as cotas para negros e indígenas em todas as universidades federais (CARVALHO, 2023, p.79). Neste meio termo surgem diversas questões em torno das cotas raciais, advindas da mentalidade colonizadora levando a um debate longo e exaustivo das camadas sociais. Os critérios descredibiliza as cotas raciais em um discurso amplo da sociedade, o que invisibiliza as falhas da própria política de acesso. Contudo, cabe ponderar que o processo de implementação de tais leis e políticas nem sempre corresponde à radicalidade emancipatória das reivindicações que o originaram. (GOMES, 2017, p.36).

É mais óbvio que naquele momento a maioria das pessoas como nós tinham uma questão sabiam que eram negras do ponto de vista de fisiológicos, já tinham entrado por cotas, as cotas já eram política de acesso. As políticas afirmativas estávamos debatendo na universidade. – Sou negro de escola pública, as pessoas já tinham essa consciência racial, mas politizar isso, já era outra parada. Como politizar esse corpo que não é individual é um corpo coletivo é a população negra e aí! que a gente queríamos muito isso, politizar esse corpo enquanto corpo coletivo. As conquistas individuais o estado de uma certa forma outra já estava garantindo né! o processo as cotas as políticas afirmativas o mérito pela bolsa que não deixa de ser, as cotas também têm seu mérito, então, não era uma política para todos, as cotas não deixam de ser meritocrático, as cotas pegaram o suprássumo da escola pública elas pegaram os melhores da turma que ralaram muito. Era meritocracia dentro de uma raça, ou seja, você sai dali passa na universidade você vira branco inclusive, para seus parceiros negros<sup>52</sup>.

Para Carvalho as cotas epistêmicas são inerentes à nova realidade possibilitando o encontro de saberes, que promove a inclusão dos mestres e mestras dos nossos povos tradicionais (CARVALHO, 2023, p. 80 grifo nosso). Consequentemente, as cotas raciais possibilitam a entrada em duas camadas tradicionais de educadores e educandos. É inegável o avanço democrático das universidades brasileiras. Por isso, sim, a inclusão das cotas raciais representa uma consciência política sobre o racismo no Brasil e sua exclusão dos negros, indígenas e quilombolas nos espaços de saber. Além de visar a construção da sociedade e da educação como espaço/tempos mais igualitários, democráticos e justos para todos. (GOMES, 2017, p. 38).

---

<sup>52</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: Em relação a Consciência Racial, quais as percepções sobre as políticas de acesso. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024.

De fato, estamos interessados na articulação da inclusão da possibilidade de enfrentar as clivagens do racismo epistêmico ocidental. Ao ponto em que ocupamos espaços de poder, podemos compreender a conjuntura colonizadora e a complexidade das relações racistas excludentes do país. Contudo, as Políticas Afirmativas não excluem definitivamente o racismo, mas se propõem como um mecanismo de humanização de uma maioria. Neste sentido, a medida em que avançamos, identificamos a contradição da aplicação das Políticas Afirmativas nas universidades a partir de fatores que impedem de sua autenticidade na questão da reparação.

Assim, o racismo não se resume a comportamentos individuais, mas é tratado como o resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça (ALMEIDA, 2019, p. 26). Diante disso, a branquitude continua acessando lugares de poder e saber como antagônicos. Enquanto isso, os saberes não brancos são invisibilizados, carregados de estereótipos.

O peso recai sobre a estrutura universitária presentes no modelo colonizador. A conjuntura das universidades brasileiras se baseia a partir dos privilégios a partir da raça. (ALMEIDA, 2019). Diante disso, a branquitude continua acessando lugares de poder. Neste sentido, os novos saberes são invisibilizados. Há caminhos urgentes que precisam ser construídos em dimensões horizontais, negando a epistemologia eurocêntrica e reafirmando o sentido das múltiplas identidades. Diante das necessidades, as conquistas recentes principalmente nos espaços institucionais acadêmicos estão limitadas por conta do modelo eurocêntrico que se perpetua nas estruturas acadêmica.

As primeiras universidades criadas no Brasil, em especial na sua versão francófona, como foi o caso da UFRJ e da USP, fundadas por duas missões francesas, instalando assim a nossa elite acadêmica europeia (CARVALHO, 2023, p. 85). Essa organização da sociedade no campo educacional, levou a uma classificação, do direito do estudo da autorização a frequentar à universidade pública no Brasil. Essa aliança de um modelo eurocêntrico universitário perpetuou por anos nas academias brasileiras, embora possa ocorrer mudanças na mentalidade colonizadora da universidade o ingressante de hoje, mesmo com uma consciência política enfrentará uma estrutura racista com significados vazios. Tal processo contribui para conceitos do senso comum sustentado por uma sociedade que nega a humanização da população negra.

Diante disso, estamos falando da expansão das universidades no Brasil na década de 1930, onde os países europeus ainda viviam seus lucros resultantes de suas conquistas imperiais (CARVALHO, 2023, p. 85). Afinal, as organizações da época estavam livres de julgamentos, pois ali, se consolidava uma conquista resultante dos conflitos da guerra e a conquista do Império. Assim como Grosfoguel afirma esse lugar do privilégio epistêmico dos brancos foi

consagrado e normalizado com a colonização das Américas no final do século XV (GROSFOGUEL, 2006, p. 32). Os fatores da colonização no país são evidentes, mas não podem servir de justificativas e continuidade das exclusões, discriminações e negações de direitos educacionais e sociais da população negra.

### 2.3 Uma consciência política e descolonial nas universidades brasileiras

Para uma compreensão sobre a realidade atual e as novas perspectiva de mudança social nos espaços acadêmicos, uso o conceito de descolonialidade para compreender a consciência política que se forma nas universidades brasileiras. Consequentemente um movimento dialético que nasce ou que é largamente proporcionada a partir da Lei nº12.711. Segundo Vesz “descolonialidade”, com o prefixo “des”, em vez de “decolonialidade”, são palavras diferentes com suas termologias fundadas em significados políticos. Uma vez que a noção de descolonialidade está diretamente vinculada à epistemologia. (VESZ, 2019, p. 3, grifo nosso). Para Torres a descolonialidade em termo generalizado é entendido como um processo pelo qual os povos do terceiro mundo ganharam a independência de seus governantes coloniais (TORRES, 2023, p. 27). A luta e conquista pelo território brasileiro em aspecto geográfico simboliza mudanças aos povos e aqueles trazidos à esta terra.

Se a epistemologia eurocêntrica se caracteriza não apenas por privilegiar um padrão de pensamento ocidental, mas também por estudar o “outro” como objeto e não como sujeito que produz conhecimentos (encobrimdo, ao mesmo tempo, a geopolítica e a corpo-política do conhecimento, a partir das quais pensam os pensadores e intelectuais acadêmicos brancos). (GROSFOGUEL, 2006, p. 32).

O conhecimento cabe sobre a legitimação única do ocidental onde a conjuntura construída hierarquicamente funda-se em epistemologias violentas e excludentes. Talvez deveríamos fazer a pergunta que Piaget faz, o que conhecimento, como se chega a ele e como se passa de um tipo a outro qualitativamente superior, tendo como critério o conhecimento científico (AZENHA, 2003, p. 19). Bem, Grosfoguel diria que a superioridade não está no conhecimento e sim, no ego cogito do homem europeu, concomitantemente relacionada com o contexto histórico-político e sues desdobramento dos 150 anos de domínio, exploração, escravidão e desumanização contra diversos povos indígenas e africanos. (GROSFOGUEL, 2023, p. 12 apud DUSSEL, 1994, grifos nossos). O lugar epistêmico étnico-racial/sexual/de género e o sujeito enunciator encontram-se, sempre, desvinculados. (GROSFOGUEL, s/n p.46).

Essa legitimidade da epistemologia ocidental se funda em critérios de uma humanidade livre dos aspectos da inferioridade, mas capaz de ser extraordinário. Partimos do *lócus*, onde compreendemos uma perspectiva do sujeito ativo, ainda que esteja no lugar epistémico étnico-racial/sexual/de gênero e o sujeito enunciador encontram-se, sempre, desvinculados, da construção social (GROSFOGUEL, s/n. p, 46, grifo nosso).

Para Hill Collins, tais narrativas estão vinculadas ao modo como os homens brancos controlam as estruturas de validação do conhecimento ocidental (COLLINS, 2023, p.139, grifo nosso). Essa argumentação nos impede de enxergar possibilidades possíveis devido à estrutura social onde constrói critérios de desumanização. Ao esconder o lugar do sujeito da enunciação, a dominação e a expansão coloniais europeias/euro-americanas conseguiram construir por todo o globo uma hierarquia de conhecimento superior e inferior e, conseqüentemente, de povos superiores e inferiores (GROSFOGUEL, s/n. p, 47). A construção de uma emancipação contra os argumentos construindo ao homem étnico racial, culminam no véis da interseccionalidade aqui propomos o sujeito emancipatório economicamente, socialmente e politicamente e fundamentalmente intelectual.

Para Grosfoguel, a perspectiva descolonial verdadeiramente universal não pode basear-se num universal abstrato, mas em diálogo crítico entre diversos projetos políticos, éticos, epistémicos, apontados para um mundo pluriversal. (GROSFOGUEL, s/n, p. 44). O problema da epistemologia ocidental está na alienação de tentar compreender as complexas relações a partir das lentes ocidentais. Precisamos fazer um exercício revolucionário por meio do pensamento crítico e prático a partir dos lugares em que ocupamos. Estabelecendo critérios políticos humanitários de relações sociais, rompendo com a lógica universal dentro e fora das universidades. O essencial aqui é o locus da enunciação, ou seja, o lugar geopolítico e corpopolítico do sujeito que fala (GROSFOGUEL, s/n. p, 46). Aqui especificamente o corpo político do homem negro e o corpo político da mulher negra em suas dimensões sociais.

As cotas na pós-graduação que não existi, foram a minha geração, já quase terminando o Akofena e a gente fez um debate das cotas fez um estudo profundo aqui né, fizemos um documento muito interessante, fomos na reitoria conversamos articulamos com outros professores que a gente entendia que eram professores aliados como Diane, Rita Dias<sup>53</sup>.

Neste sentido, a descolonialidade nas universidades surge a partir das novas demandas da inclusão de uma maioria nos espaços acadêmicos, tais movimentos de criticidade rompe com

---

<sup>53</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: pergunta não estruturada. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jun. 2024

a ideia de um único paradigma eurocentrado nas universidades brasileiras. Ou seja, as estruturas universitárias seguem padrões ocidentais legitimados pela conquista de impérios ao longo do tempo, perpetuando o seu poder sobre essa lógica de dominação. Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós (QUIJANO, 2005, p. 130).

Nesse contexto histórico, fazemos um exercício de olhar para o presente, ajustar as ferramentas e descolonizar as estruturas institucionais. Baseado nisso, buscamos estar presentes no geopolítica e corpo-política do conhecimento, conceitos usados por Grosfoguel. Para o autor temos a nova situação, de sujeitos que consiste em uma minoria discriminada, estudando a si mesmos como sujeitos que pensam e produzem conhecimentos a partir de corpos e espaços subalternizados e inferiorizados pela epistemologia racista e o poder ocidental (GROSFOGUEL, 2006, p. 32). É necessário compreender o passado, mas o problema recorre sobre a atualidade. Assim, uma consciência política revolucionária parte dos indivíduos que vivem em conflitos sociais, invisibilizados pelo sistema opressor.

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p.126.)

A colonialidade historicamente estabeleceu modos de dominação em todas as esferas sociais como na política, na cultura, na economia e na produção de conhecimento. Neste processo buscamos a ruptura desses padrões. Instituídos da humanidade, os colonizados seriam para os colonos os causadores de todas as misérias do mundo. Tais narrativas se perpetuam transcendendo ao tempo, instalando-se como hospedeiros os colonos atribuíram aos negros uma condição de parasitismo. Ainda assim, seria inevitável permanecer nesse estágio. O colonizado, portanto, descobre que a sua vida, a sua respiração, as pulsações do seu coração, são as mesmas que as do colono. Descobre que uma pele de colono não vale mais do que uma pele de indígena. (FANON, 1961; p. 41). Contudo, os intelectuais negros da contemporaneidade invertem a lógica do imaginário da branquitude e reconstrói sua própria história uma decolonialidade construída a partir da literatura negra e novas teorias.

Repensar a estrutura social a partir das epistemologias negras é fundamental para formação social não só do negro, mas de uma humanidade “não hegemônica”, pensar a partir de uma complexidade de identidades. A descolonização unifica esse mundo, arrebatando-o de forma radical à sua heterogeneidade, unificando-o sobre a base da nação ou da raça. (FANON,

1961; p.41). Evidentemente há séculos houve a despolitização da consciência da população negra retrocessos que tiveram impactos devastadores na vida do colonizado, tais problemáticas são palco de debates e mudanças no cenário atual, esse protagonismo tem gerado sementes relevantes para as transformações sociais. Afirma Fanon, quando milita no seio do povo ele maravilha-se continuamente. Vê-se, em parte, desarmado pela boa fé e pela honestidade do povo. (FANON, 1961; p.45). As problemáticas da limitação da cultura são questionadas e as novas identidades são reveladas.

### **CAPÍTULO III – LITERATURA E PERTENCIMENTO: POSSÍVEIS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

#### **3.1 Literatura negra espaço identitário e de afetos**

Na maior parte dos países latino-americanos nunca se lecionou nas universidades cursos sistemáticos sobre culturas negras. Os preconceitos gerados pela escravidão sofrida pelos africanos na América contribuíram para isolar a África dos conhecimentos da vida universal, a menosprezar e, mais ainda negar a sua história. (UNESCO, 1970:52 Apud NASCIMENTO, 2002, s/p).

Histórias são contadas e eternizadas, são provas vivas do passado. Com elas compreendemos os sujeitos legitimados a narrar o contexto da época, por isso o autor tem classe social e origem, nome e sobrenome. Os intelectuais da época dominavam o conhecimento brancocêntrico universal, aqueles que não cabiam nos padrões, perfil e narrativas não pertenciam à elite intelectual brasileira, mas pertenciam ao lado apostado, assim eram estereotipados e desumanizados. No Brasil, durante os quatro primeiros séculos, escritores ficaram à mercê das letras lusas. O domínio político e econômico também se refletia no domínio cultural, incluindo a literatura. A crítica obedecia aos pressupostos do padrão de escrever da metrópole e por esse viés valorizava ou desqualificava as obras (CUTI, 2010, p. 15). Ao passo que a educação era restrita a poucos, a literatura se tornou ferramenta principal para construir relações opressoras. Aqueles poucos sujeitos de cor que tinham o privilégio do estudo, ao se inserirem no ambiente colonial, diferentemente mantinham um *comportamento desumano*. Segundo Fanon, estamos falando de um sujeito que por “acidente” inseriu-se na vida da elite brasileira. Para Roger Bastide, não existia uma poesia negra, mas poesias feitas por negros dentro dos moldes e padrões brancos (VECCI, s/ano, p.453).

A literatura negra surge no Brasil como instrumento formador das questões sociais e sem pretensões de mudanças sobre a ordem estabelecida. As ideias de nação branca e colonialidade não deveriam ser extintas da sociedade, nem da memória daqueles que construíram uma nação a partir da escravidão. A maneira como os escritores tratarão os temas relativos às vivências dos africanos e de sua descendência no Brasil vai balizar-se pelas ideias vindas da Europa, abordando o encontro entre os povos, sobretudo no que diz respeito à dominação dos europeus desde o início da colonização (CUTI, 2010, p. 17). Ora, a situação seguinte demonstra a impossibilidade de construir uma identidade, ao passo em que o colonialismo produz suas narrativas desumanizadoras em relação ao negro. Talvez, essa condição do negro não seja submissa, mas o espaço de convivência não lhe permitia desconstruir as literaturas opressoras da época.

Se ele se encontra a tal ponto submerso pelo desejo de ser branco, é que vive em uma sociedade que torna possível seu complexo de inferioridade, em uma sociedade cuja consistência depende da manutenção desse complexo, em uma sociedade que afirma a superioridade de uma raça; é na medida exata em que esta sociedade lhe causa dificuldades que ele é colocado em uma situação neurótica (FANON, 2020, p. 95).

O que poderia escrever sobre um povo escravizado? Sobre uma nação que não tinha rosto? Havia apenas uma história, a história do branco sob dominação de outro povo. A discriminação se faz presente no ato da produção cultural, inclusive na produção literária. Quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se dá um círculo vicioso que alimenta os preconceitos já existentes. (Cuti, 2010, p. 24). Em resposta aos paradigmas da literatura brancocêntrica, o núcleo Akofena se dedica ao estudo de escritores e escritoras negras, comprometendo-se com uma narrativa real, livre de mentiras e manipulações.

Autores como Lélia González, Beatriz Nascimento, Neuza Souza Santos, Bell Hooks Abdias Nascimento, Osmundo, Cuty poeta, eles tiveram porque são pessoas pretas, então! estão em seu lugar de fala, nada sobre nós sem nós, e a literatura deles eram literatura onde trazia e traz na verdade afundo questões raciais assim é desvendada pra gente questão cientificamente né... é... esse tema que é tão complicado que é o racismo então assim é autores que eu gostava que eu gosto muito, leio até hoje que aprendi a gostar dentro das formações é ... que o núcleo proporcionava<sup>54</sup>.

Aqui esta experiência é a matéria prima. É ela quem transforma o que poderia ser um mero exercício acadêmico, exigido como mais um requisito da ascensão social, num anseio

---

<sup>54</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: Quais literaturas negras teve papel relevante para sua formação acadêmica e intelectual e por quê? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 19 ago. 2023

apaixonado de produção de conhecimento. É ela que articula com experiências vividas por outros negros e negras, transmutar-se-á não saber que – racional e emocionalmente – reivindico como indispensável para negros e brancos, num processo real de libertação (SOUZA, 1983, p.18).

Parafrazeando Souza, a autora destaca a importância de exercer um olhar para si mesma como uma ferramenta emancipatória. O objetivo do discurso, nesse contexto, é compreender o lugar que ocupamos. Sob essa perspectiva, destaca-se o espaço de produção intelectual de professores negros, que reivindicam esse reconhecimento. Essa aliança possibilita evidenciar a negligência presente nos espaços acadêmicos e em outros âmbitos. A organização desse movimento levou à criação do núcleo Akofena, concebido como uma iniciativa gerenciada por pessoas negras.

Por isso, precisamos reescrever nossas histórias, buscar em suas fontes as narrativas reais e concreta sobre o surgimento da humanidade em África, sobre sua riqueza cultural, estrutural e econômica deste continente. Preocupações têm havido por parte de alguns que argumentam que categorizar - literatura negra- é sugerir, provocar uma guetização? dessa literatura e dos representantes desse específico discurso literário (EVARISTO, 2020, p. 14).

Nesta força básica de identidade que o negro deve-se unir com o negro, e não apenas ao apelo de interesses mesquinhos ou de sentimentos destituídos de valor. E que objetivos teria essa unidade entre os negros? Antes de tudo, a reconquista de sua liberdade e dignidade como pessoa humana; o resgate de sua autodeterminação e soberania, como parte de uma nação que o colonialismo europeu-escravocrata dividiu, o capitalismo espoliou, o racismo e o supremacismo branco desfrutaram. (NASCIMENTO, 2002, s/p).

Tem sede de justiça, aprofunda nas veias dos sistemas opressor e enxerga possibilidades na coletividade política das mulheres negras. Entre tantas, a interseccionalidade as mantém juntas na perspectiva de luta e da sobrevivência, os nossos antepassados já nos diziam, nossos passos vêm de longe. Vem erguido por uma força arrebatadora. Há quem diga que o discurso é mimimi. Não existem fronteiras, espaço geográfico, nem território as mulheres negras erguem suas vozes, ecoa nos quatros cantos do mundo. A vida tem pressa.

### 3.2 Escrivência: escrevendo histórias reais

A literatura negra não é recente no mundo intelectual, segundo Duarte, no alvorecer do século XXI, a literatura afro-brasileira passa por um momento extremamente rico em

realizações e descobertas, que propiciam a ampliação de seu corpus, tanto na prosa quanto na poesia, paralelamente ao debate em prol de sua consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária. (DUARTE, 2008). Tais materializações ganham corpo em aspectos diversos tanto na construção linguística como na produção discursiva empenhadas a tornar os afro-brasileiros em destaques ou denunciar ou ressignificar os espaços ocupados pelos autores. Duarte reitera a formação de um público específico, marcado pela diferença cultural e pelo anseio de afirmação identitária, que compõem a faceta algo utópica do projeto literário afro-brasileiro. (DUARTE, 1989).

Um dos fatores que ajuda a configurar o pertencimento de um texto à Literatura Afro-brasileira situa-se na temática. Esta pode contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências ou ir até à glorificação de heróis. (DUARTE, 1989).

Há múltiplas interações no campo da literatura negra é possível encontrar vertentes que dão significados e ao mesmo tempo se estruturam como lugares de poder de sabedoria e de existência. Como é sabido, o ponto de vista adotado configura-se em indicador preciso não apenas da visão de mundo autoral, mas também do universo axiológico vigente no texto, ou seja, do conjunto de valores morais e ideológicos. (DUARTE, 1989). Essas sejam talvez as interações políticas que os intelectuais negros tenham buscado uma dinâmica de enfrentamento as questões simbólicas existentes no universo construído para o negro.

A escrevivência compreendida como a literatura afro-brasileira, onde ambos contextos escravocrata e favelas narram a vulnerabilidade dos corpos negros, memorizadas e escritas por mulheres negras e homens negros. A história contada a partir da experiência cotidiana e/ou na ausência de livros, as narrativas contadas descreviam as mazelas, e em forma de denúncia os relatos contados pelos mais velhos estimulava uma consciência crítica-sociorracial. As narrativas de Evaristo (2018) estão ligadas ao passado colonial e a um presente com seus resquícios (EVARISTO, 2018, s/p).

O conceito de escrevivência tem como principais vertentes a memória da escravidão frequentemente relatada pelos mais-velhos, em histórias nas quais rememoram sua infância passada em fazendas, senzalas, plantações e enfrentamentos com os senhores. Num segundo plano, o mais vívido no romance, a relação da senzala com a favela atualiza-se na geografia dos becos onde se vivencia a condição subalterna dos seus moradores. (EVARISTO, 2018, s/p).

A escrevivência nos permite dialogar por narrativas reais.

Portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (com) fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem menor pudor. Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2011, p. 11).

Em meio aos atravessamentos da vida, Evaristo se permite descrever as próprias subjetividades, quebrando as regras do academicismo. O racismo presente em diversos contextos sociorraciais, incluindo práticas de discriminação racial, é denunciado tanto pela escrevivência da autora quanto pelo coletivo Akofena, que se baseia nessas experiências para questionar e transformar a realidade. Por meio da literatura afro-brasileira, do cinema e do Hip Hop, torna-se possível descolonizar espaços. Dentro desse contexto, o coletivo utiliza quatro elementos da cultura Hip Hop: Rap, Breaking, Discotecagem e Graffiti.

A escrevivência nesta pesquisa surge como narrativas contadas pelos integrantes do coletivo Akofena. Assim, ao memorizar e contar suas histórias o coletivo Akofena registra suas escrevivências cotidianas, uma ferramenta que mantém viva a história de corpos negros que vivenciam diariamente o racismo atravessado em seus corpos. Escrever é manter viva as narrativas políticas e antirracistas vivenciadas cotidianamente por jovens negros e negras.

As Escrevivências podem até ser um ato de amor, mas mulheres insubmissas o fazem como um ato revolucionário a partir de suas subjetividades e daquilo que as oprimem. Conceição Evaristo nos ensina que, por meio da literatura afro-brasileira, mantemos nossas histórias vivas e eternizadas por mulheres negras, denunciando as opressões, reivindicando espaços, construindo pontes e tornando-se raízes. As narrativas de mulheres negras e dos homens negros partem da interseccionalidade e, por isso, o coletivo Akofena se faz presente na escrevivência. Pensar a Escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incentiva a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica (EVARISTO, 2020, p. 29)

Narrar é manter viva a memória, estabelecendo uma relação com o passado para construir narrativas históricas e projetar o futuro, como nos ensina Gonzalez (2019). Enquanto a consciência exclui, a memória inclui. Ao ponto em que construímos novas narrativas, somos ouvidas em uma perspectiva política e decolonial. É desta forma que o Núcleo Akofena se intitula narrando suas experiências cotidianas no território do Recôncavo.

Escrevivência se configura como literatura afro-brasileira. Portanto, nesta pesquisa as narrativas contadas pelos integrantes do Núcleo Akofena são provocações e experiências tanto coletiva como individual, um instrumento político fundadas da realidade concreta dos corpos negros, atravessados por uma complexa violência física e psicológica. Dentro desse cenário a escrevivência se apresenta como luta antirracista com corpos que se movimentam no enfretamento histórico de uma narrativa que se mantém viva, contada por nós.

Nossa Escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (EVARISTO, 2020, p. 30).

Revisitar nossa ancestralidade na condição de sujeitos permite compreender os aspectos que nos atravessam geograficamente enquanto Amefricanos. A categoria Amefricanidade é um modo de ser, sentir e viver, uma característica proveniente do termo amefricanas/amefricanos como nomeação de todos os descendentes de africanos tanto os sequestrados pelo tráfico negreiro, como daqueles que chegaram à América após o seu “descobrimento” (COSTA, 2021, p. 10). Identificar tais atribuições na formação social do Brasil permite desconstruir o imaginário social sobre a democracia racial e para além de outras categorias como pertencente ao lugar no qual fomos impostos. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada (EVARISTO, 2020, p. 31). O que nos torna diferentes nos permite construir novas epistemologias negras e nesta condição de *outsider* (estranha, marginalizada), consideradas a margem da sociedade Lorde (LORDE, 2019,) e dentro dessa analítica situação compreender que sempre estaremos do lado de fora. Contudo, Evaristo nos transporta com sua escrita sobre sua experiência para tentar compreender o mundo. Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas (EVARISTO, 2020, p. 34). Para Evaristo (2020), escrever é pertencer a esse mundo para fazer uma autorreflexão sobre sua e outras condições da mulher negra. Evaristo faz uma pergunta: "O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita"?

Tento responder. Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo. (EVARISTO, 2020, p. 35).

Esse talvez seja um ato político em que todas nós precisamos nos estabelecer conectando nossas vidas e experiências com a escrita, permitindo-nos um encontro profundo sobre o nosso lugar. Partindo desta concepção, Evaristo revisita a Escrevivência de Gloria Anzaldúa e de como a escrita nos aproxima descrevendo sua inserção na literatura feminista. E nos faz perceber que não somos únicas, somos muitas. O coletivo Akofena se constitui como uma literatura afro-brasileira, onde é possível narrar suas escrevivências a partir das ações políticas, do ato de verbalizar as negligências que acomete o corpo negro.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (EVARISTO, 2020, p. 36).

Na medida em que a internalização dos padrões sociais atinge a relação subjetiva de mulheres negras e dos homens negros, a escrita se propõe como instrumento transformador e de desvelamento das opressões. Para Lorde, as mulheres negras são '*outsider*', significa que as mulheres estão projetadas as margens da sociedade, essa percepção se institui a partir da inserção política na qual a mulher negra se insere, mas se encontra no lado de fora. Ainda assim, Lorde nos propõe e está convicta que o mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que corramos o risco de ser magoados ou incompreendidos (LORDE, 2019, p. 51). Escrevemos porque somos antagônicas e se nossas histórias são esvaziadas de sentidos reconstruímos nossas essências e nós fazemos presentes. Histórias têm sido usadas para expropriar e ressaltar o mal. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida (ADICHIE, 2009, s/p).

É impossível falar sobre uma única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra do povo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é nkali. É um substantivo, que livremente se traduz: "ser maior do que o outro." Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do nkali (ADICHIE, 2009, s/p). Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu

pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade (EVARISTO, 2020, p. 38).

O nosso espelho é o de Oxum e o de Iemanjá. Apropriamo-nos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e Iemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nós descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de Iemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de Iemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos (EVARISTO, 2020, p. 39).

Caminhando em outras perspectivas a ancestralidade como conhecimento compreendido não só como crenças e cultura, mas a interlocução do conhecimento intelectual que determinados povos instituíram como elementos rituais para o crescimento espiritual de afetos e de respeito. Mas tais conhecimentos são negados pela branquitude eurocentrada. Para muitos, o conhecimento é validado e centrado na Europa como nos ensina Chimamanda Ngozi Adichie sobre o perigo de contar uma única história. Descreve Adichie para eles uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão. (ADICHIE, 2009, s/p).

Uma vez que homens brancos da elite controlam as estruturas de validação do conhecimento ocidental, seus interesses permeiam temas, paradigmas e epistemologias do trabalho acadêmico tradicional. Conseqüentemente, as experiências de mulheres negras norte-americanas, bem como as experiências de mulheres afrodescendentes na esfera transnacional, têm sido distorcidas ou excluídas daquilo que é definido como conhecimento. (COLLINS, 2023, p.139).

Esse é o problema de centralizar o conhecimento apenas em uma cultura, uma política identitária negando tantas outras. O saber nunca pertenceu a um grupo e essa dicotomia talvez seja um problema da civilização na qual destinou a diferença entre o primitivo e o civilizado. Adichie (2009) reafirma que uma única história está suscetível a criar estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história (ADICHIE, 2009, s/p). Essa validação do conhecimento eurocêntrico permeia todas as estruturas sociais e as universidades como base dessa perpetuação. Uma vez que homens brancos da elite controlam as estruturas de validação

do conhecimento ocidental, seus interesses permeiam temas, paradigmas e epistemologias do trabalho acadêmico tradicional (COLLINS, 2023, p. 139).

Desta forma, trago uma experiência de mulher negra em contexto de exclusão. Refiro-me à abolicionista Sojourner Truth em seu discurso que ganhou o mundo. Tensionada pela ausência da própria existência enquanto mulher e mulher negra, Sojourner questiona de qual mulher vocês estão falando? Ou seja, eu não sou uma mulher? Assim como Sojourner, que descreveu sua experiência enquanto mulher negra num contexto colonialista de repressão às mulheres, outras sujeitas/sujeitos em situação de insubmissão descrevem suas histórias como ferramentas contra as análises errôneas sobre suas próprias posições políticas. Na fala de Giselle, entendemos como a busca por uma compreensão autônoma e de si mesma como coletividade se constitui politicamente:

Bom, sou uma das fundadoras do Núcleo Akofena, entrei no início, no ano de 2009. Aí as demandas que nós tínhamos era obviamente estudar as questões Raciais porque o Akofena tinha muito isso, grupo de estudo né, e questionar as práticas racistas na universidade também. O Akofena em seu início lutou muito por acessibilidade e contra o capacitismo na universidade, isso me fortaleceu muito a minha estadia no coletivo<sup>55</sup>.

O cenário de invisibilidade da mulher negra é extremamente perverso, aliando as opressões interseccionais de classe, raça, gênero e sexualidade denunciada por Sojourner Truth em seu discurso. A síntese dessas Escrivências tem a interseccionalidade como ponto chave do discurso, sintetizando os caminhos do corpo feminino em dimensões esféricas no combate das interviolências sofridas pelas mulheres negras.

## **CAPÍTULO IV – QUILOMBO: ALIANÇAS DO NÚCLEO AKOFENA**

### **4.1 Núcleo Akofena: um exercício de aquilombamento no território do Recôncavo Baiano**



Figura: 6 - Símbolo Akofena

---

<sup>55</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: pergunta não estruturada? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 19 ago. 2023

O Núcleo de Negras e Negros Estudantes (NNNE), posteriormente renomeado como Núcleo Akofena, foi criado em 2009 por estudantes do CAHL. Surgiu do compartilhamento de ideias e do compromisso de transformar o espaço acadêmico e seu entorno, fortalecendo a luta antirracista e impulsionando mudanças essenciais na universidade.

Além de atuar dentro da instituição, o núcleo estabelecia uma ponte entre a universidade e as comunidades de Cachoeira, reconhecendo as particularidades da experiência dos estudantes negros em contraste com o perfil predominante nas universidades brasileiras. Mantendo um vínculo estreito com suas comunidades de origem, entendiam que ocupar espaços acadêmicos e de poder era também uma forma de compartilhar conhecimento. Diante da ausência do Estado, reafirmavam seu compromisso coletivo de apoio e fortalecimento mútuo.

Um momento emblemático para o núcleo Akofena, com a presença marcante de Angela Davis, uma das ativistas mais reconhecidas mundialmente. Sua participação no CAHL durante o novembro Negro fortaleceu o grupo, ampliando suas perspectivas e impulsionando suas atividades. Além de reafirmar a relevância do núcleo, sua presença se tornou uma referência inspiradora para toda a comunidade acadêmica.

O núcleo Akofena recebeu diversas intelectuais que, ao longo de sua trajetória, compartilharam seus conhecimentos e experiências, proporcionando momentos de aprendizado na luta antirracista. Essas trocas ajudaram os membros do coletivo a fortalecerem seus laços

políticos com a comunidade e o CAHL, reconhecendo a importância de construir um espaço inclusivo e possível para a população negra.



Figura 7- Ângela Davis é Akofena! A luta se faz na emoção... A história está viva! Cachoeira - BA, 22 de novembro de 2012<sup>56</sup>

O Núcleo de Negras e Negros Estudantes foi fundado em 2009, por estudantes do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Havia entre os estudantes o desejo de criar um coletivo que pautasse as demandas tanto individual como coletivas dentro da universidade. Com ideais pautadas em alianças, para Giselli a gente acabou se conectando, irmandade de corpo preto, mesmo.<sup>57</sup>

A frase de Giselli, "*a gente acabou se conectando, irmandade de corpo preto mesmo*", sintetiza que as alianças construídas dentro do coletivo iam além do desejo de criar um espaço político. Elas também representavam sentimentos compartilhados entre corpos negros sobre suas identidades, promovendo uma rede de apoio mútuo que ampliava as possibilidades de existência de muitos de nós.

<sup>56</sup> Fotografia retirada do blog do Núcleo Akofena. [NÚCLEO AKOFENA](#)

<sup>57</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: Quais as motivações que te levaram a participar do coletivo Akofena? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 19 ago. 2023.



Figura 8 – Conversas com Cuti- novembro negro: Roda de diálogo com Cuti, novembro de 2010<sup>58</sup>

Giselli relata que a literatura negra á influenciou totalmente, conheci diversos autores negros inclusive no coletivo porque dentro da Universidade ainda na época, faltava pouco de autores negros dentro do currículo, então nos estudávamos autores negros né! o Akofena foi é ... responsável pelo fórum 20 de novembro que ocorria na universidade aqui no campus CAHL então nós montamos uma programação toda baseada com autores negro nos trouxemos por exemplo Cuti, um poeta importantíssimo e escritor negro né! que nos deu uma aula, tive uma reunião com a gente para a formação, além de participar do evento então foi muito importante<sup>59</sup>.

Giselli destaca o papel fundamental da literatura em seu processo identitário e político, ressaltando a importância do núcleo Akofena nessa construção. Ela aponta que a universidade ainda não havia desconstruído a abordagem eurocêntrica em seu currículo, tornando essa uma pauta central do coletivo na busca por mudanças. Além disso, o grupo trouxe a literatura negra para seu espaço, convidando autores negros que ministraram aulas e compartilharam seus conhecimentos, promovendo momentos significativos para o coletivo.

A fala de Samyr, membro do coletivo, que, a partir de sua vivência individual e coletiva, sintetiza o significado do Akofena e reflete a força de seu nome como uma irmandade formada no CAHL. O grupo honra seu propósito, fortalecendo a coletividade como caminho para a emancipação. Descrito como um verdadeiro "espaço de aquilombamento", o núcleo valorizava

<sup>58</sup> Fotografia retirada do blog do Núcleo Akofena. [NÚCLEO AKOFENA](#)

<sup>59</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: Como as literaturas negras foram importantes para sua autoafirmação identitária dentro do coletivo e fora dele? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 19 ago. 2023.

alianças essenciais para consolidar relações que estivessem alinhadas ao seu propósito dentro da universidade.

“O Akofena foi um espaço de aquilombamento. Espaço aonde negros e negros vindos das periferias, quilombos e zona rural, eram acolhidos e pensavam juntas possibilidades de sobrevivência/permanência na universidade<sup>60</sup>”.

Para Abdias do Nascimento o quilombo tantos os permitidos como os “ilegais” formam uma unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história. (NASCIMENTO, 2002, s/p).

O Núcleo Akofena foi uma organização do movimento social negro composta por base estudantil universitária. [...]. O objetivo inicial dos primeiros membros do coletivo era criar um espaço de formação política para os estudantes negros/as e pautar as discussões raciais na Universidade, que até então, apresentava grande lacuna no tema<sup>61</sup>.

Reconhecer uma história é proporcionar a continuidade de uma nação, reivindicando seus direitos seus saberes e sua intelectualidade. Em nosso país, a elite dominante sempre desenvolveu esforços para evitar ou impedir que o negro brasileiro, após a chamada abolição, pudesse assumir suas raízes, étnicas, históricas e culturais, desta forma seccionando-o do seu troco familiar africano. (NASCIMENTO, 2002, s/p).

Diante desse contexto, no segundo semestre de 2009, fundamos o Núcleo de estudantes Negras/Negros da UFRB, conhecido como Núcleo Akofena. Durante todo segundo semestre de 2009, assim como o primeiro semestre de 2010, montamos um grupo de leitura, no qual lemos e debatemos coletivamente obras fundamentais do pensamento preto diaspórico, cujos autores que compunham o arsenal de leituras eram: Frantz Fanon, Nelson Mandela, Steve Biko, Winnie Mandela, Malcolm X, Angela Davis, bell hooks, Lélia Gonzalez, Patrícia Hill Collins, dentre tantas outras obras clássicas. Além de uma leitura centrada nas experiências e reflexões teóricas da diáspora negra, também convidamos os/as professores/as negros/as da UFRB para apresentarem suas pesquisas, métodos, trajetórias acadêmicas e reflexões acerca de suas presenças em uma universidade estruturalmente eurocêntrica. (FERREIRA, 2024)<sup>62</sup>.

Aganju foi um dos militantes que integraram o Núcleo Akofena. Embora eu não tenha realizado uma entrevista pessoalmente com ele, tive acesso a um artigo de sua autoria,

---

<sup>60</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: Qual o nome define o Núcleo Akofena? [entrevista cedida à Juliana Macambira] 11 jun. 2024.

<sup>61</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: O que foi o Núcleo Akofena, em termos político para você? [entrevista cedida à Juliana Macambira] 11 jun. 2024.

<sup>62</sup> AGANJU, Fred disponibilizou seu artigo com a temática do Núcleo Akofena.

publicado no início de 2024. Nele, Aganju destaca a importância da literatura negra e menciona alguns autores que participaram das atividades promovidas pelo grupo.

No ano de 2009, fui “convocado” por um grupo de professores/as negro/as do campus de Cachoeira-BA, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a compor a organização do I Encontro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do Recôncavo da Bahia (NEAB). Uma experiência que foi um divisor de águas em minha trajetória acadêmica. Foi nas reuniões de construção do I Encontro do NEAB que, pela primeira vez, via tantos professores universitários negros/as, assim como foi nesse espaço que compreendi que, para além do ofício da docência em escolas de nível básico, poderia construir uma carreira acadêmica como pesquisador-professor em universidades. (FERREIRA, 2024, p.).

Temos, então, a narrativa de Clíssio, que mergulha em sua trajetória pessoal e na de seu colega Fred na formação do coletivo. Ambos tinham o desejo de criar um núcleo, e, com a chegada de novos integrantes, o NNNE passou por uma transformação, ganhando um novo nome e identidade. Nesse momento, o grupo se expandiu, incorporando novas pautas e fortalecendo seu alcance dentro da universidade.

A gente (Clíssio e Fred), pensava em montar um núcleo eu já tinha experiência que conhecia do núcleo da UFBA de negras e negros do Brasil que foi um dos primeiros do Brasil. Tinha um núcleo muito forte, que a gente começou a ler tinha coisas publicadas do NNUFS da universidade estadual. Chego com humildemente com projeto de montar o núcleo de negros e negros estudantes que aí depois que viram Akofena, não tinha nada a ver, o nome Akofena foi outras pessoas outras discussões, enfim, não tinham aprofundamento inclusive da leitura sob o Adinkra. Entro no iníciozinho de UFRB bem diferente do que é hoje, com uma quantidade menor de cotista né, no curso de história<sup>63</sup>.

Nos discursos, encontramos as mesmas ideias e o desejo comum de criar um coletivo que abordasse questões raciais e, principalmente, desafios enfrentados tanto pelos estudantes quanto pela comunidade de Cachoeira. Muitos integrantes já traziam experiências de coletivos em outras instituições, e essa vivência foi fundamental para a construção do NNNE, permitindo que o grupo se fortalecesse a partir dessas referências.

Inclusive esse nome Akofena foi o nome que levei, esse e outro nome que eu não lembro para a votação<sup>64</sup>. O integrante Samyr reafirma em sua entrevista e diz: Giselle deu a ideia de ter um símbolo uma Bandeira, aí ela apresentou para a gente os nomes Adinkra e Akofena<sup>65</sup>.

---

<sup>63</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: Como surgiu a ideia de criar um coletivo? [entrevista cedida à Juliana Macambira] 11 jul. 2024.

<sup>64</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: Questão não estruturada. [entrevista cedida à Juliana Macambira] 13 ago. 2024.

<sup>65</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: Questão não estruturada. [entrevista cedida à Juliana Macambira] 11 jun. 2024

Aqui se coloca a necessidade de pautar o resgate da nossa ancestralidade positivando nossas experiências a partir das negras potências históricas que constituíram o nosso povo. (PINHEIRO, 2021, p. 53). Os símbolos sempre desempenharam um papel fundamental na história, representando a identidade, a luta e a ancestralidade de um povo. Preservá-los significa manter viva a memória e a existência de sua comunidade. A integrante Giselli destaca a importância de o grupo ter um nome com significado político, reforçando que, para povos historicamente marginalizados, os símbolos carregam a força da resistência e da ancestralidade.

Pinheiros cita Eduardo Oliveira que diz: a ancestralidade não é entendida apenas como um parentesco consanguíneo ou simbólico, mas como categoria que busca produzir sentidos para a experiência ética e política em torno do pensamento e da vida (PINHEIRO, 2021, p. 53).

Nos afirma Pinheiro, as filosofias africanas nos ensinam que o conhecimento dos passos que nos trouxeram até aqui são fundamentais na construção identitária de quem se é no presente e que, só se sabendo de onde veio e compreendendo na atualidade a sua potência existencial no mundo, saberemos para onde queremos/precisamos ir enquanto povo destituído de sua própria história. (PINHEIRO, 2021p. 54).

Diante das inquietações individuais e coletivas, desenvolveu-se uma conexão mais profunda com o espaço ocupado. Os membros passaram a compreender a importância dos ancestrais e do reconhecimento por meio de símbolos que, historicamente, fazem parte das sociedades. No caso do povo preto, isso se manifesta como uma perspectiva de luta e resistência na construção de sua identidade.

Bom eu sou uma das fundadoras do Núcleo Akofena entrei no início no ano de 2009 aí, as demandas que nós tínhamos era a obviamente estudar as questões Raciais porque o Akofena tinha muito isso, grupo de estudo né! e questionar as práticas racistas na universidade também. O Akofena em seu início lutou muito por acessibilidade e contra o capacitismo na universidade isso me fortaleceu muito a minha estadia no coletivo<sup>66</sup>.

Em 2014, o coletivo adotou uma abordagem política e antirracista nas comunidades de Cachoeira. A principal iniciativa foi a criação do Cine Comunitário do Povo e suas subsequentes ramificações organizativas, destacando-se o Centro Comunitário de Audiovisual Luiz Orlando (2017). É importante destacar a relevância da construção de espaços de lutas políticas que envolvem pessoas negras. Este episódio pode ser relacionado ao Teatro Experimental do Negro, fundado por Abdias do Nascimento em 1944 no Rio de Janeiro. O TEN se destacou como um espaço onde pessoas negras protagonizavam suas histórias,

---

<sup>66</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: Questão não estrutura. [entrevista cedida à Juliana Macambira] 13 ago. 2024.

desmascarando o racismo e desmistificando as construções ideológicas relacionadas ao povo negro.

O que é o TEN? Em termos dos seus propósitos ele constitui uma organização complexa. Foi concebido fundamentalmente como instrumento de redenção e resgate dos valores negros-africanos, os quais existem oprimidos ou/e relegados a um plano de inferior no contexto da chamada cultura brasileira, onde a ênfase está nos elementos de origem branco-europeia. (NASCIMENTO<sup>67</sup>, 2002, s/p).

Não se pode deixar de mencionar a importância da organização do Teatro Experimental do Negro como uma ferramenta de reconhecimento na vida das pessoas negras. Ao abordar a construção identitária, é fundamental valorizar positivamente a autovalorização do povo negro, rompendo com os paradigmas impostos pelo colonialismo.

A construção de saberes, tanto individuais quanto coletivos, tem o poder de transformar a realidade de um povo e, quando vinculada à educação, molda futuros. Compreendemos a importância dos movimentos sociais para toda uma geração, especialmente na luta contra o racismo.

A constatação fácil do enorme número de organizações que se intitularam no passado e se intitularam no presente de Quilombo e/ou Palmares testemunha o quanto o exemplo quilombista significa como valor dinâmico na estratégia e na tática de sobrevivência e progresso das comunidades de origem africana. (NASCIMENTO, 2002, s/p).

O Núcleo Akofena não poderia ter se engajado na luta política sem a consciência de sua identidade e dos desejos para seu povo. Ao longo da história, em diferentes contextos, os movimentos sociais sempre desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento humano do povo negro. Onde não há o Estado como instrumento de mudança há a plurinacionalidade, enquanto nova concepção de organização social, resgata a pluralidade de visões étnicas e culturais para repensar o Estado. (ACOSTA, 2016, p. 154, grifo nosso). Desta forma, quando o Estado apenas usar a força em espaços marginalizados utiliza dos discursos abaixo.

Aí, a gente ia para lá, com o símbolo do Akofena fazer as atividades, e as pessoas quando viam repetiu a frase Akofena, Akofena ... (Samyr se refere a comunidade do Viradouro no município de Cachoeira), onde as atividades aconteciam nas palavras de Samyr a comunidade estava estigmatizada. Atuamos também no discurso sobre violência policial na época tinha um delegado muito louco da polícia civil que mete a louco, criou a ideia de uma facção que não existia PCI. Então nesse momento como eu tinha uma articulação com os movimentos de pescadores e pescadoras eu articulei esse diálogo com o NNNE<sup>68</sup>.

<sup>67</sup> O Teatro Experimental do Negro também publicou o jornal Quilombo (1948 – 1950), que apresentava em todos os números a declaração do “Nosso Programa”. (GOMES, 2017).

<sup>68</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: Quais ações foram realizadas nas comunidades? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jun. 2024

Segundo Clássio, o bairro do Viradouro também foi alvo de estigmatização por parte da polícia local. Às margens de Cachoeira, esses espaços carregam marcas de exclusão, tornando-se o foco da atuação do coletivo na luta por mudanças sociais. Nesse contexto, o Núcleo Akofena organizou uma passeata com moradores e estudantes do CAHL em protesto contra os estigmas que afetavam o bairro do Viradouro.



FIGURA: 9 - Sou filho de preto quero respeito.<sup>69</sup>



<sup>69</sup> Fotografia retirada do blog do Núcleo Akofena. [NÚCLEO AKOFENA](#)

FIGURA 10 - Caminhada contra Violência Policial- Dia 12 de outubro de 2011<sup>70</sup>



FIGURA 11- Caminhada contra Violência Policial- Dia 12 de outubro de 2011<sup>71</sup>

O coletivo atuava com uma perspectiva antirracista, promovendo a inclusão de jovens negros em debates em espaços externos, além do ambiente acadêmico. Essa atuação se manifestava como uma ação identitária política frente ao racismo institucional e territorial. Para esses corpos negros conquistarem espaços estratificados, é fundamental o reconhecimento de suas vivências cotidianas.

“O Akofena ficou conhecido como um núcleo de estudantes especificamente da UFRB, né! com atuação na UFRB na comunidade em Cachoeira, em São Félix e entorno. A gente fazia formação também em outras cidades vizinhas em quilombos em Muritiba, Acupe, São Braz, Santo Amaro é....normalmente a gente era convidado algum estudante da própria UFRB quando a gente tinha nossas formações semestrais política né... e....participavam e convidava a gente, para fazer essas formações é... sobre as questões raciais nas comunidades era muito bacana foi muito, muito interessante eu tinha pouco contato com esses movimentos sociais tipo de formação”<sup>72</sup>.

A permanência acadêmica é fundamental para estudantes negros e negras, e o acesso às universidades por meio das cotas raciais, estabelecido pela Lei 12.711/2012, possibilitou sua

<sup>70</sup> Fotografia retirada do blog do Núcleo Akofena. a Comunidade do Viradouro sai as ruas dizendo basta à violência policial. Cachoeira – Bahia [NÚCLEO AKOFENA](#)

<sup>71</sup> Fotografia retirada do blog do Núcleo Akofena. [NÚCLEO AKOFENA](#)

<sup>72</sup> ALMEIDA, Weder. Título da entrevista: Quais ações foram realizadas nas comunidades? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 08 jun. 2024

entrada. No entanto, essa lei não garante sua permanência, pois diversos fatores podem dificultar sua permanência no ambiente universitário. Contudo, dentro desse contexto, há fortalecimento entre os estudantes, através dos coletivos que integram uma identidade política de reconhecimento reforçam suas alianças, não apenas como uma forma de denunciar injustiças, mas também como um meio de fortalecimento e garantir sua estabilidade no espaço acadêmico.

Minha participação no I Encontro do NEAB do recôncavo da Bahia também me aproximou de outro/as estudantes negro/as, destacadamente, dos cursos de história, ciências sociais, jornalismo e serviço social. Essa aproximação se deu no contexto das reuniões de linha de pesquisa do NEAB, que agrupavam estudantes de todos os cursos e até de outros centros. Esse contato entre estudantes negros/as de várias realidades e diferentes áreas do conhecimento fez com que começássemos a debater coletivamente questões referentes à nossa permanência na universidade e, sobretudo, sobre as políticas afirmativas na UFRB, que na época eram irrisórias. Nesse ínterim, percebemos que mesmo uma universidade localizada no Recôncavo da Bahia, onde 90% da população era negra, a maioria esmagadora dos professores, técnicos administrativos e mesmo as principais lideranças do dito movimento estudantil eram pessoas brancas de classe média. (FERREIRA, 2024)<sup>73</sup>.

Na fala de um membro, observamos que a permanência foi destacada como um fator crucial na construção de uma política antirracista, especialmente no que diz respeito à existência e à possibilidade de ocupar espaços de poder. Isso não se refere apenas ao exercício do poder, mas à importância de ser uma referência para outras pessoas.

“Sobrevivência/permanência estas tanto para conclusão do curso como para ter acesso a epistemologias que lhes atendessem enquanto pessoas e intelectuais negros/as. A Akofena não só contribuiu para dentro da universidade. A Akofena construiu oficinas nas periferias, nas escolas, construiu quilombos educacionais, escola de hip hop etc. A Akofena sempre acreditou na luta coletiva para emancipação do povo preto em todas as áreas e formas possíveis. Todos e todas que foram membros do Akofena tiveram carreira intelectual e militante interessante. A Akofena precisa retomar as suas atividades”<sup>74</sup>.

Embora haja muitos questionamentos quando o assunto se trata de coletivo, ainda sim, toda construção contra a exclusão da população negra e a necessidade de Inclusão social, permitiram a esse quilombo reflexões críticas sobre a realidade que estão inseridos, e principalmente sobre a colonialidade. Segundo Acosta o Estado funda-se na colonialidade do poder e não só uma concepção europeia, mas resultaram excludentes e limitantes para o desenvolvimento das capacidades culturais, sociais e produtivas na região. (ACOSTA, 2016, p. 152).

<sup>73</sup> O artigo de FERREIRA membro do Núcleo Akofena

<sup>74</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: O que foi o Núcleo Akofena, em termos político para você? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jun. 2024

Utilizando o conceito de plurinacionalidade para pensar o Núcleo Akofena, como estratégia de outros mundos. Reafirmando que todos os movimentos sociais são revolucionários [...] buscando a partir de políticas públicas a civilidade educadora que transforma e transcende o tempo com seu conhecimento, e isso não seria possível sem as referências do MNU, que ao longo do tempo denunciou a estrutura de dominação da burguesia e do poder político. (COSTA, 2021, grifo nossos).

Lembrando que uma das maiores experiências em termo de consciência racial é sobre O Teatro Experimental do Negro. Reconhecer esses espaços como ancestrais e sobretudo político por Abdias do Nascimento intelectual importante da história do MNU. Gomes (2017) Aponta ainda que outros movimentos surgiram ao longo da história, caso do Teatro Experimental do Negro<sup>75</sup> (TEN – 1944 a 1968) que nasceu para contestar a discriminação racial, formar atores e dramaturgos negros e resgatar a herança africana na expressão da arte brasileira. (GOMES, 2017). O Akofena se constitui como um coletivo que tinha suas características pautadas no MNU, estamos falando de um movimento negro que a séculos alcança territórios expandindo o seu legado. Consciência racial, a gente segue a cartelinhas do movimento negro do MNU, então, a gente, vai ler, tese, vamos entender um pouco conversar com as pessoas que estão vivos, Hamilton Borges, Luísa Bairros etc.<sup>76</sup>.

O TEN tinha os seguintes objetivos:

Resgatar os valores da cultura africana, marginalizados por preconceito à mera condição folclórica, pitoresca ou insignificante; através de uma pedagogia estruturada no trabalho de arte e cultura, tentar educar a classe dominante “branca”, recuperando-a da perversão etnocentrista de se autoconsiderar superior europeia, crista, branca, latina e ocidental; erradicar dos palcos brasileiros o ator branco maquilhado de preto, norma tradicional quando a personagem negra exigia qualidade dramática do interprete; tornar impossível o costume de usar o ator negro em papeis grotescos ou estereotipados: como moleques levando cascudos, ou carregando bandejas, negras lavando roupa ou esfregando o chão, mulatinhas se requebrando, domesticados Pais Joões e lacrimogêneas Maes Pretas; e desmascara como inautêntica e absolutamente inútil a pseudocientífica literatura que a pretexto de estudo sério focalizava o negro, salvo raríssimas exceções [...]. (NASCIMENTO, 2016 p. 161).

Tais aspectos são viavelmente negados pela população negra questionados e impedindo com a criação do TEN. O Movimento Negro Unificado, propõe uma concepção de nação e reivindica os direitos negligenciados a população negra. O MNU, redemocratiza o Brasil, que se configurou de forma excludente para a população negra no âmbito educacional e em outras esferas. (COSTA,2021). A concepção do cotidiano esteve sempre presente na construção das

---

75

<sup>76</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: Questão não estruturada. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

narrativas do povo negro e o TEN busca neste lugar o aspecto literário do homem negro. Isso significa um Estado plurinacional onde os direitos coletivos de um povo sobressaem o direito individual. (ACOSTA, 2021, p 154, grifo nosso).

Este cenário possibilitou um rompimento com as questões raciais, ou seja, permitiu que a população negra assumisse um lugar de luta e resistência no combate ao racismo. O TEN atuou sem descanso como um fermento provocativo, uma aventura da experiência criativa, propondo caminhos inéditos ao futuro do negro, ao desenvolvimento da cultura brasileira. (NASCIMENTO, 2016, p. 163). Aqui se construiu uma visão emancipadora do povo negro em uma perspectiva intelectual e sobretudo na formação da coletividade entre os seus irmãos de cor.

O TEN priorizava estabelecer uma relação com a cultura africana, capacitando os negros que se mantêm em trabalhos ditos “subalternos”, sua contribuição para a população negra deixou reconhecimento e valorização da cultura afrodescendente (COSTA, 2021). Precisamos construir outros espaços possíveis para a população negra, esse seria o dilema importante para se construir quando se pensava sobre a realidade do negro no país. Para Carneiro (2018), passamos de objeto de estudo a sujeitos do conhecimento, fazendo com que a universidade comece a se constituir como um importante campo estratégico de atuação.

Compreendemos que substancialmente, os movimentos sociais negros tentam quebrar com os padrões difundidos na sociedade ao resgatar a cultura através de instituições que promova o crescimento intelectual. (COSTA, 2021). O compromisso do MNU era promover crescimento em todas as esferas sociais difundindo uma educação antirracista e sobretudo questionando os paradigmas existentes de uma única humanidade.

Os movimentos negros, especialmente o MNU e a Frente Negra são organizações políticas que buscavam, e continuam a buscar, alternativas diversas na esfera da educação, e em outros setores sociais, disseminando conhecimento e enfrentamentos contra as opressões da burguesia brasileira. Um parêntesis: os povos e nacionalidades, sem necessidade de fazer uma apologia a suas formas de tomar decisões coletivas, dispõem de processos deliberativos mais democrático que os da conhecida sociedade ocidental. (ACOSTA, 2021, p. 155). Ao mesmo tempo que construímos possibilidades de mudanças o racismo se configura como um problema para combatê-lo. Aí, utilizamos o termo de Pinheiro, onde as bases da exclusão enquanto humanidade é compreendida a partir da cognitividade do outro da falta de interpretação histórica. Para Pinheiro padrões de colonialidade são estruturas cognitivas que estabelecem marcos de superioridade epistêmica, ética, estética, afetiva, cultural, religiosa, humana para o norte do mundo. (PINHEIRO, 2021, p. 54).

Os documentos foram retirados do blog do coletivo redigida com informações relevantes que daria ao grupo o papel militante de uma política antirracista. O coletivo nasce de uma ampla visão de luta política dentro e fora da universidade, compreendendo as mais de 80% da população negra no território do Recôncavo onde sua maioria vive às margens da sociedade Cachoeirana. Em 2011, depois de dois anos de atividade organizativa, o Núcleo Akofena realiza sua primeira assembleia geral, onde constrói seu primeiro documento programático de orientação para a militância: a carta de princípios. (FERREIRA. 2024)<sup>77</sup>.

#### Carta de princípio do Núcleo Akofena:

O Akofena vai tomando forma e organização com as decisões dos integrantes que a partir da carta de princípios molda toda a estrutura do coletivo.

A carta de princípios é um documento que orienta todas as atividades do Núcleo Akofena. Assim, o sonho se torna realidade e concretiza por meio desse documento, que confere legitimidade ao grupo e estabelece um compromisso com todos ao seu redor. Os desejos que antes estavam no subconsciente passam a se materializar, ganhando uma forma organizacional. A partir dela, pautas foram definidas para garantir que o compromisso com a luta antirracista se concretizasse de maneira prosaica.

Mas tinha articulado com algumas pessoas e pessoas foram chegando o segundo momento que começa a transformar no Akofena como ele já está num estágio mais popular, mas sedimentado, mas politizado mais documentado com carta de princípios orientação então a gente começa a produzir uma espécie de o caminho para uma geração seguinte que a geração a Lane Camila Joice é uma geração de dois anos depois vai chegar a Gisele, Samyr eu já conhecia antes da UFRB, das ruas de Salvador. Edcarlos também eles chegam depois com esse gás, é.... nesse sentido<sup>78</sup>.

Nós, membros do Núcleo Akofena - Negras e Negros Estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - (NNE) - entendendo como negra toda pessoa que possui a cor da pele como fator determinante da identificação social na ação do racismo - reunidos em assembleia na data 27 de setembro de 2011, assumimos os seguintes Princípios de Luta, os quais fundamentam a ação política de todo e qualquer filiado ao Núcleo Akofena para o combate antirracista pela derrocada do racismo e de todas as formas de opressão<sup>79</sup>.

TABELA: 5 - Faz-se cumprir por todos os meios necessários. Reparação já!<sup>80</sup>

<b>Princípios</b>	<b>Pauta</b>
01	Lutar e fortalecer a luta pela organização autônoma e independente da(o)s negra(o)s na Universidade, na cidade de Cachoeira e na região do Recôncavo.
02	Fortalecer a organização comunitária da periferia urbana de Cachoeira.

<sup>77</sup> O artigo de FERREIRA foi disponibilizado seu conteúdo traz as memórias do Núcleo Akofena.

<sup>78</sup> SANTANA, Clássio. Você participou da carta de princípio? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

<sup>79</sup> Texto retirado da carta de princípios.

<sup>80</sup> [Carta de Princípios | NÚCLEO AKOFENA.](#)

03	Lutar com as comunidades quilombolas em defesa dos seus direitos à terra, trabalho, moradia, serviço de saúde e educação gratuitos e de qualidade.
04	Lutar em favor da construção de um sistema de saúde gratuito e de qualidade para população negra contemplando suas demandas.
05	Combater todas as formas de atuação do genocídio negro.
06	Atuar pela ampliação do acesso e permanência da população negra, especialmente através da política de cotas raciais e sociais, em todos os níveis do ensino superior e setores administrativos das Universidades brasileiras.
07	Denunciar e combater as diversas formas de racismo e discriminação de gênero na UFRB e na sociedade do Recôncavo baiano.
08	Lutar por um conhecimento afrocentrada nos diversos níveis da educação (do básico ao superior).
09	Fomentar debates por uma educação política crítica ao ideal do embranquecimento, que reaja empoderando a(o)s negra(o)s para assumir a autoridade histórica da verdade sobre si, suas lutas pela libertação e sua cultura de matriz africana.
10	Lutar junto com as religiões de matrizes africanas contra qualquer manifestação de racismo religioso e ambiental.
11	Lutar pelo fim do sistema carcerário e pela liberdade e reparação a toda(o)s as(os) negras e negros exilados em sua própria terra e que atualmente estão sob tutela do Estado.
12	Combater as formas explícitas e escusas do machismo, sexismo e da dominação sobre o corpo da mulher negra, fortalecendo a luta por sua autonomia plena e o direito de decidir sobre ele.
13	Fomentar e apoiar veículos de comunicação e expressões artísticas afrocentrada, que facilitem o acesso à informação e sociabilidade entre negra(o)s. Apoiar as lutas de todos os povos negros, africanos e seus descendentes, em diáspora ou na África, contra invasões militares ou retiradas de sujeitos de seus territórios.

Tínhamos assembleias tínhamos reuniões e quinzenal de estudos reuniões e deliberações. E a cada semestre a gente tinha uma assembleia para avaliar o semestre e organizar o próximo. Pensar a carta de princípio. A gente pensava enquanto movimento. Foi em uma dessas assembleia que a gente resolveu deixar Akofena e abri para que as pessoas de fora da academia pudessem participar Vandinho, Florisvaldo pessoas da comunidade. Aí o Akofena mudou de fato. Começou a atuar com vários movimentos como o reaja atuando junto com os movimentos dos pescadores atuando com mulheres quilombolas<sup>81</sup>.

A pauta de gênero só começou a ser problematizada quando as mulheres passaram a integrar o Akofena. Inicialmente, o coletivo era composto majoritariamente por homens, mas, com a entrada das mulheres, surgiram novas demandas relacionadas às vivências e experiências do corpo feminino.

Uma questão sobre a pauta do gênero não havia discursões sobre o tema essas questões foram abordadas após a chegada do corpo feminino no coletivo, que deram voz ativa as questões que envolvia a interseccionalidade em relação as mulheres do coletivo. A gente tinha dificuldade em discutir gênero a gente discutia raça, a gente radicalizava tudo né, acho que as mulheres devem ter contribuído bastante<sup>82</sup>.

<sup>81</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: Você participou da carta de princípios? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jun. 2024

<sup>82</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: descreva sobre a pauta do gênero na carta de princípio? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jun. 2024

Cartilhas produzidas pel@s militantes do Núcleo Akofena para aplicação nas Oficinas de Consciência e Cidadania (CCN) da Escola de Hip Hop, ação realizada entre os meses de julho e dezembro de 2012 em parceria com a Comunidade do Viradouro.

CADERNO BÁSICO DE FORMAÇÃO<sup>83</sup> - Vol. 1.

Utilizado enquanto leitura prévia para os cursos básicos, este caderno trata-se do primeiro material de auxílio à formação política editado pelo Núcleo Akofena - Núcleo de Negras e Negros Estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (NNNE), em 2011.<sup>84</sup>

TABELA 6 - Nós por Nós! Formação interna.

<b>Ponto</b>	<b>Pauta</b>
I	O movimento social negro contemporâneo e a influência ideológica da esquerda branca - Fred Aganju Santiago
II	Produção textual dos militantes do Núcleo Akofena para construção do Iº Caderno de Formação de Quadros, subsídio para o processo de qualificação interna e alinhamento político, a ser lançado em 2013.
III	Construído em 2013, trata-se do segundo material de suporte para os cursos de formação - A Questão Racial no Brasil, ministrado pelo Núcleo Akofena.

TABELA: 7 – Revista RAPensando

<b>Edição</b>	<b>Assunto</b>
Edição I	Violência Doméstica
Edição II	Sexualidade
Edição III	Respeito Religioso
Edição IV	Violência Policial

Neste tópico tem algumas informações das atividades que o núcleo Akofena produziu, em prol a ampliar suas atividades. Porém os entrevistados não souberam responder sobre

No decorrer da trajetória de construção organizativa do Núcleo Akofena, foi abandonando-se o inicial caráter de entidade negra do movimento estudantil para abraçar a militância negra comunitária; o núcleo escolheu estrategicamente transpor sua militância para além dos muros da Universidade. A partir do ano de 2011, o coletivo tem como principal espaço de militância a comunidade do Viradouro, comunidade urbana periférica, hegemonicamente pobre e negra, no município de Cachoeira-BA. Nessa comunidade, o Núcleo Akofena desenvolve projetos contínuos de formação política, de cunho artístico-cultural, visando a organização comunitária. Entre os anos de 2009 a 2013, o Núcleo de negras/os estudantes da UFRB organizou os seguintes programas comunitários. (FERREIRA, 2024).

<sup>83</sup> Informações retiradas do blog Núcleo Akofena [NÚCLEO AKOFENA](#)

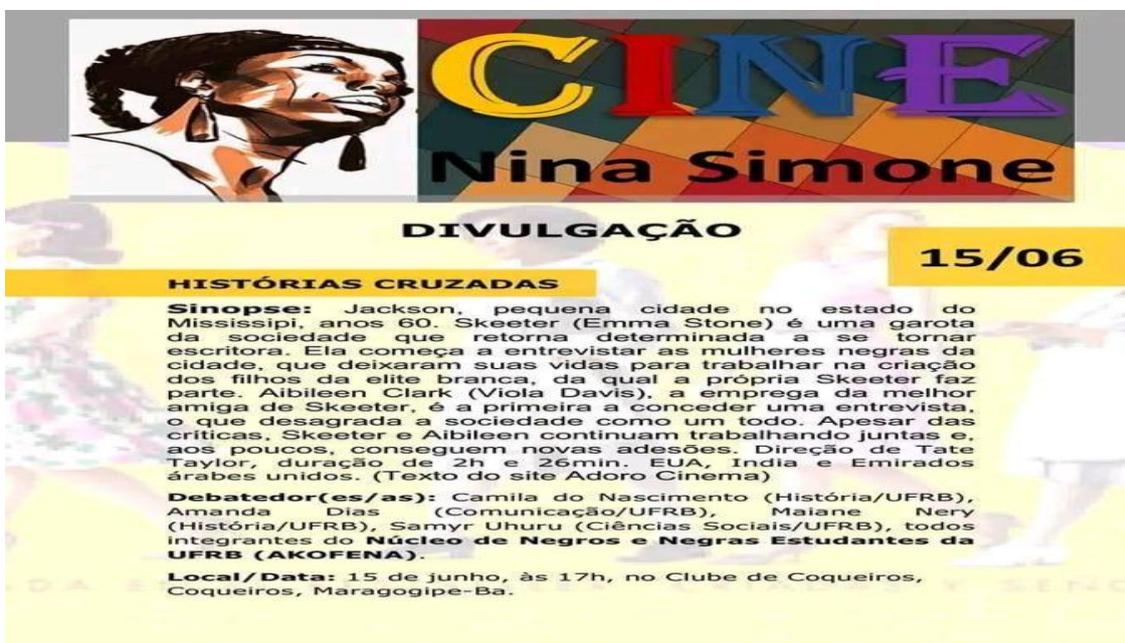
<sup>84</sup> [Formação | NÚCLEO AKOFENA](#)

## 4.2 Projetos e diálogos: a cultura nas encruzilhadas

... a luta pela libertação é, antes de tudo, um ato cultural.

Amílcar

O coletivo Akofena promoveu uma educação informal no território cachoeirano por meio da cultura e da arte, evidenciando a potência de suas ações coletivas em espaços de vulnerabilidade social. Esses territórios, constantemente alvo da vigilância das autoridades, são também marcados pela negligência em áreas essenciais como educação, saúde e segurança.



**CINE**  
**Nina Simone**

**DIVULGAÇÃO** **15/06**

**HISTÓRIAS CRUZADAS**

**Sinopse:** Jackson, pequena cidade no estado do Mississippi, anos 60. Skeeter (Emma Stone) é uma garota da sociedade que retorna determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen Clark (Viola Davis), a amiga da melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista, o que desagrada a sociedade como um todo. Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões. Direção de Tate Taylor, duração de 2h e 26min. EUA, Índia e Emirados árabes unidos. (Texto do site Adoro Cinema)

**Debatedor(es/as):** Camila do Nascimento (História/UFRB), Amanda Dias (Comunicação/UFRB), Maiane Nery (História/UFRB), Samyr Uhuru (Ciências Sociais/UFRB), todos integrantes do **Núcleo de Negros e Negras Estudantes da UFRB (AKOFENA)**.

**Local/Data:** 15 de junho, às 17h, no Clube de Coqueiros, Coqueiros, Maragogipe-Ba.

FIGURA: 12 – Cine - Nina Simone

O impacto de estudantes negros na universidade, não é só sobre seus corpos, mas sobre um projeto coletivo é conseguir enxergar para além de sua necessidade de ascensão social, as encruzilhadas. É isso que um coletivo de estudantes negros, em específico o Núcleo Akofena projeta em suas experiências individuais ou coletiva.

A criticidade vai além do lugar em que o indivíduo ocupa, ela atravessa os muros, neste caso a universidade. Para quem não conhece a cidade de Cachoeira ela é rica em cultura e historicamente conhecida pela batalha da Independência da Bahia e do Brasil, mas suas encruzilhadas carregam a subjetividade da população negra que dentro do contexto do colonialismo impossibilita o reconhecimento de seu povo.

Aqui está experiência é a matéria prima. É ela quem transforma o que poderia ser um mero exercício acadêmico, exigido como mais um requisito da ascensão social, num anseio apaixonado de produção de conhecimento. É ela que, articula com experiências

vividas por outros negros e negras, transmutar-se-á não saber que – racional e emocionalmente – reivindico como indispensável para negros e brancos, num processo real de libertação. (SOUZA, 1983, p.18).

A cultura nas encruzilhadas são ferramentas que dialogam com a necessidade do bairro. Nenhum povo se constitui sozinho sempre houve referências na biografia da humanidade, e as referências nos dão base para caminhar e seguir nossos passos, reivindicar direitos e sobretudo construir futuro. Falo das culturas africanas e das culturas negras, quer dizer, culturas dos africanos e de seus descendentes na diáspora; as destes últimos podem ou não ser inteiramente africanas, porém são típicas das comunidades negras em seus receptivos países. (NASCIMENTO, 2002, s/p). Essa é a história do povo negro que sempre buscou suas referências a partir da perspectiva da autoafirmação, do povo preto intelectual, do ativista, da coletividade da memória, da consciência marcado por uma identidade. E se em algum momento você escutou o ativismo como um lugar da não intelectualidade, essa foi a voz do colonizador.

Eu fui uma das pessoas que procurou a liderança da comunidade do Viradouro a partir daí começamos a fazer atividades. No site começamos com o Cine do povo, depois conversando com jovens eles que queriam fazer um curso, a gente pensou no hip hop aí criamos a escola do hip hop onde acontecia as oficinas dos quatro elementos. Junto com CCN onde eu coordenava, significa cidadania Consciência Negra eram aulas de consciência e cidadania negra formação para eles, as formações acontecia pela manhã no espaço do Hansen Bahia, com estudantes do CAHL. A gente também criou o Quilombo educacional porque eu venho do Quilombo educacional e Edcarlos também, a gente teve a ideia de criar um Quilombo educacional para que as pessoas passassem no Enem criamos em diálogo com a PROPAAE conseguimos auxílio da PROPAAE pra poder contribuir com os professores<sup>85</sup>.

Não importa; pois o elemento básico está no conceito da unidade africana na luta contra a exploração dos povos negros, seja pelo imperialismo ou seus agentes, que aqui se afirmar como a essência mesma do nosso encontro. (NASCIMENTO, 2002, s/p). Os movimentos negros sempre estiverem neste lugar do ativismo de uma luta política de rua, fora das universidades os espaços de resistências estavam sempre “do lado de fora”. Consequentemente por conta do eurocentrismo acadêmico de um cientificismo legitimado da branquitude. Ora, estávamos do “lado de fora” e erguermos nossas vozes como diz bell hooks para ser ouvidas. As referências negras sempre ocuparam espaços da cultura e da resiliência. Aqui buscamos demonstrar o cientificismo do povo negro nos espaços geográficos nos territórios em um movimento global e principalmente nas universidades públicas.

---

<sup>85</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: Quais eventos aconteceram nas comunidades de Cachoeira? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jun. 2024.

O NNNE eram atividades mais internas, estudos sobre questões raciais, aí como minha chegada e outros que entendem sobre movimento social pensou na ideia de articular ao NNNE atividades fora da comunidade, aí a gente escolheu uma comunidade que na época tinha um estigma era marginalizada que era o Viradouro<sup>86</sup>.

TABELA: 8 – Cine do povo Viradouro

<b>Evento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Frequência</b>	<b>Local</b>	<b>Temática</b>	<b>Objetivo</b>
Cine do Povo no Viradouro	Cine clube com exibições	Quinzenal	Praça do bairro	Negra e comunitária	Autoidentificação, conscientização, politização, articulação comunitária

Cine do Povo no Viradouro: cine clube com exibições quinzenais na praça do bairro o trabalho é desenvolvido com filmes de temáticas negra e comunitária promovendo a autodefinição dos moradores nas telas do cinema incentivando o trabalho de conscientização e politização dos espectadores e propondo articulação comunitária contra a brutalidade policial. (FERREIRA, 2024).

TABELA:9 – Arte na Comunidade

<b>Evento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Participantes</b>	<b>Local</b>
Arte na Comunidade	Um dia inteiro de atividades culturais e políticas	Público de todas as idades, crianças, adolescentes/jovens e adultos	Viradouro e outras comunidades de Cachoeira-BA

Arte na comunidade: um dia inteiro de atividades culturais e políticas, com programação voltada para o público de todas as Idades, crianças, adolescentes/jovens e adultos. A arte na comunidade costuma explorar diversas linguagens artísticas: música, poesia, fotografia, artes ciências dança etc.; as apresentações ficam por conta dos moradores, tanto artistas do Viradouro quanto de outras comunidades de Cachoeira- Ba. (FERREIRA, 2024).

<sup>86</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: não estruturada. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jun. 2024.



FIGURA: 13 Festival da EHH - I Festival da Escola de Hip Hop - Comunidade do Viradouro, Cachoeira-BA, 09 de dezembro de 2012



FIGURA: 14 - Festival da Escola de Hip Hop Comunidade do Viradouro, Cachoeira-Ba. 09 de dezembro de 2012

Escola de Hip-Hop (EH2): essa ação social ocorreu no ano de 2012 e teve como público-alvo adolescentes e jovens da comunidade, mas há participação de moradores de outros bairros de Cachoeira. Consiste na aplicação de cursos dos quatro elementos do Hip-Hop (Rap, Breacking, Discotecagem e Graffiti), despertando e incentivando o interesse dos jovens para esse ramo da arte e da profissionalização. Paralelamente, os estudantes matriculados na EH2 participam das aulas do Curso de Cidadania e Consciência Negra (CCN), um curso de formação política e comunitária. (FERREIRA, 2024, p. 10).



FIGURA: 15 - Oficina de Graffiti – EHH Oficina de Graffiti da Escola de Hip Hop - Professor Graffiteiro: Jhasco São Félix - BA, 25 de novembro de 2012



FIGURA: 16 - I Caminhada do Povo de Santo - I Caminhada do Povo de Santo de Cachoeira - novembro de 2010

Agredido de todos os lados, foi em suas religiões ancestrais que o africano encontrou um espaço onde se apoiar e defender o que lhe restava de identidade humana. E, cientes desse fato, tanto a sociedade institucionalizada como a religião oficial do Estado, o catolicismo, não deram tréguas às religiões vindas da África. (NASCIMENTO, 2002, s/p). O domínio do catolicismo fundiu sobre todas as outras religiões inclusive as religiões de matrizes africanas o apagamento a demonização sobre a cultura africana perpetua e segue manipulando a massa brasileira. Mas é inevitável, não reconhecer a resistência não só de uma religião mais de seu povo. Nenhuma das expressões culturais se rendeu passiva ou facilmente à tentativa, sutil ou violenta, da destruição colonizadora. (NASCIMENTO, 2002, s/p).

A gente organiza a primeira passeio no povo de Santo em Cachoeira imagina um monte de jovens ganham e organiza com auxílio do professor Liberac, é até vergonhoso do ponto de vista de Cachoeira terra do axé, uma organização política a organização midiática então é levar a TV levar o jornal né? É ... escreveu uma carta, eu acho que esse momento quando a gente sai da estância da universidade, já com lugar não vou dizer garantido, mas sedimentado e... transitoriamente mais lugar confortável, até<sup>87</sup>!

Candomblé é o nome que recebeu a religião dos povos iorubá, e trazida da Nigéria para o Brasil. Porém o candomblé inclui variações de outros grupos culturais vindo da África, tais como os ewe (gêges) do Benin, Angola-Congo e outros ramos bantos. Culto dos orixás, o candomblé resistiu e conservou intato o seu corpo de doutrina, sua cosmogonia e teogonia o testemunho de seus mitos vivos e presentes. (NASCIMENTO, 2016 p.125). O candomblé é uma forma de resistência que superou as barreiras impostas pelo colonialismo ao longo do tempo.

Para mim essa foi a crucial, mas houve participação, por exemplo, quando o Akofena, eu não estava tão presente e começaram a dialogar com a comunidade e a caminha contra intolerância religiosa a gente vai para fora da universidade tiveram outras, mas não estava tão presente aí, a gente sempre tem um professor que estava mais próximo, professor Liberac que apoiava bastante<sup>88</sup>.

---

<sup>87</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista. Pergunta não estruturada. [entrevista cedida a Juliana Macambira. 11 jul.2024

<sup>88</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: pergunta não estruturada. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 13 ago. 2024



FIGURA: 17 - Paralisação por Acessibilidade - Paralisação do Centro de Artes Humanidades e Letras da UFRB por Acessibilidade. Cachoeira-BA, setembro de 2010.

Então, assim, o momento crucial e emblemática assim, que a gente lembra foi uma briga, que não foi diretamente sobre as questões raciais, mas ligada ao capacitismo que quando a gente paralisou a universidade em busca de acessibilidade a gente mandou chamar o representante da diretoria, aí venho o professor Godinho na época, tinha algum cargo, que não consigo me lembra qual, aí a gente conseguiu conversa com ele no pátio, apresentou nossas demandas para deixar a paralisação inclusive umas dessas demandas existe até hoje na UFRB que é o núcleo para pessoas com deficiências até para funcionários. Esqueci até a sigla dela agora, a partir dessas mobilizações dos estudantes inclusive diversos professores ficaram contra, na época o diretor do centro era Xavier, ele ficou bastante irritado com isso, depois ele entendeu a importância daquele movimento acho que ali eu entendi a importância conseguiu paralisar a universidade, chamar atenção, inclusive de portagem<sup>89</sup>.

Além do Viradouro outras comunidades como Rua da feira, Rosarinho fizemos atividades. Quando havia articulações e eram chamados para fazer formações em Santo Amaro, São Félix, Cruz das Almas, Amargosa as comunidades que faziam parte das articulações chamava a gente para fazer atividades, há em Salinas<sup>90</sup>.

<sup>89</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista. Qual momento emblemático para você no coletivo? [entrevista cedida a Juliana Pacheco] 13 ago. 2024.

<sup>90</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: O coletivo participou de eventos em outras cidades? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jun.2024.



FIGURA: 18 Assembleia Quilombola - Assembleia em defesa do território das comunidades quilombolas - Movimento dos Pescadores e Pescadoras. Ilha de Cajaíba - São Francisco do Conde (12 e 13 de abril de 2011)

O chamado Eco resort Ilha de Cajaíba, previsto para ser instalado na ilha de mesmo nome – no município de São Francisco do Conde na Baía de Todos os Santos – é um empreendimento residencial-hoteleiro que pretende ocupar uma área de 521,74 hectares, com a implantação de quase cinco mil unidades residenciais, 2.167 hoteleiras, 76 comerciais, duas áreas de esporte e lazer e mais um campo de golfe. Samyr relembra de como o Akofena articulou com os movimentos de pescadores contra a construção do Resort. (FIOCRUZ<sup>91</sup>).

Articulação com os movimentos de pescadores as comunidades de Santo Amaro a comunidade quilombola de São Brás do São Francisco do Conde, tem uma ilha chamada de Cajaíba, nesta época em 2007 ou foi 2008 teve a ideia de construir um resort os caras alemães se não me engano, vieram para comprar, e a comunidade não, não pode fazer um resort aqui porque aqui é um espaço onde a gente pesca, vai acabar com nossa área de pesca com os manguezais existente aqui, e esse próprio casarão e é um espaço onde a gente descansa enquanto a rede estar na maré. E a comunidade estava nessa luta com a empresa Property Logic, e essa foi uma atividade articulado

<sup>91</sup> Informações do site: [BA - Comunidades pesqueiras e quilombolas lutam contra instalação de resort na ilha de Cajaíba - Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil](#)

com os movimentos dos pescadores e os grupos que a gente estava articulado de passar dois dias lá no casarão, aí foi isso fomos contribuir com a luta dos pescadores<sup>92</sup>.

Este projeto não agradou a pescadores e quilombolas que, no dia 20 daquele mês, foram a público, através de carta do Movimento dos Pescadores e Quilombolas, repudiar o projeto da empresa Property Logic de privatizar a ilha de Cajaíba, no Recôncavo Baiano, pois ele iria inviabilizar o modo de vida de milhares de famílias que sobrevivem da pesca e do extrativismo da floresta. Isto porque, apesar de ser considerada uma propriedade privada, a ilha é explorada por comunidades tradicionais que pescam nas águas do seu entorno e extraem frutas e plantas da floresta ainda existente em seu interior. (FIOCRUZ<sup>93</sup>).



FIGURA: 19 - II curso de formação básica: A questão Racial no Brasil. 26/05/2012 – Cachoeira- Ba. Nos instrumentalizando e reeducando.

Enfim eu fui lendo Abdias do Nascimento me ajudou me identificar como pessoa negra, com a identidade negra pelo IBGE sou pardo mais pela identidade política sou negro. Entrei pelas cotas na graduação de escola pública mais precisei do processo de heteroidentificação, enfim! não importa sua história importa o fenótipo não importa se seu pai é negro ou se sua mãe é negra o importante é você<sup>94</sup>.

<sup>92</sup> FERREIRA, Samyr. Título da entrevista: O coletivo participou de eventos em outras cidades? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jun. 2024

<sup>93</sup> Informações retiradas do site: [BA - Comunidades pesqueiras e quilombolas lutam contra instalação de resort na ilha de Cajaíba - Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil](#)

<sup>94</sup> ALMEIDA, Weder. Título da entrevista: Como as literaturas negras foram importantes para sua autoafirmação identitária dentro do coletivo e fora dele? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 08 jun. 2024.



FIGURA 20 Fórum 20 de Novembro - 2009



FIGURA: 21 Ato Contra Opressões

Sem concessão ao racismo e ao machismo! Ato conjunto contra opressões e Protesto contra a violência sofrida por uma mulher negra militante do Núcleo Akofena.

PANAFRICANISMO DAS RUAS COM REVOLUÇÃO GLBT... É NÓS QUE TÁ<sup>95</sup>!

<sup>95</sup> Leia mais: <http://akofena.blogspot.com.br/2012/05/nucleo-de-negras-e-negros-estudantes-da.html>

### 4.3 Os encontros e rupturas

Qualquer estrutura que compõem de pessoas está sujeita a fragmentações, não há controle sobre ações e não foi diferente com o núcleo Akofena. Os caminhos se fizeram produtivos e fartos de responsabilidades sobre o que buscaram realizar. Mas acima de tudo ninguém consegue abraçar o mundo esquecendo de se próprio. Talvez reconhecer seja um ato político de cada integrante que em algum momento as atitudes as emoções e ações romperam laços de afinidades e sobretudo afinidade política.

O núcleo Akofena estabeleceu laços afetivos significantes no coletivo que tiveram impactos tanto positivos como negativos. Ao passo, que essas ramificações estabeleceram apoio mútuo, em momentos distintos não foram capazes de sustentar as especificidades individuais de cada integrante o que gerou conflitos. Tais acontecimentos são inerentes aos indivíduos, esse não é um caso pontual do Akofena, as rupturas acontecem em todas as relações. Portanto, é importante entender as rupturas ocorridas no coletivo para que ações e atitudes possam ser revisadas com o objetivo de restabelecer os laços afetivos que foram rompidos. O ato de reconhecer também é um passo político importante, pois implica em reavaliar relações e encontrar formas de restabelecer a afinidade e a colaboração. Além do aspecto relacional, essa reflexão nos conduz a considerar a relevância do autocuidado dentro de coletivos, onde cada membro contribui com suas experiências e desafios, mas também deve assegurar que suas próprias necessidades sejam atendidas.

Eu acho que a gente se fechou muito com autoajuda e esqueceu que precisava se ter no dia a dia mesmo fisicamente um ao outro aí, tem todas as crises em não serem acolhidos sabe nossos problemas enquanto humanos não mais sem ser político, e chega um momento que a gente não se aturou das instâncias externas para se alimentar a gente se alimentar um do outro então, quando esse processo de alimentação endógeno foi diminuindo a gente eu acho que coletivamente entre em colapso porque a gente não criou instâncias fora do núcleo fora do Akofena de se alimentar né! e aí eu acho que esse colapso cada um sentido da sua forma o seu momento, mas eu acho que foi uma dessas divergências maiores porque as diferenças vieram à tona até por ter tanta intimidade e aí, a intimidade gera conhecimento e conhecimento gera conflitos o grande erro foi não ter entendido que cada um daqueles sujeitos tinha outras espaços, e cada um reduziu o sujeito ao núcleo né<sup>96</sup>!

O núcleo Akofena se constituiu como uma família capaz de construir laços afetivos e sobretudo construir uma relação mútua sobre as necessidades que os infligiam. Em um contexto

---

<sup>96</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: Quais os dissensos? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024.

de vulnerabilidade, as questões que implicam o racismo se tornaram importantes na luta coletiva.

Os membros do coletivo Akofena tinham conhecimento sobre suas diferenças, trajetórias e objetivos. ainda assim, o coletivo lembra uma frase emblemática “Eles combinaram de nós matar e nós combinamos de não morrer”<sup>97</sup> essa é uma expressão muito usada entre a comunidade negra. ainda que, as rupturas fossem uma realidade o que levaram as identidades individuais ao colapso. Cada indivíduo com suas especificidades levou para dentro do coletivo suas trajetórias de vida, que para além de um desejo coletivo, havia necessidades das externareis seus conflitos individuais.

Eu e Fred a gente foi parar na mesma sala com experiências diferentes com trajetórias diferentes com objetivos diferentes mas em algum momento a gente começou a caminhar num projeto, lado a lado com perspectivas diferentes no mesmo projeto porque assim o núcleo sempre privilegiou o debate interno, a gente sempre privilegiou a contradição interna a disputa que nos fazia ,a gente disputava o mesmo espaço internamente aquela coisa, para o outro a gente unifica mas internamente a gente quebra o pau, aquela velha tradição materna roupa suja se Lava em casa<sup>98</sup>.

De acordo com Clíssio, o coletivo estava disposto a dialogar sobre as divergências para aprimorar suas demandas do coletivo. Novas ideias, proporciona ao coletivo uma estrutura organizada, alimentada pela colaboração das pessoas que o compõem. O ditado popular utilizado por Clíssio, “lavar a roupa suja em casa”, sintetiza a confiabilidade entre os membros do núcleo, destacando sobre a importância de cada integrantes se posicionar em relação a formação do grupo.

O privilégio à contradição interna estimula um ambiente onde todos se sentem livres para discutir e debater ideias, promovendo um espaço de crescimento. No entanto, para que essa dinâmica funcione, é crucial que exista um contexto de respeito e acolhimento, onde todos possam se sentir seguros para compartilhar suas opiniões sem medo de retaliação ou desvalorização. Seria interessante pensar em formas de fortalecer esses espaços de debate

---

<sup>97</sup> “A Gente combinamos de não morrer”, constituem contundente epígrafe para um comentário sobre Olhos d`água, esta nova coleção de contos de Conceição Evaristo. Trata-se de frase-chave que enfeixa o turbilhão de questões sociais e existenciais recorrentes na escrita da autora, a presidir sua construção ficcional e a reiterar sua unidade temática. Como antes em sua obra ficcional, poética, ensaística, Conceição ajusta o foco de seu interesse na população afro-brasileira abordando, sem meias palavras, a pobreza e a violência urbana que a acometem: “Ultimamente na favela tiroteios aconteciam com frequência e a qualquer hora. Conceição Evaristo-Olhos d`água PDF.

<sup>98</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: Quais os consensos? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul. 2024

interno e garantir que as diferenças sejam vistas como oportunidades de aprendizado e evolução para todos os integrantes.

Os conflitos são inevitáveis na vida humana, não há registro históricos no qual, um povo não tenha rompido com suas relações sejam por ideologias, sejam por ideias. No sentido amplo, sempre existiu divergências gritantes com todos é que talvez lá na frente foi se agravar, mas enfim virou as rupturas né, deixou de ser divergência se transformou em rupturas e descontinuidades, mas até o momento eram divergências no sentido que essas divergências existissem, eu lembro que a divergência era férteis algumas delas<sup>99</sup>.

Weder apresenta um ponto importante para o debate: as vivências e interesses pessoais podem interferem no grupo, em algum momento, levando a conflitos eventuais. Essa ebulição de identidades pode trazer tanto a riqueza do debate e da diversidade de perspectivas quanto desafios significativos em termos de inclusão e representação. Facilitar um espaço onde todos se sintam confortáveis para expressar suas questões específicas é fundamental para que o grupo funcione de maneira coesa e solidária.

Um caminho poderia ser a implementação de espaços de diálogo onde os membros possam compartilhar suas vivências e as especificidades que consideram relevantes para o grupo. Esses momentos podem ajudar a construir entendimentos comuns, além de encontrar formas de integrar essas identidades diversas nas iniciativas coletivas, fazendo com que todos se sintam ouvidos e valorizados.

São várias identidades que começam a entrar em ebulição.... trabalhou bastante a identidade negra na política de como se tornam agente da política sujeito do conhecimento aí depois tem suas especificidades.... tinham essas questões muito específica ... e que ... eles o tinham questões e interesses específicos que o Akofena não conseguia abarcar<sup>100</sup>.

Giselli descreve de maneira muito forte os impactos que a falta de cuidado sobre acessibilidade impactou sobre seus sentimentos. A frase que a tocou profundamente – "poxa, a gente desceu a reunião só por causa de você" – demonstra não apenas uma falta de entendimento sobre acessibilidade, mas também uma falta de empatia em relação à experiência dela. Isso evidencia como a falta de consideração pelas necessidades de um membro pode gerar sentimentos de exclusão e desvalorização, levando ao afastamento.

<sup>99</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: pergunta não estruturada. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul.2024

<sup>100</sup> ALMEIDA, Weder. Título da entrevista: pergunta não estruturada. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 08 jun. 2024

Giselli não estava apenas enfrentando desafios relacionados à sua condição, mas também observando que, mesmo em um espaço que se propunha a discutir questões raciais e sociais, outras formas de discriminação, como o capacitismo, estavam se manifestando.

A sensação de não ser acolhida e perceber rachaduras nas relações, especialmente entre mulheres, também traz à tona o tema das rivalidades e das divisões dentro do grupo. Em contextos de luta e resistência, é essencial promover a solidariedade e o apoio mútuo, mas também pode ser difícil quando as tensões e as disputas pessoais emergem.

Marcamos uma reunião e essa reunião seria no andar superior no andar da UFRB que sobe pelo elevador menor ali, vamos montar ali porque não tinha nenhuma sala, botei lá no grupo, pra mim não dá! o elevador estar quebrado tem que descer essa reunião, só que no dia da reunião houve alguma coisa, que eu não pude participar da reunião, aí eu botei, gente eu não vou poder participar dessa reunião. E um integrante do grupo falo, e questionou assim, “poxa a gente desceu a reunião só por causa de você”, inclusive essa fala me ronda hoje, porque assim quando alguém vai fazer alguma coisa, não por causa de mim não? Era um lugar acessível, por acaso eu, era a única pessoa que necessitava de acessibilidade, então aquilo me tocou muito fundo, depois daquilo comecei a me esfriar em relação ao grupo eu vi que de fato é a gente discutia as questões raciais e tal, começou a surgir as questões de capacitismo mais de fato, ele não estava compreendendo qual era o papel eu não me sentir acolhida, porque era uma frase que eu ouvia sempre. Ha seu banheiro da universidade, tá não sei o que! Não é meu banheiro é o banheiro da acessibilidade, banheiro das pessoas que necessitam disso, não é meu banheiro. Então ouvir isso de uma pessoa importante dentro do grupo deu aquele bank, aí eu comecei.... e outra também estava rolando é... rachaduras entre mulheres no grupo houve muita briga entre as mulheres<sup>101</sup>.

O relato de Giselli serve como um lembrete poderoso de que a inclusão não deve ser apenas uma palavra-chave, mas uma prática ativa que exige atenção constante às diferentes necessidades e identidades dos membros. Para que um coletivo cresça e se mantenha forte, é crucial que todos os integrantes se sintam respeitados e valorizados em suas especificidades.

---

<sup>101</sup> OLIVEIRA, Giselli. Título da entrevista: Quais os dissensos? [entrevista cedida a Juliana Macambira] 13 ago. 2024

## Considerações Finais

O Núcleo Akofena desempenhou um papel fundamental na construção do pensamento antirracista dentro do Centro de Artes, Humanidades e Letras. Sua estrutura foi se fortalecendo e ganhando identidade ao longo do tempo. Sem dúvida, as manifestações organizadas pelos estudantes integrantes do coletivo contribuíram para que a academia refletisse tanto sobre sua própria estrutura quanto sobre sua localização geográfica, reconhecendo o território como um espaço culturalmente enriquecedor. Dessa forma, o Núcleo possibilitou uma análise mais profunda das problemáticas de um território negro marcado por rupturas sociais.

Além disso, o Núcleo Akofena trouxe à tona a importância do quilombamento, promovendo a autonomia coletiva e priorizando as narrativas descoloniais. Resgatou a metáfora do quilombo como espaço de resistência e liberdade para o povo negro e, sobretudo, buscou, por meio da luta política, afirmar a identidade dentro do coletivo.

A partir dessas narrativas, emergem dois pontos principais: "continuidades e discontinuidades". O Núcleo Akofena rompe com as estruturas colonialistas de opressão, representando a discontinuidade. Ao mesmo tempo, resgata a memória de seus ancestrais na busca por transformação e pertencimento, reafirmando as continuidades.

Para isso, o coletivo atuou no campo da cultura e das questões sociais, abordando temas como religião e os territórios quilombolas das comunidades. Seu objetivo foi promover uma reflexão sobre as identidades e subjetividades que emergem dessas novas construções coletivas.

Dessa forma, o Núcleo desempenha um papel fundamental ao desenvolver uma consciência política e projetar futuros, criando ferramentas de pertencimento para o povo do seu território.

Isso aqui é transitório, se mapear a trajetória hoje, de muitas dessas pessoas, eu acho que a gente estava certo, estudante é transitório, onde essas pessoas que estavam lá em 2008 a 2011 foram parar na pauta racial, você tem gente de cinema, você tem gente de ciências sociais, você tem de histórias. tem de gente de movimento negro, tem feminista, todas essas pessoas começaram a ter trato político da pauta racial dentro do Akofena hoje tem pessoas que são referências nacionais, inclusive<sup>102</sup>.

Esta pesquisa não tem a intenção de esgotar a compreensão sobre a organização do coletivo, até porque isso seria impossível. No entanto, busquei construir uma narrativa a partir das experiências de integrantes que participaram do grupo em diferentes momentos. Isso permitiu compreender as diversas fases do coletivo ao longo de sua trajetória, tanto na

---

<sup>102</sup> SANTANA, Clíssio. Título da entrevista: pergunta não estruturada. [entrevista cedida a Juliana Macambira] 11 jul.2024

universidade quanto no território do Recôncavo. Ainda assim, é fundamental destacar que o Núcleo Akofena não se identifica apenas como um coletivo estudantil. Sua luta é política e antirracista, evidenciando como os corpos de estudantes negros se estabelecem em espaços marcados pela estratificação social. O papel do coletivo ia além dos limites da universidade, questionando o eurocentrismo e a concepção do espaço acadêmico como único detentor do saber intelectual. Dessa forma, o Núcleo Akofena possibilitou a construção de uma relação de irmandade, articulando questões sociais tanto dentro do Centro quanto em seu ambiente externo.

O Núcleo Akofena se integrou ao Centro de Artes, Humanidades e Letras, marcado por sua diversidade e por debates de grande complexidade estrutural. Com foco nas questões antirracistas e políticas, além de ações coletivas, o grupo se propôs a desenvolver novas teorias e práticas em contextos historicamente padronizado pelas instituições, onde a construção ocidental frequentemente valida seus próprios interesses para manter privilégios. O coletivo promove uma mudança de perspectiva, propondo sua própria metodologia epistêmica.

Além disso, o Núcleo Akofena deixa um legado para o CAHL e para todo o seu território, demonstrando que, a partir dos espaços que ocupamos, é possível ressignificar locais historicamente marcados pelo privilégio. O coletivo se torna uma referência para novas gerações, ampliando as possibilidades de novas narrativas e estabelecendo vínculos com autores e ativistas negros. Dessa forma, tais ações negam completamente a linearidade imposta pelos padrões hegemônicos.

Os coletivos políticos se apresentam como um conjunto de estratégias epistemológicas e de resistência dentro e fora das instituições sociais. Eles rompem com a realidade hegemônica imposta pelas estruturas estatais e se propõem como agentes de transformação, atuando na construção de políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades sociais.

## QUESTIONÁRIO

Pesquisadora Juliana Macambira  
Mestranda no PPGCS- UFRB  
Cientista Social- UFRB  
Orientador Dr<sup>o</sup> Diogo Valença

E se toda a descolonização é um êxito para Fanon.  
Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio como nos ensina Conceição Evaristo.

Começo agradecendo por permitir narrar sua história, memorizá-la e eternizá-la para que outras pessoas possam alcançar. Gratidão! Esses são alguns dos pontos de questionamentos e ênfase que você pode se sentir à vontade para responder e desenvolver o texto sem limitações das ideias. Compartilho com você um pouco das minhas inquietações no pré-projeto apresentado ao programa. E não menos importante, preciso compreender sua trajetória de vida anterior e após a universidade, nossa Escrivência nos mantém vivas (os).

Até então, as universidades brasileiras tinham nenhum ou pouco acesso aos estudantes quilombolas, negros e indígenas, tais evidências foram debates tanto da sociedade civil como das instituições governamentais, os diálogos ganharam amplo conhecimento internacional como a conferência de Durban, na África do Sul, as críticas estavam articuladas com a lentidão do desenvolvimento educacional nos países colonizados, no que tange a universidades públicas, grupos específicos principalmente na região nordeste do país estavam fora do ensino superior. Em síntese, considero que para além das políticas afirmativas em educação há vetores que têm feito papel relevante no interior das academias. Sendo assim, as políticas afirmativas abrem caminhos para novos corpos e epistemologias. Os novos coletivos políticos universitários são frutos dessas políticas que têm o papel fundamental para os novos caminhos que se erguem as universidades públicas. Compreendemos, desta forma, que as articulações coletivas moldam as estruturas sociais e se fundam em epistemologias não brancas.

Esta pesquisa analisa como os coletivos políticos do Centro de Arte, Humanidades e Letras, se articulam e se modificam as trajetórias dos estudantes cotistas ou não, centrados em novas epistemologias, das literaturas negra e da perspectiva identitária. Basicamente quero compreender se houve mudanças e como ocorreram a partir das literaturas negras durante o processo acadêmico dos membros do coletivo Akofena.

Considerando a perspectiva das literaturas de autores negras e negros que têm construído uma forma de reexistir os corpos negros em espaços que historicamente foram ocupados pela branquitude. Pergunto: Quais mudanças estão construindo? Em perspectiva emancipadora. Repensar a estrutura social a partir das epistemologias negras é fundamental para formação social não só do negro, mas de uma humanidade “não hegemônica”, a partir de uma complexidade de identidades os coletivos políticos nos permite a construí diálogos em várias dimensões, a partir da literatura negra, do decolonialismo, da perspectiva identitária e das políticas afirmativas em educação como ações epistemológicas que surgem nas universidades públicas.

Raça/Cor .....

1 Você foi cotista? .....

2 Como foi sua vida estudantil anterior à UFRB?

3 O que te levou a escolher o curso, conte um pouco sobre seu ingresso na UFRB?

4 Ano de participação do coletivo Akofena e quais principais demandas na época.

5 Você tinha alguma relação com a militância negra antes do coletivo Akofena? Conte sua experiência.

6 Quais as motivações que te levaram a participar do coletivo Akofena?

7 Em relação a Consciência Racial, quais as percepções sobre as políticas de acesso.

8 Como as literaturas negras foram importantes para sua autoafirmação identitária dentro do coletivo e fora dele?

9 Quais transformações cotidianas foram perceptíveis no cotidiano da academia após as novas demandas epistemológicas do coletivo?

10 Você tem algo para contribuir que ache pertinente e importante para agregar a esta pesquisa?

Fique à vontade!

11 Quais literaturas negras teve papel relevante para sua formação acadêmica e intelectual e por quê?

12 Quais critérios foram utilizados para construção da carta de princípio?

13 O que foi o Núcleo Akofena, em termos político para você?

14 O que foi emblemático no Núcleo Akofena?

15 Como surgiu a ideia de criar um coletivo?

16 Quais ações foram realizadas nas comunidades?

17 Você participou da carta de princípio?

18 Quais eventos aconteceram nas comunidades de Cachoeira?

19 descreva sobre a pauta do gênero que aparece na carta de princípio?

20 O coletivo participou de eventos em outras cidades?

21 Quais os consensos?

22 Quais os dissensos?

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. In: ACOSTA, Alberto. **O complexo desafio da construção de um Estado plurinacional**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2006.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. In: ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Raça e Racismo**. São Paulo: Pólen, 2019.
- AZENHA, Maria da Graça. **Construtivismo de Piaget a Emilia Ferreiro**. São Paulo: Ática, 2003.
- BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia** (Rito Nagô). Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.
- BRAGA, Adriana. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16., 2007, Curitiba, PR. **Anais do 16º Encontro Anual da COMPÓS**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2007. p. 1-19.
- BORDIN, Évelin Zanelatto. Ofício costureira: um estudo sobre educação e as posições ocupadas no mercado de trabalho da confecção de vestuário na região metropolitana de Porto Alegre. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/193385> . Acesso em: 15 jul. 2024
- CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. In: CARNEIRO, Sueli. **Raça e direitos humanos no Brasil**. São Paulo: Selo Negro; Pólen, 2011.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

COLETIVO COMBAHEE RIVER. Manifesto do Coletivo Combahee River. Tradução de Stefania Pereira e Letícia Simões Gomes. **Plural**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-14, 2019.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/159864/154434> . Acesso em: 11 mar. 2024

COSTA, Bernardino Joaze; TORRES, Maldonado; MENDONÇA, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico. In: MENDONÇA, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). **Convergências entre intelectuais do Atlântico Negro: Guerreiro Ramos, Frantz Fanon e Du Bois**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

\_\_\_\_\_ Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico.  
COLLINS. Patricia, Hill. In: **Epistemologia feminina negra**. 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades)

.  
DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 31, p. 11-23, jan./jun. 2008. Disponível em: [periodicos.unb.br](http://periodicos.unb.br). Acesso em: 12 mar. 2024.

\_\_\_\_\_ Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico.  
MATTOS. Wilson Roberto de. In: **Ubuntu: por uma outra interpretação de ações afirmativas na universidade**. 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

\_\_\_\_\_ Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico.  
TORRES. Maldonado – Torres. In: **Análítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas**. - 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

COSTA, Juliana Patricia Pacheco Macambira. A (re)construção da identidade de jovens negros (as) a partir das políticas afirmativas em educação. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2021.

DARSKI, Caroline; CAPP, Edison; NIENOV, Otto Henrique. Estratégias didáticas para atividades remotas: Google Meet. In: NENOV, Otto Henrique; CAPP, Edison (Orgs.). Estratégias didáticas para atividades remotas. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. p. 161-178. Disponível em: [https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223467/001128255.pdf?sequence=&utm\\_source=chatgpt.com](https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/223467/001128255.pdf?sequence=&utm_source=chatgpt.com) . Acesso em: 12 mar. 2024

DAVIS, Angela. Mulheres, cultura e política. In: \_\_\_\_\_. **A arte na linha de frente: mandato para uma cultura do povo**. São Paulo: Boitempo, 2017.

\_\_\_\_\_ 1944. Mulheres, Cultura e Política. In: DAVIS, Angela. **Imaginando o Futuro**; tradução Heci Regina Candiani - 1, ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

EVARISTO, Conceição. Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrivivências e seus subtextos**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

\_\_\_\_\_ EVARISTO, Conceição. *Becos da memória* [livro eletrônico]. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. ePUB. ISBN 978-85-347-0552-3.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. In: \_\_\_\_\_. **O negro e a linguagem**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Fabiane Rodrigues; BARBOSA, Maria Lílian de Araújo; CAMPOS, Lívia Flávia de Albuquerque. O ofício de vendedor ambulante e suas ferramentas de trabalho: demanda por estudos ergonômicos. *ResearchGate*, 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3Z2ZVeZ>. Acesso em: 13 jun. 2024

FERRO, Ana Paula Rodrigues. A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. **Educação, Gestão e Sociedade**: Revista da Faculdade Eça de Queirós, Jandira, v. 5, n. 19, p. 1-5, ago. 2015. Disponível em:

<https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170509161801.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos**: a encruzilhada da esquerda brasileira. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FERREIRA, Santiago Aganju Fred. Memórias negras em luta: uma análise histórica multirreferenciada acerca dos desdobramentos comunitários do Núcleo Akofena. **Revista Humanidades e Inovação**, Porto Nacional, v. 7, n. 1, p. 1-15, jan. 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/9036>. Acesso em: 12 mar. 2025.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102?> . Acesso em: 12 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

FRANCISCO, Ana Lúcia; SOUZA, Severino Ramos Lima de. Aproximações entre fenomenologia e o método da cartografia em pesquisa qualitativa. In: SILVA NETO, Benedito Rodrigues da (Org.). **Revista Ciências da Saúde**: da teoria à prática, v. 11. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/aproximacoes-entre-a-fenomenologia-e-o-metodo-da-cartografia-em-pesquisa-qualitativa?> . Acesso em: 12 mar. 2024

GOMES, Maria João. Blogs: um recurso e uma estratégia pedagógica. *Actas do VII Simpósio Internacional de Informática Educativa*, Leiria, Portugal, 16-18 nov. 2005. Disponível em: [repositorium.sdum.uminho.pt](http://repositorium.sdum.uminho.pt) Acesso em: 11 mai. 2024

GONÇALVES, Marco Antonio. Doméstica: uma etnografia indiscreta. *Revista Estudos Feministas*, v. 23, n. 1, p. 212-234, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/2238-38752015v5212>. Acesso em: 11 mai. 2024

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação **In: O movimento negro brasileiro como ator político.** /Nilma Lino Gomes – Petropolis, RJ: Vozes, 2017.

\_\_\_\_\_ O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação **In: Pedagogias que emergem.** /Nilma Lino Gomes – Petropolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-Americano:** ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rios, Márcia Lima. 1º ed. Rio de Janeiro; Zahar, 2020.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Periferia**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2012. DOI: 10.12957.2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/3428> . Acesso em: 12 mar. 2024.

HILL COLLINS, Patricia. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista de Sociologia e Política*, v. 27, n. 75, p. x-x, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/>. Acesso em: 12 mai. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. Ensinando pensamento crítico. Sabedoria crítica. In: HOOKS, Bell. **O pensamento crítico.** São Paulo: Elefante, 2009.

IBÁÑEZ, Mario Rodríguez. Ressignificando a cidade colonial e extrativista. In: DILGER, Gerhard; LANG, Miriam; PEREIRA FILHO, Jorge (Orgs.). **Descolonizar o imaginário:** debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. Tradução de Igor Ojeda. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

LOPES, Joyce Souza. Pontuações e proposições ao branco/a e à luta antirracista: ensaio político-reflexivo a partir dos estudos críticos da branquitude. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 5., 2013, **Anais do V Simpósio Internacional Lutas Sociais na América Latina** [S.l.]: [s.n.], 2013. Disponível em: [https://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v11\\_joyce\\_GV.pdf?utm\\_source](https://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/v11_joyce_GV.pdf?utm_source) Acesso em: 12 mar. 2024.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MELUCCI, Alberto. **Um objeto para os movimentos sociais?** Movimentos sociais: questões conceituais. Tradução de Suely Bastos. Fascículo de junho de 1989.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

Disponível em:

[https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf) acesso em: 14 jul. 2024.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, p. 1-15, jul./out. 2012. Disponível em:

<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246>. Acesso em: 11 maio. 2024.

MAPA DE CONFLITOS ENVOLVENDO INJUSTIÇA AMBIENTAL E SAÚDE NO BRASIL. BA – Comunidades pesqueiras e quilombolas lutam contra instalação de resort na ilha de Cajaíba. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:

<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/ba-comunidades-pesqueiras-e-quilombolas-lutam-contrainstalacao-de-resort-na-ilha-de-cajaiba/> . Acesso em: 15 de dezembro de 2024.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? **Revista da ABPN**, v. 4, n. 8, p. 1-15, jul./out. 2012. Disponível em:

<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/246> . Acesso em: 11 maio. 2024.

MICROSOFT. Dite seus documentos no Word. *Suporte da Microsoft*, 2025. Disponível em: <https://support.microsoft.com/pt-br/office/dite-seus-documentos-no-word-3876e05f-3fcc-418f-b8ab-db7ce0d11d3c>. Acesso em: 12 mar. 2024

NASCIMENTO, Abdias do. Cultura: uma unidade criativa. In: \_\_\_\_\_. **O quilombismo**. 2. ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2002.

\_\_\_\_\_. O Teatro Experimental do Negro. In: NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo**. 2. ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares. 2002.

\_\_\_\_\_. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. In: NASCIMENTO, Abdias do. **A perseguida persistência da cultura africana no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O negro visto por ele mesmo. In: RATTIS, Alex (Org.). **Por um território (novo) existencial e físico**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. Pós-fácio de Muniz Sodré; texto de Bethania Nascimento Freitas Gomes.

NÚCLEO AKOFENA. II Curso de Formação Básica. **Akofena Histórico**, 12 dez. 2012. Disponível em: <https://akofenahistorico.blogspot.com/2012/12/ii-curso-de-formacao-basica.html?view=mosaic>. Acesso em: 12 mai. 2024.

OYÈWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o corpo: teorias ocidentais e sujeitos africanos. In: \_\_\_\_\_. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/[https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2022/05/Oyewumi\\_Oyeronke\\_A\\_Invencao\\_das\\_Mulheres.pdf](https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2022/05/Oyewumi_Oyeronke_A_Invencao_das_Mulheres.pdf). Acesso em: 13 ago. 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Descolonizando\_saberes: mulheres negras na ciência. In: \_\_\_\_\_. **História das ciências e descolonização de saberes**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

---

História Pretas das Coisas: 50 Invenções científico-tecnológicas de pessoas negras. In: PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Descolonizando a Ciência em Afro Perspectiva**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: \_\_\_\_\_. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: LACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

ROGÉRIO, Thiago. O que é confeitaria: entenda essa arte deliciosa. *Gastronomia Blumenau*, 24 ago. 2024. Disponível em: <https://www.gastronomiablumenau.com.br/glossario/o-que-e-confeitaria-arte-deliciosa/>. Acesso em: 29 out. 2024.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e pensamento racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Disponível em: <https://archive.org/details/oespetaculodasra0000schw/mode/2up?view=theater> Acesso em: 15 de dezembro de 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. Disponível em: <https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/10/tornar-se-negro-neusa-santos-souza.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2024.

SOUZA, Eloisio Moulin de. Ações afirmativas e estereótipos sociais: desconstruindo o mito da inferioridade cotista. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, v. 27, n. 75, jun. 2019. ISSN 1068-2341. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3615/2270>. Acesso em: 12 mai. 2024

STRECK, Danilo Romeu.; ADAMS, Telmo. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. *Educação e Pesquisa*, São

Paulo, v. 38, n. 1, p. 243-258, 2012. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28337> . Acesso em: 11 de junho de 2024.

SYMBOLIKON. Símbolos e significados Adinkra. 2005. Disponível em:

<https://symbolikon.com/meanings/adinkra-symbols-meanings/>. Acesso em: 17 jul. 2024.

VECCI, Marília Ferreira Guedes. Resenha de: Estudos afro-brasileiros. **Revista de História**, São Paulo, v. 51, n. 101, p. 453–455, 1975. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132934> . Acesso em: 29 maio 2024.

ZOLIN-VESZ, Fernando. O conceito de "descolonialidade" e outras reflexões no campo da Linguística Aplicada: entrevista concedida a Everaldo Lima de Araújo, Keyla Silva Rabêlo e Priscilla da Silva Figueiredo. **Palimpsesto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 2-25, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/palimpsesto/article/view/50560> . Acesso em: 17 jul. 2024.